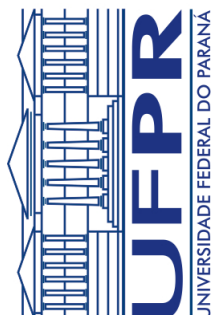


**SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FABIO ANTONIO PELLANDA**

## **O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ATLETA DE BASQUETEBOL MASCULINO EM CURITIBA**

Dissertação de Mestrado defendida  
como pré-requisito para a obtenção do  
título de Mestre em Educação Física,  
no Departamento de Educação Física,  
Setor de Ciências Biológicas da  
Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA  
2010**

**FABIO ANTONIO PELLANDA**

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ATLETA DE  
BASQUETEBOL MASCULINO EM CURITIBA**

Dissertação de Mestrado defendida  
como pré-requisito para a obtenção do  
título de Mestre em Educação Física,  
no Departamento de Educação Física,  
Setor de Ciências Biológicas da  
Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA  
2010**



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Departamento de Educação Física



# TERMO DE APROVAÇÃO

FABIO ANTONIO PELLANDA

## “O Processo de Formação de Atletas de Basquetebol Masculino em Curitiba”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli (Orientador)  
Departamento de Educação Física / UFPR

Professora Dra. Dagmar A. C. F. Hunger

Professor Dr. Fernando Marinho Mezzadri

Curitiba, 22 de Março de 2010

Campus Jardim Botânico–CEP: 80.215-370 – Curitiba/PR  
Telefone: (41) 3362-8745 Fax (41) 3360-4336  
email: [mestrado\\_edf@ufpr.br](mailto:mestrado_edf@ufpr.br) [danieldias@ufpr.br](mailto:danieldias@ufpr.br)

[www.edf.ufpr.br](http://www.edf.ufpr.br)

**DEDICATÓRIA**

*Aos meus pais que sempre me incentivaram a me desenvolver como pessoa, ensinando-me a o valores necessários para isso. A minha mãe, a Dona Maria por estar sempre insistindo no meu aperfeiçoamento tanto profissional como educacional. Ao meu pai, Seu Geraldo, que me influenciou a ter o gosto pelo esporte. Agradeço-lhes pelo apoio, e de me suportarem em casa ainda hoje. Também, dedico as minhas irmãs, Marcela e Juliana, minha sobrinha e meus cunhados. Por fim aos meus avós, que sempre acreditaram em mim.*

## AGRADECIMENTOS

É sempre difícil agradecer a todas as pessoas que me ajudaram durante minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Alguns terão um “duplo” agradecimento por estarem envolvidos em mais de um segmento da minha vida. Espero lembrar de todos aqui para não cometer nenhuma injustiça.

Início pelo meu orientador, Fernando Cavichioli, o Cavicca, que me deu a oportunidade de entrar no programa de mestrado. Peço desculpas pelas minhas teimosias e indisposições para aceitar certas críticas.

Ao meu grande amigo, e atleta da equipe máster da qual sou técnico, Rolando Ferreira Jr. que me motivou a entrar no programa de mestrado.

Marcelo e Thais Pastre, que por meio dos seus avanços acadêmicos me motivaram a prosseguir na minha especialização nos estudos.

Aos técnicos que me deram oportunidade de aprender e me deram a chance de iniciar minha vida profissional dentro do basquetebol: Fabíola dos Santos com meu primeiro estágio no Círculo Militar do Paraná; Andréa da Cruz que me abriu as portas da Sociedade Thalia; Ernani Mendes da Silva, no Colégio Marista Paranaense, técnico que me ensinou ser possível formar atletas dentro de uma escola; Luis Fernando Gonçalves, que me propiciou ser assistente técnico na seleção de Curitiba por seis anos.

Meus coordenadores e ex-coordenadores, sempre conscienciosos, em respeitar minha divisão entre a vida profissional e acadêmica. Meu agradecimento a Francisco Faigle, Fernando Knaipp, Ernani Mendes da Silva, Andréa da Cruz e Jonei Bello.

Agradeço a Anderson Ikenaga e Eric Bartnik por me substituírem em minha função profissional, sempre que eu tive compromissos acadêmicos ou profissionais de outra instituição.

Agradeço a todos os atletas que já trabalharam ou trabalham comigo, podem ter certeza que me empenhei ao máximo para fazer de todos não só atletas, mas pessoas melhores, e que também aprendi com todos.

Aos meus amigos nas vitórias e derrotas, por todos esses anos de campeonatos, jogos e treinamentos na Sociedade Thalia: principalmente Daniel, Pastre, Zé Valim, Anderson Ikenaga, Adelino, Luisão, Marcão e Vina. Também para Denis, Cristian, Berna, Rogério, Ariel, Tuba, Thiago, Jarrão e Hélcio.

Ao grupo de basquetebol máster da Sociedade Thalia, especialmente Carvalho, André, Irapuã e Pierre.

A todos os técnicos e professores, companheiros de trabalhos nesses últimos anos. Um agradecimento especial aos amigos Vinicius, Junior, Zizi, Hércio, Chamon, Douglinhas, Scremim, Scorcin, Renato, Marcão, Eiel, Gonzáles, e Coelho.

A todos os sujeitos entrevistados, que gentilmente colaboraram com a entrevista, em especial a Amarildo Rosa, presidente da FPrB.

Agradeço a todas as instituições que me deram oportunidades de trabalhar em especial Sociedade Thalia, Colégio Marista Paranaense e Colégio Nossa Senhora Medianeira.

A meus companheiros de profissão, adversários de muitas batalhas, que contribuem a me especializar cada vez mais na minha função, especialmente os técnicos Luis Fernando Gonçalves, Daniel Lazier, José Guimarães, Roberto Souza, Fabíola do Santos.

Aos colegas do curso Aline, Leôncio, Renato, Luciano, Saulo, Borges, Barbara e Pedro. Aos professores Wanderlei Marchi Jr., Fernando Marinho Mezzadri, Doralice Lange de Souza que contribuíram com seus conhecimentos e no andamento da minha pesquisa. Daniel Dias, e suas orientações sobre os trâmites da pesquisa. Sonia Stabile e Rosane Kupka que me auxiliaram na redação da pesquisa.

A minha família pais, irmãos, tios, primos, e amigos. Agradeço a Deus por me proteger e me dar forças para prosseguir na minha vida.

## RESUMO

Essa pesquisa tem na sua essência estudar a formação do atleta de basquetebol masculino na cidade de Curitiba. Para tanto, é necessário entender o contexto do universo analisado, ou seja, a pesquisa envolve os indivíduos, atletas, técnicos e dirigentes, e as instituições, clubes, escolas e FPrB.

Posteriormente, tive a oportunidade de contar com a colaboração de indivíduos e instituições para entender a participação dos mesmos dentro do processo de formação de atletas de basquetebol em Curitiba. Então, defini o problema desse estudo: Analisando as estruturas formativas (clubes e escolas) e estrutura institucional (FPrB), como ocorre o processo de formação do atleta de basquetebol em Curitiba na perspectiva de dirigentes, técnicos e atletas?

Sempre respeitando essa perspectiva, foi investigada a estrutura atual do basquetebol masculino curitibano, observando o número de instituições e suas ações, os objetivos presentes no processo de formação dos atletas por parte das estruturas formativas e institucionais, e identificando os fatores que envolvem a participação dos atletas no processo de formação.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário entrevistar sujeitos que pudessem nos dar os indícios necessários para compreender como ocorre esse processo nas instituições e nos indivíduos, para isso foi elaborado uma entrevista presencial semi-estruturada, de cunho qualitativo. Como referencial teórico utilizamos alguns dos conceitos da Teoria Configuracionista de Norbert Elias, como o *habitus*, configuração e as teias de interdependência. Esses conceitos nos auxiliaram na análise dos dados empíricos obtidos, a qual foi possível relacionar com os dados obtidos pelas entrevistas.

Neste contexto foi possível observar que a formação de atletas de basquetebol em Curitiba não é realizada em Curitiba como objetivo principal dos clubes e escolas, resultado da falta de integração entre estas e a estrutura institucional, desde a FPrB até a CBB. Desse modo a configuração do microcosmo analisado, o basquetebol masculino de Curitiba, pode servir de modelo de estudo e para outras cidades.

**Palavras-chave:** basquetebol; formação esportiva; Teoria configuracional

## ABSTRACT

*This research's goal is to study the training process of a basketball male athlete in the city of Curitiba. In order to do so, it is necessary to understand the context of the universe to be analysed such as individuals, athletes, coaches, managers, in addition to the institutions, clubs, sport schools and the Federação Paranaense de Basketball (FPrB).*

*Afterwards, I had the cooperation of individuals and institutions in order to understand their effective participation in the training process of a basketball athlete in Curitiba. Then I defined the problem of this essay: Analyzing the educational structures (clubs and schools) and institutional structure (FPrB), how is the training process of a basketball athlete in Curitiba under the perspective of managers, coaches and athletes?*

*Respecting this perspective, a research was done on the structure of the male basketball in Curitiba which observed the number of institutions and its actions, the institution goals in the training process, and identifying the factors which involves the participation of the athlete in the training process.*

*In order to accomplish this essay, it was necessary to interview some people who would give us feedback about how the training process happens in the institutions. To do so, an interview was planned. As a theoretical referencial, we use concepts from the Configurational theory. from Norbert Elias such as habitus, configuration, and an interdependent net. These concepts would help us to analyse*

*In this context it was possible to observe that this training for a basketball athlete in Curitiba is not the main priority for sport clubs or schools, which results in lack of integration between these and the FPrB and the school. Then, the configuration of the microcosmo analysed, the male basketball in Curitiba.*

**Keywords: basketball, athletic formation, Configurational Theory**



**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - EQUIPES PARTICIPANTES DOS CAMPEONATOS DE BASE, NA REGIÃO SUL, DA FPRB NO ANO DE 2008.....	45
QUADRO 2 - EQUIPES PARTICIPANTES DOS CAMPEONATOS DA PMC NO ANO DE 2008.....	67
QUADRO 3 - ETAPAS DE FORMAÇÃO.....	113

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O CENÁRIO ESPORTIVO DA FORMAÇÃO DE ATLETAS</b>	<b>24</b>
1.1 O BASQUETEBOL DE CURITIBA.....	35
1.2 A ESTRUTURA INSTITUCIONAL.....	41
1.3 A ESTRUTURA FORMATIVA: CLUBE E ESCOLA.....	48
1.4 OS CLUBES COMO INSTITUIÇÃO FORMADORA.....	55
1.5 AS ESCOLAS COMO INSTITUIÇÃO FORMADORA.....	63
<b>CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO ESPORTIVA DENTRO DOS ASPECTOS DO BASQUETEBOL.....</b>	<b>74</b>
2.1 SURGIMENTO E MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DO BASQUETEBOL NAS ESTRUTURAS FORMATIVAS.....	75
2.2 O PROCESSO FORMATIVO E SEUS COMPONENTES.....	80
2.2.1 O componente técnico no basquetebol.....	94
2.2.2 O componente físico no basquetebol.....	99
2.2.3 A representação do jogo: o componente tático.....	101
2.2.4 os componentes auxiliares na formação do atleta de basquetebol.....	105
<b>3.0 CAPÍTULO 3 - AS ETAPAS DE FORMAÇÃO.....</b>	<b>111</b>
3.1 A PRÉ-INICIAÇÃO.....	121
3.2 A INICIAÇÃO ESPORTIVA.....	125
3.3 ETAPA DAS COMPETIÇÕES.....	130
3.4 A ESTAGNAÇÃO.....	138
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>165</b>
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ATLETAS.....	166
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TÉCNICOS E DIRIGENTES.....	168
<b>ANEXOS.....</b>	<b>170</b>
ANEXO 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS.....	171

## LISTA DE ABREVIATURAS

**ABRADE:** Associação Brasileira do Desporto Educacional

**CBB:** Confederação Brasileira de Basketball.

**FIBA:** International Basketball Federation.

**FPrB:** Federação Paranaense de Basketball.

**INEP:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**JOCOPS:** Jogos Colegiais do Paraná.

**JOJUPS:** Jogos da Juventude do Paraná.

**JUPS :** Jogos Universitários do Paraná

**JUBS:** Jogos Universitários Brasileiros

**LEB:** Liga Escolar de Basquete.

**NBA:** National Basketball Association

**NBB:** Novo Basquete Brasil

**NCAA:** *National Collegiate Athletic Association*

**PMC:** Prefeitura Municipal de Curitiba.

## INTRODUÇÃO

A primeira lembrança do basquetebol que me vem à mente é a do Campeonato Mundial de 1986, quando a seleção brasileira masculina venceu o Panamá na prorrogação. A razão pela qual esse jogo me marcou é incerta, talvez pela forma como foi decidido nos últimos segundos, apesar de eu não me lembrar como a cesta foi feita, muito menos do atleta responsável pela mesma.

O basquetebol entrou definitivamente na minha vida no ano de 1987 com a vitória da Seleção Brasileira diante dos Estados Unidos na final do torneio masculino nos Jogos Pan-Americanos. Não sei se pela euforia da conquista propriamente dita, ou se pela maneira com que uma partida de basquetebol se desenrola com várias alternâncias e possibilidades de se vencer ou perder um jogo, o fato é que o episódio como um todo acabou despertando em mim uma paixão por esse esporte.

Desde então, tenho estado envolvido ativamente com a modalidade seja como atleta, técnico ou acadêmico interessado em colaborar com o desenvolvimento do esporte. Creio que não foi como atleta a minha melhor contribuição para o basquetebol, mas sim a decisão em me tornar técnico e professor. Comecei minha incursão nesse meio no ano de 1998, ainda como estagiário, assumi a função de assistente técnico da equipe infanto-juvenil masculina do Círculo Militar do Paraná. Com o fim do estágio, surgiram algumas oportunidades de trabalho como técnico. Entre elas, recebi o convite para tornar-me o técnico das escolinhas da Sociedade Thalia, e do Colégio Marista Paranaense, além de assumir as equipes de basquetebol feminino do Colégio Expoente

Minha carreira como técnico, já soma, aproximadamente, onze anos de atuação, com passagem por outros colégios, clubes, e seleções. Transitei por todas as faixas etárias das categorias de base, somando também experiências no basquetebol adulto, universitário e veterano. Atualmente trabalho como técnico de basquetebol masculino nas categorias sub-15, sub-17, sub-19, adulto e máster na Sociedade Thalia. Também atuo como técnico masculino e feminino, nas categorias sub-12, sub-13, sub-14 e sub-15 no Colégio Marista Paranaense.

Concomitantemente sempre busquei realizar algo a mais além da função de professor e técnico. Nesse ínterim produzi um blog na internet<sup>1</sup> com a intenção de divulgar a modalidade, mais especificamente do basquetebol de Curitiba e do

---

<sup>1</sup> <http://www.basquetecuritiba.blogger.com.br>

Paraná, já que até aquele momento nem a federação local tinha *site* para esse fim.

Nesse período ocorreu uma queda no desempenho do basquetebol brasileiro referente a resultados que culmina na atual realidade: a seleção brasileira masculina não conseguiu classificar-se para os últimos três Jogos Olímpicos. Sobre isso Beneli (2007) comenta que: “os resultados internacionais é um dos aspectos inseridos sobre a espetacularização do esporte, e sem dúvida influencia na formatação das diferentes manifestações em torno da evolução e até sobrevivência de certas modalidades”.<sup>2</sup> Analisando essa citação percebi que o basquetebol brasileiro se adequava a observação de Beneli.

Com isso constatei que a modalidade perdeu espaço na mídia, ficando restritas as TVs por assinatura, internet (por meio de *blogs* e *sites* especializados) e pequenos espaços em jornais de grande circulação. Além disso, a maior parte das notícias relacionadas ao basquetebol divulgava a NBA, suas equipes, ídolos e finais de campeonatos. Quando surgiam às notícias sobre o basquetebol brasileiro, eram sobre maus resultados da seleção masculina, atletas se negando a jogar pela seleção, brigas entre dirigentes da CBB e os clubes, e críticas por parte dos grandes atletas da modalidade.

Por todas essas razões, houve uma queda de popularidade do basquetebol perante outras modalidades. Atualmente, de acordo com números da Pesquisa Ipsos Marplan, encomendada pela SporTV<sup>3</sup>, o basquetebol é apenas o sétimo esporte mais praticado no País (com 4%). Entre os que atraem a atenção do público, citados como "esportes mais acompanhados", a situação melhora. O basquetebol fica em 4º, atrás do futebol, vôlei e automobilismo.<sup>4</sup>

Observando a queda do rendimento do basquetebol masculino em competições internacionais, e a queda da popularidade<sup>5</sup> da modalidade percebeu-se que direta ou indiretamente isso estava afetando o surgimento de novos praticantes. Esse fato foi constatado em Curitiba, pois houve uma diminuição de entidades filiadas a FPrB, e como conseqüência uma diminuição no número de atletas praticando a modalidade nos últimos anos.

---

<sup>2</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. UNICAMP,2007.

<sup>3</sup> Canal de TV por assinatura com a programação voltada inteiramente ao esporte.

<sup>4</sup> Site Draft Brasil: <http://www.draftbrasil.net/modules.php?name=News&file=article&sid=1883>. Acesso em 13 de junho de 2007.

<sup>5</sup> O basquetebol já foi o segundo esporte em popularidade no Brasil, perdendo apenas para o futebol.

Diante desse quadro, e vivenciando no dia a dia as relações com atletas, escolas, clubes e federações, surgiram algumas inquietações no sentido de entender os fatos referentes a formação do atleta de basquetebol masculino. Assim sendo, considero ser importante estudar o processo de formação dos atletas, tomando como exemplo o modelo existente em Curitiba, o qual pode ser considerado uma regularidade, não uma exceção, dentro do basquetebol brasileiro.

Entretanto necessitamos entender o significado do termo “formação de atletas”. A palavra formação, segundo o Dicionário Aurélio remete a alguns significados dentre os quais selecionamos: “Ação ou efeito de formar ou formar-se: / Educação, instrução, caráter: pessoa de boa formação; Conceber: formar um projeto. / Constituir / Instruir: formar o espírito. / Amoldar, educar: formar um adolescente.”<sup>6</sup>

O termo “atleta” incorpora alguns significados. Nesse ponto recorreremos ao auxílio de Tubino, não que o autor defina o significado do termo atleta propriamente dito, porém Tubino apresenta algumas definições sobre o esporte que podem contribuir a entender o termo. De acordo com Tubino (2001) as dimensões sociais admitidas para o esporte na atualidade são: esporte-participação, esporte-performance e o esporte-educação. O esporte-participação seria a dimensão ligada ao prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes.

O esporte-performance como o próprio termo deixa evidenciado esta relacionado com a organização complexa e investimentos, visando o rendimento. por Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos e a vitória sobre adversários. Por fim o esporte-educação tem como finalidade democratizar e gerar cultura através de modalidades motrizes de expressão de personalidade do indivíduo em ação, desenvolvendo este indivíduo numa estrutura de relações sociais recíprocas e com a Natureza, a sua formação corporal e as próprias potencialidades.<sup>7</sup>

Não cabe discutir se as definições apresentadas por Tubino para cada dimensão de esporte são delimitadas claramente em cada uma delas, pois é possível encontrar interseções entre cada dimensão. Assim no nosso entendimento todos os indivíduos que atuam em algumas dimensões de esporte propostas por Tubino podem ser consideradas atletas. Todavia nessa pesquisa além desse auxílio de Tubino, consideraremos atletas, todos os indivíduos que praticam o basquetebol

---

<sup>6</sup>Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 10 de maio de 2009

<sup>7</sup> Cf TUBINO, M. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

pelo menos duas vezes semanais, que é o caso dos iniciantes de 8 anos de idade no basquetebol de Curitiba.

De todo modo o termo “processo de formação de atletas” é, por si só, um conceito muito abrangente e com várias perspectivas. Assim podemos entender que um processo formativo no esporte engloba tanto a perspectiva de formar atletas para a modalidade, por meio da instrução, e da mesma maneira ter aspectos ligados a formação do caráter. Entretanto na área da educação física e do esporte a impressão dominante é a de que a formação de atletas é mais direcionada a uma perspectiva pedagógica que permite aos atletas a incorporação, em matéria de desempenho, de uma modalidade de gestos técnicos e qualidades físicas, relacionados ao processo de aprendizagem motora e ao treinamento desportivo, do que a uma perspectiva educativa para aquisição a formação da personalidade do indivíduo.

O olhar sobre essa perspectiva pedagógica, de que os atletas somente participam desse processo como produtos de um meio voltado para o desempenho, será analisado num contexto sociológico. Na atualidade o esporte moderno é utilizado constantemente como objeto de estudo em varias áreas acadêmicas, mas de maneira auspiciosa, a sociologia vem se apropriando do esporte como objeto de estudo, realizando trabalhos importantes no sentido de entender o esporte moderno. Marchi Jr. fala sobre a importância do esporte como objeto de estudo:

Podemos citar a historia do esporte, antropologia do esporte, a sociologia do esporte, a economia do esporte, em suma, uma rede de estudos na qual - renomados autores e autoridades de diversas áreas do conhecimento acadêmico estão direcionando seu escopo teórico para estudar o fenômeno de maior impacto sociocultural do final do século XX e inicio do XXI<sup>8</sup>

A escolha da Sociologia do esporte se deve ao fato dela nos dar maiores possibilidades de observarmos o contexto do universo analisado de forma empírica, e com possibilidades de incluir análises mais próximas a realidade do objeto de estudo. Por meio da sociologia foi possível chegarmos ao problema que norteara o objeto de pesquisa desse estudo: analisando as estruturas formativas (clubes e escolas) e estrutura institucional (FPrB), como ocorre o processo de formação do atleta de basquetebol em Curitiba na perspectiva de dirigentes, técnicos e atletas?

---

<sup>8</sup> MARCHI JR, W. **Como é possível ser esportivo e sociológico**. In: GEBARA, A e PILATTI, L. Ensaio sobre sociologia nos Esportes. Jundiaí: editora Fontoura, 2006, p.160.

Com o problema definido determinei o objetivo geral do trabalho, e com isso delimito através dos objetivos específicos os pontos mais relevantes a serem discutidos durante a pesquisa. Assim o objetivo geral dessa pesquisa é: Investigar como ocorre o processo de formação de atletas em Curitiba na perspectiva de técnicos, dirigentes e atletas.

Já os objetivos específicos são os seguintes:

- Realizar um retrato atual da estrutura do basquetebol masculino Curitibano, observando o número de instituições, e suas ações.

- Discutir a estrutura do basquetebol curitibano de base enfocando clube, escola e FPrB.

- Levantar os objetivos presentes no processo de formação dos atletas por parte das estruturas formativas e institucional.

- Identificar os fatores que envolvem a participação dos atletas no processo de formação.

De modo a cumprir o objetivo da pesquisa, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com um grupo de dirigentes, atletas e técnico de basquetebol. Para Marconi e Lakatos (2002) a entrevista “trata-se, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.”<sup>9</sup>

O objetivo principal das entrevistas foi levantar, a partir de tais depoimentos, como é realizado o processo de formação do atleta de basquetebol em Curitiba. Com os depoimentos dos atletas pretendeu-se chegar ao núcleo da motivação que os leva a participar do processo.

Minha atuação como técnico de basquetebol permitiu ter acesso aos entrevistados da pesquisa, primeiramente o contato foi feito com os técnicos que escolhi participar dessa pesquisa, e posteriormente, por intermédio desses, foi feito o contato com os atletas e dirigentes que participaram do meu estudo.

A escolha dos entrevistados se deu por meio dos filiados inscritos nas competições promovidas pela FPrB. Houve no ano de 2008 seis equipes participantes de seus campeonatos, mas somente três delas atuam em mais de uma categoria: Sociedade Thalia, Círculo Militar do Paraná/Dom Bosco, e Tittãs Basketball. Consideramos essas três equipes como as de maior importância para

---

<sup>9</sup> MARCONI, M.; LAKATOS E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. P. 93.



serem estudadas, conjuntamente com a instituição maior a FPrB. Portanto, os participantes foram selecionados através dos seguintes critérios:

- quatro técnicos - que atuaram e que, portanto, participaram de forma efetiva desse processo. Um da Sociedade Thalia, dois do Círculo Militar do Paraná/Dom Bosco e um do Tittãs Basketball que são as principais instituições do basquetebol curitibanos. A razão pela qual serão entrevistados dois técnicos e somente um das outras duas instituições se deve ao fato de que, na Sociedade Thalia um dos técnicos é esse pesquisador, restando somente um a ser entrevistado; enquanto que na equipe do Tittãs Basketball existe somente um profissional trabalhando nessa função.

- cinco dirigentes – que estão ou estiveram à frente das entidades que controlam a estrutura organizacional do basquetebol curitibano. Assim divididos: presidente da FPrB; diretor de esportes da Sociedade Thalia; diretor de esportes do Círculo Militar do Paraná e coordenador de esportes do colégio Dom Bosco. Não foi encontrado nenhum agente que corresponda à figura do dirigente de área esportiva na equipe do Tittãs Basketball. No decorrer da pesquisa sentimos a necessidade de entrevistar algum dirigente ligado somente a alguma escola por considerarmos importante se conhecer a visão de entidades que não formam atletas com intenções competitivas. Escolhemos entrevistar o Coordenador de esportes do Colégio Nossa Senhora Medianeira, que não participa de competições promovidas pela FPrB.

- Oito atletas que atuaram em competições, com no mínimo dois anos de treinamento, para termos uma visão do agente que está sendo formado no basquetebol em Curitiba. Os atletas entrevistados fazem parte de uma das três instituições citadas acima, e foram selecionados pela categoria sub-16<sup>10</sup> no ano de 2008. Isso porque, além de ser a categoria com mais equipes filiadas em 2008 – dez no total –, foi a categoria cuja faixa etária, em 2009, representou o estado no Campeonato Brasileiro Juvenil<sup>11</sup>, promovido pela CBB, também foi utilizado como critério o fato de que 2009 seria o último ano em que os atletas poderiam participar dos Jogos da Juventude do Paraná<sup>12</sup>. Entretanto a Paraná Esporte alterou essa idade para o ano de 2009, aumentando em um ano a idade permitida. A escolha de

---

<sup>10</sup> Será padrozinado ao longo do trabalho as categorias conforme a idade. Utilizaremos o prefixo “sub” ao lado da idade, que corresponde à idade limite para que o atleta possa competir em determinada categoria.

<sup>11</sup> Competição entre estados, representados pelas federações de basquetebol locais, promovido pela CBB. Disponível em <<http://www.cbb.com.br/competicoes.asp>>. Acesso 21 de junho de 2008.

<sup>12</sup> Jogos da Juventude do Paraná. Competição promovida pelo estado do Paraná, disputado pelas seleções de cada cidade em várias modalidades, uma espécie de olimpíada escolar. Disponível <<http://www.jogosdajuventude.pr.gov.br/>> Acesso em 21 de junho de 2008.

um maior número de atletas para serem entrevistados, deve-se ao fato deles comporem um grupo de sujeitos mais numeroso em relação ao grupo de técnicos e dirigentes.

O material da pesquisa qualitativa foi coletado através das entrevistas presenciais, e foram transcritos *verbatim*, procurando garantir a confiabilidade dos dados, preservando assim as idéias tais como elas foram expressas pelos participantes. O conteúdo das entrevistas somente foi utilizado após a permissão do participante, através do Termo de Consentimento Livre e Informado, documento este endossado pelos mesmos.<sup>13</sup>

O conteúdo das entrevistas pessoais ficou disponível, de modo que os participantes pudessem corrigir possíveis erros ou interpretações equivocadas ou, ainda, para que pudessem acrescentar outras informações relevantes aos dados das entrevistas anteriores. Os entrevistados tiveram a opção de se manterem no anonimato (com exceção dos atletas, por serem menor de idade tiveram a identidade preservadas), entretanto essa opção não foi desejada por nenhum dos entrevistados.

As entrevistas tiveram fundamental importância no decorrer do trabalho, pois permitiu realizarmos diversas aproximações entre os dados coletados e a fundamentação teórica. Amado e Ferreira, apontam que:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordenam procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática.<sup>14</sup>

Para Marconi e Lakatos (2002) a entrevista “trata-se, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.”<sup>15</sup> Portanto, a entrevista oral com os sujeitos pesquisados, nos foi útil devido a relação próxima que tivemos com os mesmo, pois nos forneceu dados importantes para a realização da pesquisa ; assim como nos auxiliou a evitar que os mesmos tentassem desviar do tema principal de alguma

---

<sup>13</sup> Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Setor de Ciências da Saúde da UFPR com o registro CEP/SD 746.81.06 e do CAAE 2184.0.000.091-09.

<sup>14</sup> AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001. P. XVI.

<sup>15</sup> MARCONI, M.; LAKATOS E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. P. 93.

pergunta. Nesse ínterim, os dados coletados por meio das entrevistas foram triangulados entre os agentes entrevistados e os conceitos teóricos propostos pelo trabalho, dando subsídios para se investigar e comparar as categorias do objeto de estudo.

Conjuntamente aos dados obtidos, foi realizada uma abordagem sociológica apresentando os conceitos de configuração, interdependência e *habitus* de Norbert Elias. Esses pressupostos servirão de base para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, pois os mesmos terão a função de fazer a ponte entre os dados recolhidos e as reflexões advindas da sociologia do esporte.

O conceito de configuração presente nas obras de Norbert Elias destaca a idéia da relação da organização da sociedade e as mudanças na estrutura de comportamento e na constituição psíquica, pretendendo escapar das análises sociológicas estáticas. Esse conceito foi utilizado para compreender como está organizado o basquetebol curitibano e as relações entre as instituições e indivíduos. Sobre o conceito de configuração de Norbert Elias, podemos nos aproximar inicialmente com a idéia de jogo:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmos-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: « O jogo hoje à noite está muito lento!». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostramos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo «jogo». Nem o jogo é uma idéia ou um «tipo ideal», construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstracção das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual.<sup>16</sup> Ainda sobre configuração Elias coloca que “a configuração é entendida como um “padrão” criado pelos jogadores, padrão este mutável que compreende o conjunto criado pelos jogadores através de suas mentes, suas ações nas relações com os outros<sup>17</sup>.

Assim o conceito de configuração é fundamental para a pesquisa, pois o processo de formação de atletas envolve indivíduos e instituições e suas ações intencionais ou não acabam influenciando o andamento do processo. Essas relações entre instituições e indivíduos acabam nos levando a outros conceitos

---

<sup>16</sup> Elias, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 1999, p. 141-142

<sup>17</sup> Idem. P. 142

importantes para a sociologia configuracional. O primeiro conceito nos diz respeito as interdependências. Sobre esse conceito, Elias estabelece:

que os homens além das relações de produção desenvolvem uma cadeia multidiversificada, onde nos fazemos parte uns dos outros em processo constante de mudanças, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas.<sup>18</sup>

Os indivíduos vivem em redes de interdependência, isto é, as pessoas, por meio de suas “disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras”,<sup>19</sup> o que direciona a convivência entre os membros da configuração. A partir dessas redes de interdependência pela qual os indivíduos acabam se relacionando, pode-se visualizar os indivíduos iniciando ou persistindo na prática do basquetebol, recebendo influência de outros indivíduos que já tiveram contato com o esporte ou do meio social em que convivem. Esse ponto nos leva a outro conceito de Elias utilizado nesse trabalho: o *habitus*.

Esse conceito foi fundamental para o estudo, já que permitiu realizar as aproximações com os dados obtidos pelas entrevistas dos sujeitos. O *habitus* se apresenta como um importante elemento nessa pesquisa, já que por meio desse conceito será possível entender algumas razões pelas quais as instituições e os indivíduos fizeram com que a trajetória do basquetebol masculino de Curitiba se internalizasse nos clubes e indivíduos analisados. A interpretação de Honorato sobre o *habitus* que Norbert Elias apresentou em sua obra representa o nosso pensamento pessoal em relação a esse conceito:

Na teoria de Norbert Elias o conceito de *habitus* social pode ser entendido como uma ‘segunda natureza’, ou ainda, como um automatismo humano que se desenvolve num constante movimento emaranhado social e individual. Assim, os controles sociais são lentamente condicionados e incorporados pelos indivíduos desde a tenra idade, aumentando a auto-regulação automática das paixões – um autocontrole mais complexo, diferenciado e estável. *Habitus* é um componente significativo para os estudos que almejam compreender a constituição e o modelo de circulação cultural de grupos, instituições e nações, pois sua aquisição pelos indivíduos indica padrões de comportamentos altamente desenvolvidos, aceitos e exigidos socialmente para o convívio no interior das configurações sociais.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Idem. P. 174

<sup>19</sup> Idem. P. 15.

<sup>20</sup> HONORATO, T. **Contribuições do conceito de individualização para o estudo da história e lazer.** Faculdade Guairacá - UFPR

Entretanto ao analisar a sociedade, Elias atenta para o fato que suas relações não são lineares e intencionais. Mesmo com todos os elementos inter-relacionados, o modo como o habitus do processo de formação surge, e como se desenvolve a relação entre os objetivos das instituições e indivíduos nos parece um “processo cego” ou não planejado dentro da configuração da sociedade, sobre isso Elias descreve que:

Ao estudar os processos de desenvolvimento social, defrontamo-nos repetidamente com uma constelação em que a dinâmica dos processos sociais não-planejados tende a ultrapassar determinado estágio em direção a outro, que pode ser superior ou inferior, enquanto as pessoas afetadas por essa mudança se agarram ao estágio anterior em sua estrutura de personalidade, em seu habitus social. Depende inteiramente da força relativa da mudança social e do arraigamento - e, portanto da resistência - do habitus social saber se e com que rapidez a dinâmica do processo social não-planejado acarretará uma reestruturação mais ou menos radical desse habitus, ou se a feição social dos indivíduos logrará êxito em se opor à dinâmica social, quer tornando-a mais lenta, quer bloqueando-a por completo.<sup>21</sup>

Outro conceito da teoria configuracional que auxilia a entender o processo de formação de atleta é a questão da identidade. Esse conceito de identidade de grupo de Dunning pode auxiliar a compreensão dos motivos de participação nesse processo. A aceitação do indivíduo pelo grupo praticante é um grande argumento. Da mesma forma, o sentido de inserção nesse extrato social e a coletividade despertada pela participação de competições contribuem para a formação desse habitus social.

Dunning coloca sobre a identificação de grupo:

os laços que os humanos formam envolvem ambos em direta interdependência com pessoas concretas como pais, filhos e amigos, e, indiretamente, interdependência com coletividades como cidades, mercados, grupos étnicos e nações. Se direta ou indiretamente, tais laços tendem a ser simultaneamente inclusivos e exclusivos<sup>22</sup>.

Além da Teoria Configuracional, procurei outros trabalhos acadêmicos que pudessem contribuir com a pesquisa. Alguns destes tiveram um papel importante no sentido de dar subsídios sobre alguns temas encontrados nas entrevistas e na nossa experiência dentro do basquetebol. A pesquisa de Damo<sup>23</sup> deu suporte para

---

<sup>21</sup> ELIAS, N. **Sociedade dos indivíduos** p. 172.

<sup>22</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas**: Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

<sup>23</sup> DAMO. A. **Do dom a Profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre, 2005.

adentrarmos no âmbito da formação de atletas na perspectiva das ciências sociais, já que na sua tese de doutorado, o autor fez um retrato etnográfico da formação do atleta de futebol direcionado ao mercado e à matriz espetacularizado. Mesmo que o processo de formação de atletas no basquetebol curitibano, não tenha a mesma perspectiva estudada por Damo, seu trabalho nos deu segurança para encontrar alguns motivos que fazem o indivíduo iniciar no esporte.

Outro trabalho importante foi o de Beneli<sup>24</sup> que retratou na sua dissertação de mestrado a redução do número de clubes paulistanos que disputam as competições destinadas às categorias de base da Federação Paulista de Basketball - fato similar ocorre em Curitiba – e nos fornece indícios para entender os motivos pelos quais os clubes sociais e esportivos estão se afastando dessas competições.

Já a pesquisa de Ferreira Jr<sup>25</sup>. foi fundamental devido ao rico material dos sujeitos entrevistados, entre os quais estavam atletas, técnicos e dirigentes cuja importância é reconhecida dentro do basquetebol brasileiro. Desses depoimentos, retiramos contribuições para debater alguns fatos referentes à formação do atletas, as dificuldades, assim como, alguns apontamentos para melhorar esse processo no basquetebol brasileiro.

Outras duas pesquisas auxiliaram no desenvolvimento da minha por estudarem o basquetebol curitibano: o trabalho de Pastre<sup>26</sup>, sobre o basquetebol máster de Curitiba que contribuiu para compreender a gênese da prática dessa modalidade dentro do Círculo Militar do Paraná e da Sociedade Thalia, locais selecionados para análise, e o trabalho de Canan<sup>27</sup>, que estudou as categorias de base do basquetebol observando a atuação do setor público (PMC, governo estadual).

Assim foi possível formatar a construção da dissertação, na qual optamos por não realizar um capítulo exclusivo sobre a Teoria Configuracional de Norbert Elias. Essa opção permitiu apresentar os conceitos de Norbert Elias durante os capítulos

---

<sup>24</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. 2007

<sup>25</sup> FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB**: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro. UFPR, 2008.

<sup>26</sup> PASTRE, T. **O basquetebol veterano no Paraná**: a formação de grupos e instituições sociais. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

<sup>27</sup> CANAN F. **A ação do setor público municipal na constituição da estrutura do basquetebol de base curitibano**. Dissertação de mestrado em Educação física, UFPR, 2008

relacionado-os aos dados encontrados nas entrevistas e também a alguns pontos observados pela nossa experiência no meio.

Seguindo essa formatação, a pesquisa foi dividida em três capítulos. No Capítulo 1, descrevi o cenário esportivo referente a formação de atletas. Analisei também a linha de ação das instituições envolvidas no processo: escolas, clubes, e a FPrB. Entretanto essa análise foi realizada a partir do contexto brasileiro até chegar no microcosmo do basquetebol masculino de Curitiba.

No Capítulo 2, o foco voltou-se aos aspectos encontrados no meio do basquetebol de base curitibano. Num primeiro momento o surgimento e a manutenção da prática do basquetebol em Curitiba foi analisada e relacionada com o conceito de *habitus*. Depois dessa análise, direcionei o foco do capítulo a fim de entender quais os fatores que permeiam esse processo, ou seja, como se dá o envolvimento do indivíduo dentro do processo e quais mudanças no comportamento são visualizadas, tanto na esfera social quanto na esportiva. Para finalizar, realizei uma aproximação dos componentes encontrados no treinamento desportivo e os relacionei com as mudanças no comportamento que eles podem trazer aos indivíduos.

Já no Capítulo 3 procurei contextualizar as etapas de formação existentes no basquetebol masculino de Curitiba. Observando seu início até a sua estagnação. Paralelamente apresentarei alguns indícios sobre os motivos de aderência e de desistência do processo por parte dos atletas.

Enfim, esse trabalho surgiu da minha vontade em contribuir de alguma forma para o esporte que eu tanto admiro. É preciso admitir o risco de que o envolvimento pessoal traga a percepção de uma série de aspirações e de tomadas de posições influenciadas por emoções momentâneas, levando a uma realidade distorcida do objeto de estudo, contaminando-o com fantasias e crenças originadas de um senso comum, em detrimento de um olhar mais objetivo e distanciado orientado pelos fatos, ainda que indesejáveis. Elias atenta a esse efeito:

Quanto mais forte a influência das formas envolvidas de pensamento e, assim, da inabilidade para distanciar-se das atitudes tradicionais, tanto mais forte o perigo inerente à situação criada pelas atitudes tradicionais das pessoas, dirigidas aos outros e a si mesmas. Quanto maior perigo, mais difícil é para as pessoas olharem para si, para os outros e para toda a situação com certo grau de alienação<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Elias, N. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 P.22

Entretanto essa pesquisa pode trazer alguma contribuição para o basquetebol, seja para os técnicos, dirigentes e demais pessoas envolvidas com esporte no meio esportivo, justamente por estar próximo ao objeto de estudo. Assim como para o meio acadêmico, pois mesmo já existindo pesquisas com uma proximidade com o tema e com os conceitos utilizados, acredito que algumas relações poderão influenciar e incentivar futuros trabalhos que contribuirão de forma mais enfática que esse.



## **CAPÍTULO 1 – O CENÁRIO ESPORTIVO DA FORMAÇÃO DE ATLETAS.**

Nessa pesquisa, analisaremos o contexto sociológico do processo de formação de atletas, buscando compreender o mesmo além da perspectiva pedagógica e da aprendizagem de gestos técnicos e qualidades físicas. Obviamente essas perspectivas não serão deixadas de lado, mas desvendar as razões pelas quais o processo é realizado em clubes e escolas, atreladas a FPrB, juntamente com as motivações de atletas, técnicos e dirigentes, trata-se de um aspecto essencial para entendermos a formação de atletas de basquetebol masculino em Curitiba.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, é importante compreender o momento da modalidade no cenário nacional. Observamos que o basquetebol brasileiro nos últimos anos acabou ficando defasado em relação a outros países<sup>29</sup>, tanto na questão de resultados em competições internacionais quanto na promoção de campeonatos internos, fatos que resultaram na perda de espaço para outras modalidades na configuração esportiva. Certamente, esses fatores influenciam no processo de formação de atletas de basquetebol masculino, daí a necessidade de realizarmos uma análise da estrutura da modalidade no Brasil, relatarmos rapidamente a relação do esporte com a mídia e mercado, para em seguida, descrevermos o âmbito do microcosmo do basquetebol masculino de Curitiba, objeto de estudo dessa pesquisa

A base do basquetebol brasileiro encontra-se apoiada por uma instituição reconhecida internacionalmente (FIBA), a qual delega poderes para a CBB regulamentar a modalidade no país. A CBB, instituição representativa do basquetebol brasileiro, possui a tutela sobre o basquetebol praticado em todo país. A administração anterior da CBB, após uma década no poder da instituição, recebeu críticas por parte da imprensa especializada, dos clubes e atletas, principalmente no que se refere aos resultados alcançados pelo Brasil em competições internacionais e pelos campeonatos organizados pela mesma.

As críticas da comunidade do basquetebol brasileiro sobre estrutura, as categorias de base e principalmente sobre a questão das ligas nacionais de

---

<sup>29</sup> No *ranking* da FIBA o Brasil é o 16º colocado entre as principais seleções do basquetebol masculino mundial. O *ranking* é baseado nos resultados de todas as competições que as seleções participam, seja dentro do continente, mundiais e nas diversas categorias de idade. Importante salientar que o basquetebol masculino do Brasil até as Olimpíadas de Barcelona em 1992 figurava constantemente entre as cinco primeiras colocadas nas principais competições internacionais. Disponível em: <<http://www.fiba.com/pages/eng/fc/even/rank/rankMen.asp>>. Acesso em 23 de abril de 2009.

basquetebol adulto foram analisadas por Ferreira Jr. (2007). Nesse ponto o autor atenta para o fato de que o “basquetebol brasileiro, desde o início deste século vem passando por uma fase de transição na qual muitas equipes estão em desacordo com a gestão do então presidente da CBB, Gerazime Grego Bosikis.”<sup>30</sup>

No seu trabalho, Ferreira Jr. observou que a principal razão para esse desacordo é a maneira como as ligas são organizadas e geridas. Ali o autor constatou que alguns clubes no ano de 2006 formaram uma liga nacional independente.<sup>31</sup> Porém os clubes também carecem por não possuírem uma estrutura que suporte as exigências do esporte profissional. Desse modo, observamos que nos últimos anos alguns clubes tradicionais no cenário do basquetebol brasileiro encerraram as atividades ou reduziram investimentos nas suas equipes, principalmente nas adultas<sup>32</sup>.

Beneli<sup>33</sup> (2007) indica alguns fatores que levaram a isso: “as estratégias das empresas em assumirem patrocínios temporários, face às condições econômicas nacionais e; a concorrência por melhores atletas, que elevou os salários.” O autor ainda insere outro fator, “pode ser incluído neste contexto o despreparo dos dirigentes na leitura do mercado esportivo, o fim da competitividade nas competições regionais, a impossibilidade de convivência entre os clubes tradicionais.”

Nos argumentos apontados por Beneli (2007) percebe-se que a relação do basquetebol brasileiro interage com os fundamentos do esporte moderno, parece que a modalidade não atende as demandas exigidas pela profissionalização da organização esportiva, ficando defasado em relação quando comparado a outras modalidades, como o futebol e voleibol que estão melhores estruturados em termos de resultado e aparecimento na mídia. Sobre o fator dos patrocínios, é comum na configuração da modalidade no país, os patrocínios terem curta duração, persistindo durante uma competição alvo; entretanto os clubes, por não terem condições de se manterem competitivos sem a presença dos patrocínio dessas empresas acabam se sujeitando e aceitando essa condição.

---

<sup>30</sup> FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

<sup>31</sup>Cf idem.

<sup>32</sup> A equipe do Vasco da Gama é um dos exemplos. No início da década atual, a equipe conquistou os títulos nacionais e sul americano, além do vice-campeonato mundial. No momento a estrutura da equipe adulta não recebe os mesmos investimentos do período de conquistas.

<sup>33</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base**. UNICAMP, 2007.

Juntamente com a profissionalização, o esporte se insere numa sociedade de consumo e comunicação de massa, recebendo influencia da estrutura do mercado, Proni (2002) nos auxilia no entendimento desse processo e afirma que: “Por causa de sua natureza espetacular, o esporte converteu-se em instrumento e método de comunicação, contribuindo para formar uma opinião pública mundial, mediante a universalização do espetáculo<sup>34</sup>.” Observando o contexto atual, o gerenciamento do basquetebol restringe a modalidade a um pequeno grupo de consumidores, mais especificamente aos que possuem assinatura de TV a cabo, haja vista que a modalidade não é transmitida pela a TV aberta desde 2005, quando a Rede Bandeirantes transmitiu o Campeonato Nacional de Basquetebol Masculino.

Outro ponto observado é que as organizações procuram transformar em mercadorias seus eventos, produtos, e informações sobre os atletas, treinamentos, fatos esses, pouco vistos no basquetebol brasileiro, Proni<sup>35</sup> (1998) coloca que:

[...] a espetacularização motivou a introdução de relações mercantis no campo esportivo, seja porque conduziu ao assalariamento dos atletas, seja em razão dos eventos esportivos apresentados como entretenimento de massa passarem a ser financiado (pelo menos em parte) através da comercialização do espetáculo.

Essa relação com a comercialização do esporte ainda pode ser interligada com a demanda que a mídia necessita de espetáculos, que atualmente no basquetebol, são as crises entre dirigentes, brigas em quadras e as constantes derrotas em mundiais, e não as conquistas e exposição dos ídolos da modalidade. Marchi Jr atenta para o fato que:

da composição da demanda a exposição da oferta, encontramos a interconexão entre a mídia e o esporte que alterou as estruturas esportivas, em decorrência do conceito a adaptabilidade do produto e do espetáculo, diante das exigências do meio de comunicação de massas<sup>36</sup>.

Essa constatação de Marchi Jr. pode dar subsídios para entender a pouca visibilidade da modalidade nos últimos anos, aliás, a modalidade ainda tem um apelo perante a mídia, mas devido a outros movimentos, a NBA, a Euroliga, e o

---

<sup>34</sup> PRONI, M; LUCENA, R. (orgs.). Esporte, história e sociedade. P.52. Campinas: Autores Associados, 2002.

<sup>35</sup> Idem. Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte espetáculo. Conexões: Educação Física, esporte, lazer, Campinas, v.1, n.1, 1998.

<sup>36</sup> MARCHI JR, W. "**Sacando**" o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). Campinas, 2001. P.21.

basquetebol de rua (*streetball*). No entanto, não existe uma oferta que agrade a mídia, de que basquetebol nacional para ocupar essa demanda, diferente, por exemplo, do futebol e do voleibol. Com isso, a exigência do mercado, é ocupada pela oferta de outras ligas internacionais, seleções de outros países e outras formas de basquetebol<sup>37</sup>. Nesse ponto Hirata (2004) atenta para o fato de que a divulgação das ligas internacionais poderiam ser mais bem aproveitadas pela organização do basquetebol nacional:

A princípio, a transmissão de jogos da NBA no Brasil poderia reduzir o interesse dos espectadores pelo basquete nacional, todavia isso pode ser revertido a favor do basquete brasileiro, uma vez que o público que assiste a esses jogos podem se tornar aficionados torcedores e virar um potencial consumidor.<sup>38</sup>

Nessa perspectiva de aproveitar o consumo das ligas estrangeiras para fomentar o consumo do basquetebol nacional, No início de 2009 os clubes em parceria tentam mais uma vez formar uma liga nacional unificada que possa resgatar a credibilidade da modalidade, a nova liga de basquetebol foi denominada de NBB. É uma primeira ação com esse objetivo, porém ainda existe a demanda por outro “produto nacional”, ou seja, a identificação não só com uma liga e com os clubes, mas com a equipe nacional do país. Assim Beneli (2007) aponta para o fato da Seleção Brasileira Masculina não obter classificação para os últimos três Jogos Olímpicos, os fracos resultados obtidos em Mundiais e a perda da hegemonia na America do Sul para a Argentina como fatores intervenientes na popularidade do basquetebol no Brasil. O ex-atleta Marcel de Souza<sup>39</sup> reforça esse argumento apresentando a seguinte constatação: “há dez anos venho afirmando que o grande problema do nosso basquete está dentro da quadra, pois hoje todos não de convir comigo que os resultados esperados não foram alcançados. Será que tem gente satisfeita com o que conquistamos de 1997 para cá?”

---

<sup>37</sup>O Novo Basquete Brasil (NBB) assim chamada a nova liga nacional de basquetebol deu indícios de uma nova forma de administrar os campeonatos no Brasil. A CBB não é mais a principal organizadora da liga deixando a cargo dos clubes. Assim como já existe contratos com redes de TV aberta e a cabo, no entanto ainda não podemos concluir que a NBB já ocupe esse espaço no Brasil, porém da indícios que coexiste com as demais ligas.

<sup>38</sup> Hirata E. **Análise do potencial mercantil do basquete brasileiro**. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>> Acesso em 21 de fevereiro de 2009.

<sup>39</sup>SOUZA, M. Editorial Databasket: O Estrangeiro. Disponível em: <<http://www.databasket.com.br/descricao.asp?NOME=Editorial&IDMATERIA=12092>> Acesso em 27 de dezembro de 2008.

O comentário nos traz sinais de que a relação dos resultados obtidos pela seleção principal possui envolvimento com o elemento da identificação com o público e conseqüentemente com o consumo e do gosto pela modalidade, que segundo Marcel de Souza são os resultados obtidos pelo basquetebol brasileiro.

O basquetebol nos últimos anos não despertou o mesmo interesse que o futebol na configuração esportiva brasileira, mas, a exemplo do voleibol, outros esportes ganharam espaços na mídia nos últimos anos, justamente por atravessar momentos de bons resultados. Assim existe a demanda que a modalidade passe a imagem de um esporte vencedor, ou que traga o sentimento de identificação com o público, algo que, o basquetebol nacional atualmente não desperta.

Com o cenário apresentado, é possível encontrar falhas na estrutura do basquetebol no brasileiro. Entretanto a discussão não deve ficar restrita a questão dos resultados nas equipes adultas, a falta de resultados expressivos, ou ao pouco interesse da mídia. Entendemos que o basquetebol de base, pois nos remete diretamente a formação de atletas, seja objeto de maior análise nessa discussão. Assim supõe-se, que o basquetebol deve ter na sua base de formação de atletas, o suporte para que as demandas exigidas pelo esporte sejam atendidas.

Adentrando ao âmbito dos resultados obtidos pelas categorias de base das seleções brasileira<sup>40</sup>, percebem-se semelhanças com os resultados obtidos pela equipe adulta. A CBB por meio de seus instrumentos de divulgação, seu *site* oficial<sup>41</sup> e a *Revista BasketBrasil*, afirma que no momento está em desenvolvimento um projeto social, chamado “*Basquete do Futuro Eletrobrás*” que está implantado em treze capitais<sup>42</sup> do Brasil, por seu Departamento Social. O objetivo do projeto “visa a iniciação de meninos e meninas, entre 9 e 17 anos, por meio de atividades educativas e de socialização<sup>43</sup>”

---

<sup>40</sup> Até o momento foram realizados nove campeonatos da categoria sub-19, ou juvenil, sendo o primeiro disputado em 1979. As melhores posições conquistadas foram o segundo e o terceiro lugares conquistados em 1979 e 1983. Após isso as colocações ficaram sempre abaixo disso ou o Brasil não obteve classificação para os jogos. No entanto em 2007 a equipe juvenil conseguiu o quarto lugar, porém no mundial de 2009 que será realizado na Nova Zelândia, a seleção brasileira não se classificou para a competição. Disponível em <<http://www.fiba.com/pages/en/events/archive.asp>> Acesso em 20 de janeiro de 2009.

<sup>41</sup> <[www.cbb.com.br](http://www.cbb.com.br)>.

<sup>42</sup> Até o momento os núcleos estão implantados nas seguintes cidades: Boa Vista-RR, Belém-PA, Manaus-AM, Macapá-AP, São Luís-MA, Teresina-PI, Maceió-AL, João Pessoa-PB, Natal-RN, Rio Branco-AC, Brasília-DF, Aracajú-SE e Rio de Janeiro-RJ. Revista Basket Brasil- Revista Oficial da CBB. Ano 5, n.27, p.18, abril de 2009.

<sup>43</sup> Revista Basket Brasil-Revista Oficial da CBB. Ano 5, n.27, p.15, abril de 2009.

Como visto essas informações foram obtidas pelos seus órgãos de divulgação oficial. O jornalista Fabio Balassiano, em seu *blog*, contesta essas informações, e principalmente pelo momento que começou a ser divulgado, tanto pelo *site*, como pela revista, com o seguinte comentário: “Deu no *site* da CBB: ‘De janeiro a abril, a CBB vai implantar a nova fase do projeto social Basquete do Futuro Eletrobrás nas 27 federações filiadas’. Peraí, deixa fazer uma perguntinha rápida: será que tem relação com a eleição da entidade, que acontece em maio de 2009?”<sup>44</sup>

O jornalista sugere que a entidade aproveitou o momento de eleições para fazer campanha com as federações estaduais e conseguir os votos necessários para a eleição. Porém nas últimas eleições, o candidato da oposição Carlos Nunes pôs fim aos doze anos de mandato do ex-presidente. Retomando a questão do objetivo do projeto, o próprio *site* oficial da CBB não traz maiores informações sobre essa segunda fase, somente descreve que o projeto será implantado nas 27 federações filiadas. Com esses fatos acontecendo não podemos afirmar que atualmente existe uma política implementada pela CBB no sentido da formação de atletas, mesmo que esse projeto venha a ser duradouro, seguimos com a constatação de que ao longo de décadas passadas não existiu um projeto da parte da CBB com esse objetivo. Pelos dados encontrados nos depoimentos dos entrevistados, e do material retirado de outras pesquisas, como a Ferreira<sup>45</sup>, demonstram que a formação de atletas dentro do basquetebol de base brasileiro foi ligada aos clubes e em menor grau na escola.

Tendo em vista a implantação desse projeto, é possível observar que o mesmo é utilizado para sustentar o discurso oficioso de que o esporte “atende” a sociedade, e assim ocupado para atender as pretensões de reeleição da atual gestão deixando a um segundo plano, seu objetivo principal que seria a formação de atletas e o trabalho de base. Dessa maneira percebe-se que as ações realizadas pelo órgão máximo do basquetebol brasileiro são esporádicas, sem consistência em seu plano de ação, pois não atende as necessidades da modalidade, sem a massificar.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Blog Bala na cesta: Disponível em: <<http://balanacesta.blogspot.com/2008/12/ser-que-eleio.html>> Acesso em 02 de janeiro de 2009

<sup>45</sup> FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

<sup>46</sup> Marchi Jr. contribui para entendermos o termo *massificação*, para o autor o sentido da palavra não refere somente a quantificação ou a observância de níveis e graus desse processo no decorrer da história da modalidade. [...] além do elemento participativo, é a tendência de encaminhar a modalidade para uma

Sobre projetos sistemáticos destinados a formação de atletas não existe definição sobre qual instituição deva realiza-los, seja a CBB, federações estaduais ou ser atendida por órgãos governamentais de origem federal, estadual ou municipal; o retrato que se apresentou no estado do Paraná é que existiu algumas ações<sup>47</sup> de alguns órgãos, com alguns projetos para a modalidade, mas que perdem seu objetivo durante seu transcorrer.

Sobre as finalidades dos projetos, existe a vertente que o esporte deve ser utilizado como forma de inserção social, com o discurso de retirar as crianças da rua, dando uma ocupação do tempo livre; existe ainda, a vertente da formação de talentos, que busca exclusivamente a formação e o encaminhamento dos principais talentos para clubes e escolas. Essas vertentes são utilizadas mais frequentemente para justificar a implantação desses projetos, como observado no depoimento do presidente da FPrB, Amarildo Rosa, ao comentar sobre o projeto da sua instituição o Centro de Excelência do Basquetebol<sup>48</sup>:

Eu tenho que frisar que esse projeto de basquete é social, o projeto Centro de Excelência do Basquetebol é um projeto social por excelência, mas, normalmente [pausa] com certeza ele vai haver [pausa] naturalmente os destaques, porque se você bota as crianças a praticarem, crianças que já praticavam, aí você dá mais atividade, mais competição, porque o projeto tem os festivais internos, e entre núcleos, a competiçõzinha dentro do projeto, você automaticamente vai fazer com que eles joguem mais, tenham mais experiência de quadra, naturalmente vai agregar valores não só sociais, como de rendimento. Vai ter aqueles que a gente vai, em seis meses de projeto, vai indicar: olha, esse menino, vamos indicar pros clubes, vamos indicar para as cidades que estão participando de competições. Naturalmente vão surgir alguns atletas. Aquelas duas meninas de São José dos Pinhais é projeto social de São José que hoje estão na seleção brasileira de sub-15. Então é essa a importância. Com certeza, naturalmente, vai haver alguns destaques que vão ajudar muito na nossa formação de atletas, embora a gente não tenha isso como principal objetivo. Isso é consequência do projeto.<sup>49</sup>

O que parece acontecer que ambas vertentes acabam se apropriando dos objetivos uma da outra para justificarem sua existência ou continuidade, visto o

---

perspectiva consumista. Para o presente estudo, consideramos as duas interpretações importantes, tanto sentido voltado para a quantidade de atletas, como voltado para o surgimento de uma massa consumidora da modalidade, já atualmente não se constata nenhuma delas sendo feita no âmbito do basquetebol nacional, apesar da primeira ter uma relação maior com a pesquisa. Cf MARCHI JR, W. "**Sacando**" o **voleibol**: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). Campinas, 2001.

<sup>47</sup> Como exemplo a cidade de São José dos Pinhais ao implantar em parceria com o governo do Estado do Paraná, recebe e desenvolve o Centro de Excelência do Basquetebol, a qual tinha como destaque a equipe feminina de basquetebol "Paraná Basquete", tendo como proponente do projeto e madrinha a ex-jogadora de basquetebol "Hortência". Porém o projeto durou somente durante a gestão do governador Jaime Lerner, sendo encerrado quando o governador Roberto Requião assumiu o governo do Estado.

<sup>48</sup> É importante salientar que apesar de ter o mesmo nome do projeto implementado pelo governo do Estado em 2002 nome, o Centro de Excelência do Basquetebol dessa vez é de promoção da FPrB.

<sup>49</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa.

depoimento acima, cuja duas questões foram abordadas. Nessa configuração a questão do jogo político é fundamental nesse processo e pode dificultar a promoção de um projeto esportivo que possa atender as demandas que a modalidade exige. Geralmente a política é voltada para a implementação de projetos de iniciação esportiva e promoção de competições.

Mezzadri<sup>50</sup> coloca que “a falta de um plano de governo ainda gera problemas na gestão pública e no financiamento porque em muitos casos, como não há um planejamento, a gestão fica comprometida em sua interlocução com a sociedade. Nem sempre se busca entender as necessidades e os problemas concretos da sociedade, e, portanto, as ações são realizadas de maneira eventuais e aleatórias.”

Assim a falta de continuidade dos projetos quando da troca do mandato entre uma gestão e outra, interfere nas mudanças dos objetivos dos projetos. Sobre as iniciativas do poder público. Além de projetos o poder público promove o esporte com a realização de jogos colegiais, alguns sobre a chancela do poder municipal, outros com o poder estadual supervisionando, até chegarmos às Olimpíadas Escolares, promovida pelo Ministério do Esporte em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro.

De todo modo, dentro dos casos relatados na pesquisa relativos ao basquetebol brasileiro, tem uma política quanto a formação de atletas por parte da CBB que se apresentou um objetivo de reeleição do presidente naquela época. Sobre o projeto do Centro de Excelência do basquetebol no Paraná ligada ao poder público este nos mostrou que o projeto não teve continuidade devido a mudança de gestão partidária, fazendo com que o projeto se encerrasse.

As políticas desenvolvidas por esses órgãos não permite afirmar que elas são as principais formadoras do processo. Nossa experiência na área nos dá subsídios que seria mais profícuo estudar outras instituições, que acabaram ocupando essa função, como as escolas e clubes. Tanto escola como clube são instituições que atualmente são formadores de atletas, mas é preciso entender como estas se envolvem no processo de formação de atletas.

A escola, pelos dados apresentados adiante, seria a instituição ideal para que o processo de formação de atletas fosse realizado. Entretanto o presidente da

---

<sup>50</sup> MEZZADRI F. **Políticas públicas para o esporte e lazer nas cidades do Estado do Paraná.** In MEZZADRI F., CAVICHIOLLI. F e SOUZA, D. Esporte e Lazer. Subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas publicas. Curitiba: editora Fontoura, 2006, p57-58



ABRADE, Georgios Hatzidakis<sup>51</sup>, coloca que o esporte escolar não atende a esse ponto de maneira ideal: “Sem investimentos, a base para a formação esportiva do atleta no Brasil fica restrita aos clubes esportivos, que muitas vezes enfrentam grandes problemas de gestão”. Para ele, seria necessária uma mudança no sistema esportivo brasileiro que seguiria etapas e seriam dadas funções para cada instituição “precisamos fazer uma cultura de formação de atletas, passando do escolar para o universitário e aí para o profissional, para os clubes.”<sup>52</sup>

No meio do basquetebol essa tendência seria reforçada pelo fato de que os Estados Unidos (EUA), que é o país de maior tradição no basquetebol mundial, realizar nas escolas e universidades a sua formação de atletas. Ferreira Jr. (2008) ao atentar a formação de atletas nos EUA complementa “O atleta de basquetebol norte americano de alto nível, que consegue chegar a NBA, começou sua vida esportiva na escola.”<sup>53</sup> Lá toda a formação de atletas é feita pelos *high-schools* e universidades, ou seja, entre os 16 e 23 anos, uma grande porcentagem desses indivíduos passam por essas instituições, e como não existem clubes sociais esportivos nos moldes como existem no Brasil, aproveita-se a passagem dos mesmos como alunos como forma de fomentar esse processo.

Retomando ao depoimento do presidente da ABRADE, ele reforça esse argumento acima mostrando que “lá (EUA), é impossível de se pensar em algum esportista que não passe pelo esporte escolar e universitário.”<sup>54</sup> No Brasil existem algumas instituições fazendo o trabalho de formação de atletas, tanto em colégios como em universidades, mas são ações isoladas dentro do meio educacional, aqui se especula que a implementação do modelo esportivo americanos poderia trazer melhoras nesse processo no Brasil. Perguntado sobre isso Georgios Hatzidakis, discorda nesse sentido:

O modelo adotado nos Estados Unidos não cabe aqui no Brasil. É uma questão cultural, e a cultura esportiva de lá é muito diferente da nossa [...] O Brasil importou o ponto de vista europeu, a cultura dos clubes sociais, do associativismo, e não do caminho escolar para o profissionalismo. No Brasil, o atleta deixa de estudar para se dedicar integralmente ao esporte, o que é errado.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> Site Maquina do Esporte: Disponível em: <<http://maquinadoesporte.uol.com.br/v2/entrevistas.asp?id=122>>. Acesso em 22 de fev. de 2009.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

Além da questão cultural, outros fatores contribuem, uma vez que faltam condições físicas, como ginásios e quadras, material esportivos, para realização desse trabalho, associado, como mencionado anteriormente, com a falta de uma política governamental que incentive estas instituições a terem um papel mais ativo na formação. Outro depoimento do presidente da ABRADE reforça essa tendência: “Aqui, as universidades públicas não têm recursos, enquanto as particulares não querem investir. O aluno da faculdade paga não se identifica com a instituição, quer apenas o seu diploma”.<sup>56</sup>

Outra constatação retirada da entrevista de Georgios Hatzidakis, diz respeito a crise dos clubes: “Para completar, os clubes sociais entraram em crise financeira, e, também por pressão de seus sócios, passaram a captar muito menos "militantes", que vinham de fora do clube para ter o aperfeiçoamento técnico e competir pela instituição”.<sup>57</sup> Diante disso dessas informações apresentadas, os dados mostram que as instituições de ensino não ocuparam esse papel ao longo dos anos, deixando aos clubes sociais.

Embora, historicamente, os clubes ocuparem essa função, ao longo dos anos com o processo de profissionalização, uma parte dos clubes deixou de lado esse papel, e passou a dar prioridades para a parte social do clube. A importância do clube para a formação de atletas no Brasil é constatada nas últimas olimpíadas, já que 77% dos atletas da delegação brasileira na Olimpíada de Pequim (2008) foram formados por clubes<sup>58</sup>.

Essa questão evidenciada, trouxe descontentamento por parte dos clubes, afinal a área de atuação das ações de um clube é abrangente, operando em várias dimensões, tanto social com esportiva, sobrecarregando suas funções e atribuições. Além disso, passam a serem cobrados pelas estruturas institucionais. O presidente do Clube de Regatas Flamengo, Márcio Braga, demonstra o descontentamento dos clubes sobre os investimentos em esportes olímpicos, e reivindica o seu repasse diretamente aos clubes, que segundo ele, são os principais formadores de atletas, tendo inclusive emitindo uma nota oficial fazendo críticas ao Comitê Olímpico

---

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Site Lancenet. Disponível em: <<http://200.150.147.211/esportes/BASQUETE/noticias/09-01-21/472149.stm?marcio-braga-critica-o-cob-mais-uma-vez>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2009

Brasileiro (COB) e culpando a entidade presidida por Carlos Artur Nuzman pela possível dispensa de atletas:

O COB recebe anualmente milhões de reais em recursos públicos para a promoção dos esportes olímpicos no país e gasta mais de 50% disso com a própria administração e de suas filiadas, diz a nota, que engrossa o coro de que os clubes também devem ser beneficiados por repasses da lei Agnelo-Piva. "Hoje, a formação dos atletas ocorre apesar do COB e não promovida por ele, basta mencionar que 77% dos atletas enviados a Pequim são vinculados a clubes que, como o Flamengo, Fluminense, Vasco, Corinthians, Pinheiros, Minas Tênis, Sogipa, Grêmio Náutico União, etc. também investem recursos próprios nos esportes olímpicos e são penalizados porque seus atletas não podem usar as marcas dos patrocinadores nas competições oficiais, pois nelas se apresentam com o uniforme do COB", completa o documento assinado pelo presidente Márcio Braga, que encerra fazendo ameaças e deixando claro que o corte nos esportes olímpicos de fato ocorrerá.<sup>59</sup>

Isso é uma constatação sobre o que ocorre nos principais clubes formadores brasileiros, com atletas de nível internacional em seus quadros, nas mais diversas modalidades esportivas. Porém o número de clubes formadores de atletas é maior que os citados por Márcio Braga em seu depoimento. Não só os clubes que têm os atletas olímpicos em seus quadros participam do processo de formação, existem outros clubes formadores, que não estão entre os citados pelo depoimento de Marcio Braga, que são importantes em outras etapas da vida esportiva do atleta. Assim seria oportuno repensar sobre os repasses de verbas vindas do COB, pois cada clube possui uma função em determinada etapa, até mesmo como formador para clubes mais fortes.

Portanto quando se traz para a realidade de uma modalidade, como o basquetebol, dentro de uma cidade que não tem uma tradição dentro dela, não é surpresa encontrar os mesmo problemas que os clubes de maior porte possuem, nas instituições formativas de Curitiba.

Dentro do basquetebol brasileiro é uma tarefa complexa enumerar os centros com relevância no que diz respeito a formação de atletas, somente usar como critérios as cidades que já conquistaram títulos com equipes campeãs adultas não parece o mais adequado. Em grande parte são trabalhos pontuais<sup>60</sup>, que trazem resultados num determinado período ou campeonato e que encerram atividades, por motivos variados como fim do contrato de patrocínio ou dívidas devido a um investimento alto. E numa sucessão de fatos, acabam encerrando as atividades das

---

<sup>59</sup> UOL. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas/2009/01/08/ult58u1346.jhtm>>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

<sup>60</sup> A Equipe do Rio de Janeiro/Telemar foi um exemplo disso, durando somente dois anos.

categorias de base e por fim do público que acompanhava a equipe em jogos, treinos e consumia o produto.

Dessa maneira, nesse trabalho daremos maior importância as equipes que historicamente participam de competições nacionais e estaduais, tanto na categoria adulta ou no esporte de base, independente das conquistas de títulos.

Assim com trabalhos de longo prazo no basquetebol de base, podemos citar a cidade de São Paulo, que tem clubes com grande tradição na formação de atletas, como o Esporte Clube Pinheiros, Clube Atlético Paulistano, A Hebraica, também a cidade de Franca, considerada a capital do basquetebol no Brasil, só para citar algumas, mas em geral o Estado é o maior centro do basquetebol nacional; no Rio de Janeiro, Flamengo, Vasco da Gama, Tijuca, Fluminense, tradicionais na formação de atletas, e ainda alguns polos em outros estados brasileiros, como o Minas Tênis Clube em Minas Gerais, e Joinville em Santa Catarina.

Essas cidades, devido a seus clubes e projetos, podem ser consideradas centros de referência na formação de atletas. Assim são poucas as cidades que são centros formadores, possibilitando a cidade de Curitiba ser escolhida para se realizar essa pesquisa, pois a mesma faz parte de uma regularidade comum a maior parte das cidades brasileiras com a prática do basquetebol.

Deste modo, observado o contexto do macrocosmo do basquetebol brasileiro, a partir do próximo tópico serão analisados a questão do microcosmo do basquetebol da cidade de Curitiba e analisando sua estrutura, comparando-a com a realidade nacional.

## 1.1 O BASQUETEBOL DE CURITIBA

Dentro do quadro observado apresentado sobre o basquetebol brasileiro, a partir desse momento será analisado a modalidade na cidade de Curitiba. Assim iniciamos a narrativa sobre o basquetebol Curitiba relacionando com a noção de microcosmo, utilizando o estudo que Norbert Elias realizou na sua obra os “Estabelecidos e Outsiders”, nessa obra o autor analisa uma pequena comunidade, e arrisca a utilizar como um modelo para entender uma gama maior de comunidades. Consideramos o basquetebol de Curitiba como parte de uma configuração maior, ou seja um microcosmo.

Sobre a sua utilização Elias escreve sobre o porquê do seu uso como instrumento investigativo:

Estudar os aspectos de uma figuração universal no âmbito de uma pequena comunidade impõe à investigação algumas limitações óbvias. Mas também tem suas vantagens. O uso de uma pequena unidade social como foco da investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável – microscopicamente, por assim dizer. Pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal – um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala.<sup>61</sup>

Mesmo cada região tendo suas particularidades, o estudo do microcosmo do basquetebol de Curitiba pode vir a se tornar uma forma de compreensão de como se desenvolve a formação de atletas em outros centros brasileiros. A cidade de Curitiba é um centro importante na formação de atletas no Estado do Paraná, por ser a capital do Estado, ser a cidade com o maior número de habitantes, levando uma vantagem em relação a outras cidades do Estado, e também pela quantidade de clubes, e escolas que incentivam a prática da modalidade em seus quadros.

Economicamente a cidade também tem vantagens pela maior renda per capita do Estado e possuir uma maior massa de consumo com seus 1,6 milhões de habitantes. Essas vantagens possibilitam a Curitiba ter importância esportiva dentro do Estado, refletindo em termos de resultados, principalmente nas categorias que são realizada a formação de atletas. Como exemplo, na competição mais importante do Estado, disputada pelas seleções de cada cidade, os Jogos da Juventude do Paraná, em mais de dezoito modalidades, Curitiba foi campeã geral em oito das últimas dez edições.<sup>62</sup>

Mas em relação ao universo do basquetebol no Brasil, a cidade de Curitiba, não é referência no âmbito nacional. Curitiba nunca teve um clube participando de uma Liga Nacional adulta, seja de campeonato promovido pela CBB, ou por alguma liga paralela.<sup>63</sup> Amarildo Rosa, atual presidente da FPrB, atenta a esse fato:

---

<sup>61</sup> Elias, N. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.22

<sup>62</sup> Jogos promovidos pelo governo estadual, em que as seleções das cidades jogam entre elas, numa espécie de olimpíadas. Disponível em: <<http://www.jogosdajuventude.pr.gov.br/jojups/>>. Acesso em 23 de março de 2009.

<sup>63</sup> Nos últimos anos paralelamente ao campeonato da CBB, houve a criação da Nossa Liga de Basquete, e da Supercopa Brasileira de Clubes.

Se você fizer uma análise em todo o Brasil, as outras capitais não tem só futebol. Aqui no Paraná, cidades do interior, como Londrina, tem um time adulto no brasileiro. Maringá tem vôlei e handebol e Curitiba não tem nada. Sorte os três times de o Paraná estarem bem colocados, até o quarto, times como o J. Malucelli e quem sabe até o Corinthians Paranaense, estarem na capital. Fora isso, não tem nem em Curitiba nem na região metropolitana. Não só basquete. E o futsal? Aqui não tem. Cascavel e Umuarama estão na liga nacional, e nós aqui na região metropolitana não temos futsal.<sup>64</sup>

Ao mesmo tempo na categoria adulto, que já pode ser considerado um ambiente profissional, nem dentro do Estado, a cidade tem a supremacia nessa categoria, nas ultimas duas décadas, a cidade venceu somente um título estadual.<sup>65</sup> Essa é um nível de comparação, porém é necessário realizar esse trabalho comparativo ao nível das categorias de base.

Primeiramente esse exercício de comparação será feito entre o Estado do Paraná e o restante dos estados. Dentro dos campeonatos brasileiros de base, promovidos pela CBB, o Paraná, que nesses campeonatos são representados pela FPrB, nunca foi campeão da categoria sub-17 masculina, sendo o campeonato realizado desde 1946.<sup>66</sup> Na categoria sub-15 o Paraná tem um desempenho similar.

As conquistas do Estado nessas competições se remetem a campeonatos classificatórios para o campeonato brasileiro do grupo principal. No nível escolar os resultados são similares, desde que a competição passou a se designar como Olimpíadas Escolares no ano 2002, as escolas paranaenses tiveram dois terceiros lugares na categoria sub-15 masculina como os melhores resultados obtidos.<sup>67</sup>

Com o parâmetro dos resultados obtidos pelo basquetebol paranaense em competições nacionais compreende-se que da mesma forma que acontece nas categorias adultas, o Estado tem um papel secundário na briga por resultados expressivos nas categorias de base. Posição em que existe uma divergência entre a opinião do presidente da FPrB e de alguns dos seus filiados. Amarildo Rosa posiciona o basquetebol paranaense:

eu acho não, eu tenho certeza que nós estamos entre os quatro. A categoria de base sempre foi forte. Nos tempos de vacas magras da Federação, talvez de não muita

<sup>64</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa

<sup>65</sup> Em 2005, a equipe da PetroCrystal Basketball foi campeã estadual, nesse mesmo ano, a equipe trocou a cidade de Curitiba por São José Dos Pinhais, além de mudar seu nome para Keltex Basketball

<sup>66</sup> O quadro de campeões brasileiros foi encontrado no *site* da CBB. Ali se percebe a hegemonia do Estado de São Paulo, com 33 conquistas. A melhor colocação do Paraná foi o terceiro lugar em 2001. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/competicoes/cbbs2008/historico.asp?e=893>> Acesso em 13 de janeiro de 2009.

<sup>67</sup> No feminino a equipe de basquetebol Feminino sub-15 do Colégio Alfa, da cidade de Medianeira, foi campeã das Olimpíadas Escolares Brasileiras em 2007.

organização aqui, de nem muita estrutura da Federação, mesmo assim eu posso afirmar, pelo histórico que eu tenho de 25 anos morando no Paraná, experiência minha, eu posso afirmar que o Paraná sempre foi um celeiro de bons atletas desde a década de 50. Isso tem que ser explorado. Existe um trabalho em basquete que não pode ser negado no Paraná. Pelos municípios, pelos clubes.<sup>68</sup>

Para o técnico Luiz Fernando Gonçalves, comentando sobre o posicionamento do basquetebol paranaense no cenário nacional:

É a pior possível, porque a gente não tem estrutura. A gente está buscando uma estrutura agora, , uma vez que São Paulo, Rio, Minas, e agora tá entrando Brasília, estão bem posicionados, que os atletas jogam em São Paulo e podem jogar pelo seu Estado em campeonatos e seleções [...] Então, dentro disso aí eu acho que o Paraná deixa muito a desejar.<sup>69</sup>

Para Danilo Schier da Cruz, dirigente:

[...] Por isso que eu digo, não existe no cenário nacional [o basquetebol paranaense]. Infelizmente essa é uma verdade. Você até ganha de alguns estados aí que, em campeonatos brasileiros, até ganha de alguns estados menos influentes, mas quando pega São Paulo, pega Rio de Janeiro, pega Santa Catarina, eu acho que a gente está muito atrás.<sup>70</sup>

A técnica Fabíola Villa dos Santos também corrobora com a tese de que o Estado está um nível abaixo dos principais centros:

A gente está bem aquém. [...] no sentido, eu tenho visto, a gente vai pro Brasileiro, nosso time é sempre o menor. Eu vou para campeonatos de clubes, aí pelo Brasil, meu time é sempre o menor. [...] Mas o problema é que o Paraná, não sei se, eu acredito que por conta aí de uma administração muito caseira, e por conta de pessoas que tem talento mesmo para ser bons administradores e bons dirigentes, a gente tenha penado. Então, isso aconteceu ao longo dos anos e uma hora esse processo ia chegar próximo do caos.<sup>71</sup>

A diferente percepção sobre a qualificação do basquetebol paranaense no cenário nacional, entre a FPrB e as estruturas formativas, demonstrar que falta de planejamento e de diálogo entre elas. Ao que parece, elas não tem conhecimento das ações que estas realizam, assim parece que os clubes estão nesse processo somente pela possibilidade de participarem de competições e a FPrB como organizadora de campeonatos. No entanto, o entendimento sobre os resultados não terem sido expressivos, podem ter acontecidos por diversas razões, pois num

<sup>68</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa

<sup>69</sup> Entrevista concedida em 19/02/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

<sup>70</sup> Entrevista concedida em 13/02/2009, por Danilo Schier da Cruz.

<sup>71</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

primeiro momento fica a impressão de que o nível técnico do atleta paranaense é inferior aos demais, mas outras variáveis, como por exemplo, questões organizacionais e os objetivos das instituições, e o conhecimento do corpo técnico podem influenciar na questão dos resultados.

Assim feito, podemos analisar o basquetebol da cidade de Curitiba no contexto estadual, tanto no âmbito das competições promovidas pela FPrB, como nas competições escolares, as instituições de Curitiba competem em termos de igualdade e até superioridade nos resultados alcançados. Nas competições da FPrB como exemplo no ano de 2008, na categoria infanto-juvenil, (sub-16) ficou com o segundo e quarto lugares da competição.<sup>72</sup> Nos Jogos da Juventude do Paraná, Curitiba nas últimas dez edições sempre ficou entre as três primeiras colocadas, sendo campeã em 2007, e vice em 2008; e nos Jogos Colegiais do Paraná, o desempenho das escolas curitibanas também são no mesmo nível dos resultados das competições acima apresentados.

O técnico, Roberto Antonio de Souza, aponta que:

Se a gente pegar os resultados dos últimos cinco anos, no nível estadual, Curitiba tem tido bons resultados. Mas, na formação de atletas, eu acho que a gente ainda peca um pouco. Acho que daria estar bem melhor, pela estrutura que nós temos, pelo número de equipes, pela quantidade de jogos em relação ao Interior. Mas acho que a gente está no top aí, entre as três melhores cidades do Paraná.<sup>73</sup>

Portanto pelos dados obtidos no depoimento dos entrevistados, consideramos que o basquetebol curitibano possui um nível equiparado com as melhores equipes do Paraná, mas que comparada ao nível dos maiores centros brasileiros na modalidade, não o referencia em termos de resultados.

Sendo assim, a indagação que fica, do porque Curitiba ser estudada para ser tornar um modelo de análise perante outras cidades onde existe a prática do basquetebol. A realidade do basquetebol de Curitiba é um aspecto comum a muitas cidades.

Mesmo sem ter o *status* de ser um dos centros formativos mais importantes do basquetebol nacional, os centros citados anteriormente são exceções dentro dessa configuração. Como descrito anteriormente, a regularidade encontrada no

---

<sup>72</sup> Círculo Militar vice-campeão, e Sociedade Thalia quarto colocado. Disponível em: <<http://www.fprb.com.br>>. Acesso em 11 de janeiro de 2009

<sup>73</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza.



cenário nacional, são cidades com um modelo semelhante ao Curitiba. O basquetebol na cidade está inserido em escolas e clubes, em alguns projetos da prefeitura e federação.

Além das estruturas formativas, existe a estrutura institucional<sup>74</sup>, sendo a principal delas a FPrB, já que atua diretamente a mais de 50 anos, sendo responsável pela realização de competições, desenvolvimento das seleções estaduais, e da formação do quadro de arbitragem. A PMC atua de forma indireta, pois organiza competições intercolegiais e projetos sociais envolvendo basquetebol. Ainda existe a LEB, que está num estágio inicial de desenvolvimento, promovendo campeonatos entre as escolas, num custo menos elevado que os promovidos pela FPrB.

Dentro desse quadro formado entre FPrB, PMC, LEB, Clubes e escolas se forma uma configuração, termo usado por Norbert Elias para representar espaços sociais cujos indivíduos e estruturas atuam em interdependência. Citando o referido autor:

Na teoria figuracional, a sociedade é formada por uma rede de interdependências e de relações sociais de poder, formando um tipo de configuração estruturada num processo competitivo. Se quatro pessoas se sentarem em torno de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes.

Por meio do contexto figuracional é possível encontrar as relações existentes entre as entidades envolvidas no processo de formação de atletas.<sup>75</sup> Desse modo retornamos ao entendimento das estruturas presentes no microcosmo do basquetebol de Curitiba. As instituições apresentadas se mostram importantes como estruturas organizacionais, FPrB, PMC e LEB possuem funções de interferir no processo formativo, mesmo sendo promotoras de competições ou de projetos políticos, Elias entende que essa relação de interdependência com os clubes e escolas está relacionado com o equilíbrio de tensões mutáveis em “direção – auto-organização”.

---

<sup>74</sup> ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 141-142.

<sup>75</sup> Ainda sobre configuração Elias coloca que “a configuração é entendida como um “padrão” criado pelos jogadores, padrão este mutável que compreende o conjunto criado pelos jogadores através de suas mentes, suas ações nas relações com os outros. ELIAS, N., **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 142. Dentro dessa perspectiva as relações de interdependência entre as instituições ocorrem de maneira que uma necessita da outra em algum momento. Alguns exemplos: A prefeitura necessita da arbitragem da FPrB; a FPrB tem sua sede administrativa na Praça Plínio Tourinho, pertencente à prefeitura; as escolas que disputam a liga escolar muitas vezes servem aos clubes e escolas que disputam as competições da FPrB como fornecedora de atletas.

Mesmo essas estruturas institucionais tendo o controle de gerir o esporte, as estruturas formativas têm o poder de interferir em suas decisões, pois as instituições que desenvolvem competições necessitam de equipes filiadas para suas competições, e assim o investimento na formação de atletas acaba sendo necessário para o preenchimento das diversas categorias etárias presentes nos clubes e escolas. Entretanto essa é uma via de duas mãos, pois as estruturas formativas também necessitam das instituições organizacionais como promotora de competições e do reconhecimento de órgão superior, assim no entendimento de Elias, as estruturas institucionais e formativas, torna-se necessário existir a interação entre direção e auto-organização.<sup>76</sup>

Assim observaremos mais profundamente cada estrutura que esta envolvida no processo de formação do atleta masculino. Uma análise das estruturas institucionais, principalmente da FPrB, que foi identificada com a que mais influencia no processo, e das estruturas formativas, representadas pelo clube e escola. Dentro da área das estruturas formativas, será relevante ressaltar que clube e escola são ambientes diferentes de formação cada qual com sua peculiaridade, mas em alguns momentos agem paralelamente nesse processo. O binômio entre clube-escola foi o principal fomentador de atletas ao longo dos anos e a partir desse ponto essas estruturas, que aqui consideramos como formativas, serão considerados pesando os objetivos.

## 1.2 A ESTRUTURA INSTITUCIONAL

Segundo o historiador Heriberto Machado, o basquetebol em Curitiba surgiu em 1919<sup>77</sup> e no seu início o basquetebol foi um departamento da *Federação Paranaense de Desportos*. Em 1932, os clubes que contavam em seus quadros com o basquetebol fundaram a *Liga Atlética Paranaense*, que mais tarde passou a ser chamada de *Federação Desportiva Paranaense*, pois a mesma também era encarregada de outros esportes, como o voleibol, atletismo e handebol.

---

<sup>76</sup> Mastenbroek. W. **Norbert Elias como Sociólogo Organizacional**. Holland Consulting Group, Amsterdam. Department of Economics, Free University, Amsterdam 2000

<sup>77</sup> O International Basketball Club foi precursor dessa prática, mas primeiramente o esporte foi praticado somente por mulheres. No âmbito masculino somente em 1929 começou a ser desenvolvido no Curitiba Football Club, e a partir daí outros clubes da época como a Sociedade Teuto Brasileiro, e o Clube Atlético Paranaense também desenvolveram a modalidade. MACHADO, H. **O basquetebol no Paraná**. Curitiba, 2002

Em 1930 foi realizado o primeiro campeonato de basquetebol organizado por essa instituição, porém o primeiro campeonato de categoria de base, só foi promovido em 1947, com o Campeonato Metropolitano Juvenil de Basquetebol.<sup>78</sup> Pillatti,<sup>79</sup> corrobora com o historiador sobre surgimento dessas modalidades na cidade Curitiba, que “de forma efêmera, foram trazidas nas décadas de 10 e 20.” Isso foi embrião do que veio a surgir em 1951, a FPrB, que se tornou o órgão representativo do basquetebol paranaense em termos nacionais. Desde então é a FPrB que comanda em grande parte as ações da modalidade dentro do Estado e como consequência dentro de Curitiba.

Levando em conta o objetivo contido no primeiro artigo do seu estatuto os objetivos da FPrB, a idéia desta ser uma estrutura estruturante<sup>80</sup> aparece de maneira direta: “Dirigir, controlar, difundir e incentivar em todo o Estado a prática do Basquetebol, amador e profissional, em todos os níveis e modalidades.” Com esse respaldo conquistado cabe a ela uma grande responsabilidade em fomentar o basquetebol.

A FPrB precisa encontrar meios para fazer acontecer esses objetivos, necessitando da estrutura formativa. Pois levando em conta, atualmente, a FPrB atua em algumas frentes.<sup>81</sup> Enumerando-as, ela organiza campeonatos de diversas categorias, suas fases regionais e finais; forma as seleções estaduais que representam o Estado nos campeonatos nacionais da CBB; forma e controla o quadro de arbitragem; e ainda no ano de 2008, em parceria com a PMC a FPrB lançou o Centro de Desenvolvimento do Basquetebol de Curitiba<sup>82</sup>; e a promoção de algumas clinics de aperfeiçoamento para técnicos, são as principais ações que a FPrB promove.

---

<sup>78</sup> Idem. 20.

<sup>79</sup> PILLATI, L. **O efeito trava de um *habitus***: anotações sobre o papel da lei da nacionalização no esvaecer do *habitus* esportivo do imigrante alemão no Estado do Paraná. In: GEBARA, A e PILATTI, L. Ensaio sobre sociologia nos Esportes. Jundiaí: editora Fontoura, 2006, p143

<sup>80</sup> A FPrB é uma estrutura estruturante, e que tem o poder de intervir dentro da modalidade, pois tem o amparo legal de uma estrutura ainda maior a CBB. Sobre estruturas estruturantes Bourdieu assim define essa idéia: “sistema de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' [...]” ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994, 2ª ed., p.15.

<sup>81</sup> Dentro da minha inserção no campo do basquetebol, esses foram as principais ações promovidas pela FPrB no ano de 2008 observadas.

<sup>82</sup> Para o ano de 2009 o projeto trocou seus coordenadores, e passou a atender não só a cidade de Curitiba, como também alguns municípios da região metropolitana.

Num primeiro momento a FPrB parece atuar de forma indireta na formação do atleta, mas analisando as interdependências formadas entre a FPrB e seus filiados sua atuação influencia diretamente nesse processo, uma vez que, as ações da estrutura institucional interferem nas decisões que os clubes tomam. Um exemplo, um exemplo seria na quantidade de campeonatos que a FPrB oferece, o que pode incentivar os clubes a aumentarem sua participação em campeonatos, inferindo diretamente no número de atletas que o clube manterá treinando. Então apesar desta não ter o contato direto com o atleta no dia a dia, suas ações, em razão de ser a estrutura estruturante do basquetebol na cidade, interferem nas ações da estruturas formativas, ou seja, nas ações que seus filiados tomarão ao longo do processo.

Podemos entender essa relação de envolvimento entre as estruturas dentro do processo, como a formação uma rede de interdependência contínua. As redes de interdependência fazem parte do estudo das configurações de Elias, conforme descreve Cavichioli:

as pessoas estão ligadas umas às outras das mais diversas maneiras, o que constitui teias de interdependências (configurações) dos mais variados tipos, as quais mantêm um equilíbrio de poder mais ou menos estável. Por isso, podemos entender que a sociedade é formada por nós e pelos outros, sendo que entre todas essas pessoas inserimos nós próprios.<sup>83</sup>

A importância das redes de interdependência fica evidente na relação entre a FPrB e seus filiados, pois através da cobrança taxas de filiação e arbitragens é que a federação consegue grande parte de sua receita. A formação das seleções, também é outra forma de interdependência, pois a FPrB necessita dos filiados, já os mesmos são os que cedem atletas, técnicos e muitas vezes estrutura física para os treinamentos. Nas palavras do presidente da FPrB temos a importância dessa relação:

Uma Federação, de qualquer modalidade, ela não pode fazer trabalho sozinha. Ela não faz. Quem faz, na verdade, os trabalhos, quem gerencia a modalidade no Estado, quem proporciona os campeonatos, a organização deles, é a Federação. Mas quem faz, de fato, são os clubes, os técnicos, que eu já falei, que muitas vezes tem que vender o peixe para os seus presidentes de clube ou secretários de esportes, com certeza noventa por cento da realidade desses projetos tem que ser os clubes e os municípios.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> CAVICHIOLLI, F.R. **Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual**. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004, p.167

<sup>84</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa.

O depoimento de Amarildo Rosa relaciona-se com a noção de organização de Elias<sup>85</sup>, da “direção – auto-organização”, FPrB e seus filiados precisam do equilíbrio em suas relações. Quanto as ações promovidas, no ano de 2008 a FPrB organizou seus campeonatos da categoria de base e adulta. Na organização das categorias de base, as competições numa primeira etapa são regionalizadas<sup>86</sup> e logo após uma fase final com as oito melhores equipes do Estado.

Isso é realizado em todas as categorias, que em 2008 foram as seguintes: pré-mini, mirim, infantil, infanto-juvenil, cadete e juvenil. De todas essas, apenas a categoria pré-mini é disputada somente dentro da fase regional e na forma de festivais, isto é, realizados num único dia. Na categoria adulta foi disputado o Campeonato Estadual Adulto, a Taça Paraná, e o Campeonato Metropolitano da região Sul.

Os filiados de Curitiba jogam na Região Sul, com a competição sendo denominada como “Campeonato Estadual de Base – Região Sul”. A maior parte das equipes que disputaram essa competição em 2008 foi de Curitiba. No total são dez equipes que disputam a fase regional do Campeonato Estadual, destas, seis são de Curitiba, duas de Ponta Grossa, uma de Castro, uma de São José dos Pinhais e uma de União da Vitória.

No quadro abaixo temos somente três equipes de Curitiba que jogam em mais de três categorias que a FPrB promoveu em 2008, Círculo Militar/Dom Bosco/Dix, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball - a outra equipe é a da Prefeitura de São José dos Pinhais, cidade da região metropolitana de Curitiba. As demais equipes de Curitiba outras disputaram somente uma categoria.

No quadro que segue, constatamos que somente três instituições de Curitiba, possuem equipes em mais de uma categoria, das competições promovidas pela FPrB. Desse modo é notório a dificuldade no acesso e na continuidade dos indivíduos que se encontram no processo de formação de atletas, haja vista que os espaços tornam-se restritos. Abaixo o quadro de equipes participantes das categorias de base em 2008 no masculino:

---

<sup>85</sup> Mastenbroek. W. **Norbert Elias como Sociólogo Organizacional**. Holland Consulting Group, Amsterdam. Department of Economics, Free University, Amsterdam 2000

<sup>86</sup> São cinco regiões: Sul (da qual Curitiba faz parte) Liga Metropolitana de Londrina, Liga Oeste, Liga Noroeste e Liga Sudoeste. Fonte FPrB.

**QUADRO 1 - EQUIPES PARTICIPANTES DOS CAMPEONATOS DE BASE, NA REGIÃO SUL, DA FPRB NO ANO DE 2008.**

Sub-13	Sub-14	Sub-16	Sub-17	Sub-18	Adulto <sup>87</sup>
Apab– Ponta Grossa	Apab– Ponta Grossa	Apab– Ponta Grossa			
Círculo Militar/Dom Bosco/Dix	Círculo Militar/Dom Bosco/Dix	Círculo Militar/Dom Bosco/Dix	Círculo Militar/Dom Bosco/Dix	Círculo Militar/Dom Bosco/Dix	Círculo Militar/Dom Bosco/Dix
		Sociedade Educativa Positivo			
Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais	Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais	Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais	Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais	Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais	
		Prefeitura Municipal de Castro	AME União da Vitória		
		Colégio Erasto Gaertner			
		Colégio Bom Jesus			
Sepam- Ponta Grossa	Sepam- Ponta Grossa	Sepam- Ponta Grossa	Sepam- Ponta Grossa		
Sociedade Thalia	Sociedade Thalia	Sociedade Thalia			Sociedade Thalia
Tittãs Basketball	Tittãs Basketball	Tittãs Basketball	Tittãs Basketball	Tittãs Basketball	Tittãs Basketball

Mesmo chegando ao número de seis filiados, quando somados aos filiados que disputam somente uma categoria, é um número menor comparado e guardado as devidas proporções com a cidade de São Paulo<sup>88</sup> que tem quatorze filiados disputando seus campeonatos, e do Rio de Janeiro, com dez filiados.<sup>89</sup> Numa

<sup>87</sup> Essas equipes participam do Campeonato Metropolitano, e não do campeonato estadual.

<sup>88</sup> Clubes Participantes: A Hebraica de SP, Paulistano, Espéria, C.F.E. Janeth, Banespa, Pinheiros, Esportiva/Pró Criança, São Paulo, Círculo Militar, Continental / Paulistano, Cvg - Ibirapuera, S. C. Corinthians Paulista, S.E.Palmeiras, Mackenzie Tamboré. Fonte: *site* oficial da Federação Paulista. Disponível em: <<http://www.fpb.com.br/>> acessada em 08 de janeiro de 2009.

<sup>89</sup> Clubes participantes: Jacarepaguá, Mackenzie, Salgueiro, Fluminense, Botafogo, Mangueira, Municipal, Tijuca, Flamengo, Vasco. Fonte: *site* oficial da Federação de Basketball do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.basketrio.com.br/>> Acesso em 08 de janeiro de 2009.

comparação com outros esportes desenvolvidos, como o futsal e o voleibol, a cidade de Curitiba possui dezessete filiados na Federação Paranaense de Futsal<sup>90</sup> e onze filiados na Federação Paranaense de Voleibol<sup>91</sup>, a comparação foi necessária para mostrar que poderia existir mais instituições participando desse processo junto a FPrB, e torna-se mais realística que comparando com outras capitais mais populosas que Curitiba.

Temos em relação à década de 1990, até ao início da presente década, que a FPrB perdeu filiados importantes na cidade de Curitiba, clubes e colégios como o Clube Curitibano, AABB, Santa Mônica Clube de Campo, Sociedade União Juventus, Cefet, Colégio Estadual do Paraná, e alguns mais recentes como algumas escolas, entre elas Colégio Marista Paranaense, Colégio Padre João Bagozzi e Colégio Madalena Sofia.<sup>92</sup>

A saída dessas equipes da FPrB faz com que atualmente o basquetebol tenha uma quantidade menor de equipes de Curitiba filiadas as suas respectivas federações em relação a outras modalidades, são um entrave para um maior desenvolvimento do basquetebol em Curitiba, com os espaços formadores reduzidos, o esporte se elitiza, não no sentido de que este se direciona a um público com melhores condições financeira, mas sim no sentido da procura ser reduzida tendo em vista o pouco conhecimento de interessados dos locais onde o basquetebol é oferecido.

Sobre a área administrativa o trabalho de Canan<sup>93</sup> (2008) auxilia no entendimento, pois apesar das atribuições existentes em seu estatuto a FPrB não da conta da sua demanda, e não consegue se estruturar em termos de pessoas, com cargos específicos, para o desenvolvimento da modalidade. Na sua pesquisa “foi constatado que efetivamente o trabalho da Federação é composto por um Diretor secretário, relatado pelo entrevistado como superintendente, por um técnico, um diretor de arbitragem e um secretário.” Para isso seria necessário uma maior

---

<sup>90</sup>Disponível em: <<http://www.futsalparana.com.br/clubes.php>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2009.

<sup>91</sup> Disponível em: <<http://www.voleiparana.com.br/index.php?pag=detalhe&codconteudo=1763&codmenu=91>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2009.

<sup>92</sup> Sabíamos de antemão que tais entidades já não estavam filiadas a FPrB, entretanto para nos dar uma embasamento documental, utilizamos o arquivo de súmulas de jogos as Sociedade Thalia. A razão pela qual utilizamos esse arquivo, deve-se ao fato de que um enchente na sede FPrB consumiu o material antigo da FPrB.

<sup>93</sup> CANAN F. **A ação do setor público municipal na constituição da estrutura do basquetebol de base curitibano**. Dissertação de mestrado em Educação física, UFPR, 2008

estruturação dessa área administrativa com o objetivo de aumentar a quantidade de filiados e equipes e por consequência, o aumento de atletas participando do processo.

A forma com a FPrB se encontrava estruturada pode ter ocorrido por série de fatores, como na falta de recursos financeiros, intelectuais, e no direcionamento das ações que atendessem os interesses dos filiados. Nesse período em que houve a diminuição dos filiados, organização administrativa da FPrB, provavelmente teve reflexo no acontecimento desses fatos, que foi admitido por Amarildo Rosa: “[...] na época a Federação passava por uns problemas, 2003-2004, uns cinco anos ela veio meio assim estacionada, com pouca estrutura, com pouca organização esportiva”.<sup>94</sup>

No depoimento do seu presidente existe a iniciativa de melhorar sua estrutura, mesmo por que foi observado e falta de estrutura em relação as administrações anteriores. A implantação de um projeto social para o basquetebol e formação do Conselho Consultivo de Técnicos foram ações diferenciadas em relação a outras administrações, mas ainda sim faltam dirigentes para ocupar outras funções específicas dentro da instituição, e alguns problemas de administrações passadas ainda persistem. Entretanto não houve aumento no número de filiados de Curitiba, somente das cidades da região metropolitana<sup>95</sup> e outras cidades do interior do Estado. A formação do Conselho Consultivo de Técnicos para cuidar dos rumos das seleções paranaense é a primeira ação em estruturar a área administrativa da FPrB. Amarildo Rosa comenta sobre as ações da FPrB:

Eu tenho um projeto, desde 2005 aqui dentro da Federação, foi apresentado na época para a Paraná Esporte, do governo do Estado, foi apresentado na época para a Prefeitura de Curitiba, e ficou engavetado. Ano passado (2008) que eu consegui, que mudou o secretário e entrou o Neivo Beraldin, em Curitiba, foi onde que eu tentei. (...).Esse é um projeto que a Federação tem e que agora quer levar nesse segundo ano não só para Curitiba, nós conseguimos com nosso patrocinador mais cinco cidades. A exemplo de Curitiba fazer em Campo Largo, Araucária, São José dos Pinhais e Pinhais, até por indicação do nosso patrocinador. Isso é que é importante. Você agrega com esse projeto social... tanto favorece os que já são filiados a continuar e até agora ter esse recurso, como material esportivo, como também as cidades que não tinham basquete. [...] Então, por isso a Federação agora está montando o Conselho Consultivo de Técnicos, escolhendo entre os técnicos de todo o Paraná, de vários clubes, aqueles dedicados, que buscam conhecimento, estudam, são abnegados, que não estão parados no tempo. Com eles estamos debatendo, discutindo ações para melhorar isso. Nós já começamos no ano passado uma ação, que foi o campeonato de seleções, das ligas do Paraná que vem com suas seleções e a gente joga para ver, conhecer os atletas que se destacam.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Idem.



Mesmo assim ainda existem críticas em relação como questão administrativa e quanto, o técnico Luis Fernando Gonçalves ressalta sobre a FPrB:

Eles não têm a capacidade de administrar e gerir recursos para a Federação, vendo que seus afiliados necessitam de atualização constante, de formação continuada disso. Essa formação continuada vai desde a secretária até os próprios técnicos atletas. Eles precisam dar experiência aos seus atletas, seus técnicos, para no futuro obter um título diferente, que não seja o quinto lugar no brasileiro. Então a gente está muito defasado em termos de outros estados, por quê? Porque eles tem experiência, tem estudo, tem competições.<sup>97</sup>

O coordenador de esportes do Colégio Dom Bosco, Danilo Schier da Cruz adiciona outro fator:

[...] acho que a Federação teria que nos dar um apoio, então a Federação tem uma Confederação acima que repassa uma verba para a Federação. Acho que isso teria de ser discutido. Não deixar tudo para as instituições, mas que a gente pudesse ser um pouco ajudado também pela federação. De repente uma taxa de arbitragem reduzida, uma taxa de inscrição, uma taxa que fosse um pouco subsidiada pelo menos. Sei que nós temos que fazer nossa parte, entendo isso, sem dúvida nenhuma, mas eu acho que nós temos também que ter apoio da Federação.<sup>98</sup>

Assim os fatos apresentados nos permitem atentar ao fato que as administrações ao longo dos anos, não cumpriram com os objetivos de seu estatuto, e que acabaram por diminuir o número de filiados e conseqüentemente de praticantes, e dos locais onde se pudesse praticar o basquetebol competitivo.<sup>99</sup> No entanto parece existir a visão por parte da FPrB que é necessário um maior estímulo nessa questão para o fomento desse processo, mas ainda sim será necessário a implementação dessas ações.

Deste modo a partir do próximo tópico voltaremos o foco para as instituições formativas, os clubes e escolas que são os locais onde se praticam o basquetebol competitivo, e os locais formadores dos atletas.

### 1.3 A ESTRUTURA FORMATIVA: CLUBE E ESCOLA

---

<sup>97</sup> Entrevista concedida em 19/02/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

<sup>98</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

<sup>99</sup> No presente trabalho consideramos o basquetebol competitivo como a prática voltada para competições oficiais como exemplo as promovida pela FPrB.

A estrutura formativa do basquetebol em Curitiba praticamente resume-se as escolas e clubes. Entretanto nesse meio formativo do basquetebol existe diferença no que se refere aos dois ambientes. Para Oliveira & Paes (2004), “o basquetebol deve estar presente na educação formal, que tem na escola seu principal ambiente, e também na educação não formal, em que os clubes e as chamadas escolinhas ocupam espaços de maior relevância”<sup>100</sup>. Nos clubes a prática está voltada como atividade para o associado e para a participação em competições oficiais. Enquanto que nas escolas Oliveira & Paes (2004) coloca que esta “deve tratar o basquetebol como um dos conteúdos pedagógicos nas aulas de educação física, pois a prática do desporto escolar é fundamental”. Mas dentro da realidade de algumas escolas, o basquetebol não é trabalhado somente no conteúdo curricular das aulas de educação física, mas em horário extracurricular e na forma de escolinhas e treinamentos, um complemento a base pedagógica da escola.<sup>101</sup>

Assim pode-se observar alguns aspectos da educação não formal dentro das escolas, no entanto em alguns momentos as estruturas interagem, seja a escola como uma fornecedora de atletas para os clubes, ou, em alguns casos, o clube cedendo atletas para a escola, e também quando se enfrentam em competições promovidas pela FPrB.

Sobre a questão dos atletas trocarem de estruturas, passando da escola para o clube ou vice versa, algumas razões existem para explicar esse trânsito. Alguns atletas saem das escolas e passam a jogar o basquetebol em clubes, pois existe uma maior ênfase na prática do basquetebol nesse ambiente. Nos clubes as horas de treinamento semanais são maiores que nas escolas, além disso, existe a oportunidade de participar de mais competições, que não as escolares, tornando-se um agente motivador dessa passagem da escola para clube. Dos oito atletas entrevistados nesta pesquisa, todos tinham experiência de jogar tanto por clubes como pela escola e todos, quando perguntados, em qual das estruturas formativas eles tinham preferência em jogar, deram como resposta o clube.

O trânsito no sentido clube – escola acontece principalmente por ação dos convênios entre as instituições. Os atletas que fazem parte somente do clube são convidados a ingressarem na escola conveniada, recebendo bolsa de estudos como

---

<sup>100</sup> OLIVEIRA, V. & PAES, R. **Ciência do Basquetebol**: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização. Londrina, Midiograf 2004. P.16

<sup>101</sup> Idem. p.34

uma forma de compensação para trocar de escola ou de clube. O trânsito ocorre também por motivação dos técnicos, geralmente estes têm vínculo empregatício com uma escola e com o clube, e os convidam para ingressar nos clubes, para terem um maior desenvolvimento como atleta e para reforçar as equipes do seu clube. E aonde existe um convênio<sup>102</sup> entre clube e escola torna-se praticamente obrigatório esse encaminhamento, pois os treinamentos deixam de ser realizados na escola, indo para os clubes.

Aqui se deve entender que estamos falando do convênio com uma escola particular, essa é uma maneira “direta” e “formal” de convênio, com a divisão de funções entre as instituições. Esta forma de convênio em Curitiba é observada entre o Clube Círculo Militar de Curitiba e o colégio Dom Bosco. Ambas as instituições acabam se beneficiando, a escola por ampliar aumentar a quantidade de locais de treinamento, o clube por poder, por meio da escola, oferecer bolsas de estudo a atletas, além da divisão de custos com taxas que envolvem as competições da FPrB, viagens e organização de torneios.

Danilo Schier relata: “Antes da parceria não tinha esse espaço. Depois que nós conseguimos a parceria com o Círculo, aí sim as escolinhas funcionam bem, nós temos agora equipes inteiras formadas dentro do colégio”<sup>103</sup>. Anteriormente a parceria a escola não conseguia desenvolver da melhor maneira possível a formação de atletas dentro da escola, entretanto atualmente se beneficia da parceria com o clube.

Desse modo em competições escolares, o Colégio Dom Bosco possui um domínio no que diz respeito as conquistas, já que além dos atletas que iniciam no basquetebol dentro da escola, no decorrer do processo, a escola pode usar da base de atletas formado no clube, que vão as escolas recebendo bolsas de estudo.

A outra maneira, na verdade é um “convênio indireto e/ou informal”, cuja relação entre técnico e atleta leva de uma instituição a outra, mas sem a obtenção de uma bolsa de estudo ou compensação financeira, com no caso dos atletas do Colégio Marista Paranaense disputarem as competições federados pela equipe da Sociedade Thalia. Os clubes de Curitiba não dão compensação financeira na forma de bolsas, estes dão aos atletas que não são sócios dos clubes, a condição de

---

<sup>102</sup> Os convênios são parcerias com intuito de melhorar o nível tanto das equipes que disputam competições a nível escola como federativas, e também para a divisão de custos relativos a taxas de federação e transporte para jogos.

<sup>103</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

*sócio-atleta*, facilitando a ida dos atletas para os clubes. Montagner<sup>104</sup> (1993) utiliza dos termos “*sócio-esportista*”, e “*sócio-militante*” para designar o significado dessa modalidade sócio, para o autor são “os jovens que não são associados ao clube, mas estão envolvidos com esporte competitivo.”

Nos depoimentos a seguir observa-se a importância dessa modalidade de sócios para seus técnicos. O técnico da Sociedade Thalia Anderson Ikenaga coloca que:

Na questão de competição a presença de não sócios é fundamental, já que a maioria dos sócios não participam de atividades ligadas ao treinamento, utilizando outros tipos de serviços ofertados pela sociedade Thalia. O sócio atleta é importante tanto no ponto de vista social como também esportivo.<sup>105</sup>

O diretor da Sociedade Thalia, Paulo Prezibella, faz o contraponto com a questão econômica, mas reconhece a importância dessa abertura para não sócios como forma de ajudar a sociedade.

o sócio atleta é importante. Hoje esta visão está um pouco deturpada administrativamente pelo fato de não trazer a parte econômica, quanto mais sócios atletas a gente tiver, o nome do clube sobe mas em contrapartida a parte econômica fica meio abaixo. Então a visão administrativa está mudando, eu particularmente acho que é super importante, porque é com eles que a gente trás mais gente para as atividades e contribui ao mesmo tempo com a sociedade.<sup>106</sup>

Da mesma forma Fabíola dos Santos, técnica do Circulo Militar do Paraná comenta sobre essa modalidade de sócio:

O sócio atleta é importante para a equipe. Para a formação da equipe. Se a gente dependesse só do número de sócios nós não teríamos uma equipe competitiva. E quando a gente fala de sócio atleta a gente dá oportunidade, inclusive, para meninos que tem uma condição sócio econômica mais baixa.<sup>107</sup>

Assim vemos que a categoria de sócio-atleta é fundamental para a formação das equipes desses clubes, primeiro pelo pouco número de associados em idade de participar do processo formativo e também com interesse pela modalidade, e depois pelo empenho de formar equipes que sejam competitivas para participar de campeonatos promovidos pela FPrB. Outro ponto que os depoimentos permitiram

---

<sup>104</sup> MONTAGNER, P. **Esporte de competição x educação? O caso do basquetebol**. Piracicaba, 1993

<sup>105</sup> Entrevista concedida em 18/02/2009, por Anderson Ikenaga

<sup>106</sup> Entrevista concedida em 22/09/2009, por Paulo Prezibella

<sup>107</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

observar foi sobre a questão social, que facilitam a entrada de atletas sem condições financeiras de serem associados do clube. Mas temos a impressão que essa oportunidade não é dada somente pelo fato dos mesmos não terem condição financeira, mas sim de unirem essa condição, com alguma característica técnica ou física diferenciada, que permita que eles sejam úteis a equipe.

De forma geral o modelo formativo de atletas em Curitiba acontece nessas duas instituições, fazendo com que a escola sirva como fornecedora de atletas para o clube. Utilizando os termos que Damo<sup>108</sup> utilizou em sua tese de doutorado sobre a formação de atletas pelos clubes de futebol encontramos três tipos de formação. A formação endógena, na qual o clube forma seus atletas para o uso em seus quadros. O segundo tipo seria a formação exógena, que visa somente atender a demanda de outros mercados. E o terceiro modelo seria um híbrido dos dois primeiros, na qual a maioria dos clubes de primeira e segunda divisão do futebol brasileiro podem ser encaixados.

Podemos fazer uma aproximação ao utilizar essa classificação para entendermos a formação de atletas de basquetebol em Curitiba. A formação dos atletas pelos clubes da capital atende ao requisito da formação endógena. Para Damo esse tipo de formação compreende-se pela lógica de formação/produção de futebolistas realizada por um dado centro especializado, vinculado a um clube, visando suprir suas próprias demandas de “pé-de-obra”<sup>109</sup>. Dessa maneira, o que se observa são os clubes formando atletas para atender a sua própria demanda, ou seja, suprir suas equipes para a participação em campeonatos seja com associados do clube ou sócios-atletas.

Como em Curitiba a formação de atletas de basquetebol é feita na sua maior parte por escolas e clubes, essa formação endógena, que seria formar atletas para atender os interesses específicos de cada instituição. Desse modo, ambas formam atletas para a atender a demanda de suas equipes, mas nem sempre com o mesmo objetivo. Enquanto nas escolas a formação das equipes serve para incentivar o esporte como atividade extracurricular e manter e ou aumentar a quantidade de alunos dentro da atividade, no clube esse objetivo já é direcionado para formar atletas para as competições.

---

<sup>108</sup> DAMO, A. **Do dom a Profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre, 2005.

<sup>109</sup> Termo utilizado pelo autor para designar a profissão de atleta de futebol.

Com os diferentes objetivos entre escolas e clubes podem advir da falta de uma política que incentive a formação de atletas de maneira mais efetiva em qualquer uma ou ambas as instituições. Desse modo, o que parece acontecer é que a escola não tem condições de se comprometer (ou não quer?). Para as escolas particulares é um ônus financeiro a mais, e não se vê retorno com isso, e nas escolas públicas, o pouco investimento, e as ações das secretarias de educação, não têm uma perspectiva voltada de formar atletas, uma vez que a própria aula de educação física não atende mais a tradicional linha do ensino dos quatro esportes (basquetebol, futebol, handebol e voleibol).

Do outro lado, o clube também não quer se responsabilizar com o processo de formação, pois necessita atender ao anseio dos associados, relegando o esporte competitivo ao segundo plano. O ex-presidente da CBB Renato Brito Cunha observa como a relação entre escola e clube se encontra:

a escola é onde você deve ensinar a jogar e praticar esporte. Se você não tiver, o clube hoje não tem mais, não tem mais atletas para jogar. Inclusive se a escola viesse a participar os clubes poderiam até retornar, porque os meninos, depois de quase quatro, cinco, seis, sete anos, já adultos poderiam participar da competição e o clube ficava desobrigado a preparar infantil, infante juvenil, juvenil e aspirante. Então a estrutura do basquetebol no Brasil é falha por isso. Agora você veja que coisa, que fenômeno, eu como técnico, o talento com que eles [...] esses jogadores, imagine se em vez de cem, duzentos, tivesse dois mil, vinte mil. O brasileiro tem talento para o esporte, não é só para o basquete não, está provado aí, pro vôlei, pra natação, pro atletismo, mas é preciso um lugar apropriado, e tem que ser um lugar aonde você estude, fique perto da sua família, dos professores. Então o esporte tem que ter um caráter educacional, entendeu, e poderia perfeitamente. Então um sistema desportivo escolar não existe no Brasil porque é um filho bastardo, ninguém quer.<sup>110</sup>

Acerca desse comentário é observada a complexidade acerca do tema, nas suas palavras se houvesse uma maior aproximação entre as estruturas, o processo de formação seria mais organizado, com o aumento no número de praticantes. E ainda, para ele não temos um esporte formativo nem no clube e nem na escola. O atual técnico da equipe de Bauru, o ex-membro da comissão técnica da seleção Brasileira, José Guerra, o Guerrinha, tem uma opinião similar acerca do tema:

A partir daí você ter uma política desportiva no país, nós não temos o esporte no Brasil não é feito no colégio, nem na universidade, nem nos clubes mais, nas prefeituras. Então, sem uma política desportiva no país, na minha opinião, de base, de formação, teria que ser encaminhado como nos maiores modelos do mundo, como os EUA encaminham para a

---

<sup>110</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

escola desde o HighSchool, universidades e depois ter o esporte profissional, que através das empresas, ou mesmo de clubes. Então o Brasil pegou um pouco da Europa, um pouco dos EUA e não fez nada e não tem uma identidade como país político desportivo, então isso aí também é um problema sério porque tudo o que é feito no Brasil é de improviso, é de última hora.<sup>111</sup>

Ambos os comentários ressaltam a importância da escola como formadora ideal. Como se vê, o problema da falta de uma linha de ação na formação de atletas de basquetebol abrange todo o Brasil, e reflete no microcosmo curitibano. Portanto é difícil precisar em qual dessas instituições, escola e clube, que atualmente mais influencia este processo. Como vimos nos quadro 1, temos somente três instituições que participaram de mais de uma categoria da FPrB, Círculo Militar/Dom Bosco/Dix, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball, os dois primeiros são clubes tradicionais na cidade de Curitiba, enquanto o último, é uma equipe formada no ano de 2007, que se utiliza das instalações de outra estrutura, no caso do Serviço Social do Transporte e do Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, (SEST/SENAT). E ainda temos outras instituições participando com apenas uma categoria, mas que são escolas, Colégio Erasto Gaertner, Colégio Bom Jesus e Sociedade Educacional Positivo.

Essa condição foi percebida por Beneli (2007) ao estudar as categorias de base no basquetebol de São Paulo, foi constatada uma diminuição do número de clubes paulistanos disputando as competições da Federação Paulista de Basquetebol (FPB), fato similar com o que ocorre em Curitiba, o que sugere uma contradição no papel do clube como elemento estrutural para desenvolver o basquetebol profissional. Uma vez que o clube parece deixar de lado os investimentos em um corpo técnico-administrativo específico para gerenciar o basquetebol e a complexidade de agentes que dele fazem a modalidade com características profissionais, em detrimento de ofertar o consumo do basquetebol e seus produtos para a realidade do próprio clube e dos produtos por ele ofertados (grupo de máster, basquetebol recreativo).

Beneli (2007)<sup>112</sup> demonstrou em sua pesquisa que mesmo na cidade de São Paulo, houve uma diminuição dos clubes tradicionais nas categorias de base, já que as exigências do esporte são cada vez maiores onerando financeiramente o clube,

---

<sup>111</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro.** UFPR, 2008

<sup>112</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base.** Campinas. 2007

pois mesmo nas categorias de base percebem-se características do esporte profissional. O autor admite existe a necessidade de incentivos fiscais e de recursos financeiros perenes por parte do Estado a essas equipes, uma vez que o basquetebol no sistema escolar inexistente nesse centro importante do basquetebol brasileiro. Beneli (2007) aponta para uma condição:

Há uma diferenciação na atualidade entre os objetivos da instituição clubístico, que originou, fundamentou e desenvolveu o basquetebol masculino no Brasil, qual seja atender o quadro de associados, e a profissionalização do esporte, que atinge a estrutura organizacional das categorias de base. Essa contradição de objetivos – hipoteticamente – desestimula essas instituições a prosseguir os trabalhos com as equipes de competição.<sup>113</sup>

A importância de citar o basquetebol paulista vai relevância que o mesmo tem para o basquetebol brasileiro. O Estado de São Paulo tem o basquetebol melhor estruturado do país, mas como observa Beneli, mesmo lá existem dificuldades para que o processo formativo seja realizado. E ainda, percebe-se uma contradição no discurso pregado por Brito Cunha e José Guerra, que defendem que o basquetebol formativo deveria ter escola como principal instituição para o processo, e a maneira como atualmente, em São Paulo, o processo formativo é realizado, com os clubes sendo os principais formadores. Portanto em centros menores, como no caso de Curitiba, que não existe uma cultura da prática do basquetebol, da mesma forma como em São Paulo, se prevê maiores dificuldades para que o processo formativo seja realizado tanto pelos clubes, como pelas escolas.

Em Curitiba, as instituições filiadas a FPrB são escolas, que utilizam das competições para treinarem suas equipes para os jogos escolares, clube sociais, cujo foco principal não é o esporte profissional, e de um clube formado por ideal de seu técnico, não existindo assim uma estrutura profissional no basquetebol de Curitiba. Porém mesmo com o quadro apresentado, essas instituições realizam o trabalho formativo, e que trazem indagações a respeito dos motivos que fazem com que participem do processo formativo de atletas. Para isso torna-se necessário entender os objetivos, e caracterizar as estruturas e como elas realizam o trabalho de formação de atletas.

#### 1.4 OS CLUBES COMO INSTITUIÇÕES FORMADORAS

---

<sup>113</sup> Idem.



Historicamente os clubes têm e tiveram um papel fundamental na formação de atletas no Brasil e por conseqüência em Curitiba. Pillatti<sup>114</sup> coloca que “a presença dos clubes associativos é elemento comum na história da maioria das modalidades esportivas no Estado do Paraná.” Na pesquisa de Mezzadri, 2000, o autor demonstra que a formação dos clubes sociais e desportivos no Estado do Paraná tem relação e influenciou no desenvolvimento do esporte, observando que o surgimento dos clubes no Estado Paraná acontece quase que simultaneamente a chegada dos esportes no Estado do Paraná.<sup>115</sup> Nesse ponto temos a importância dos clubes como elemento preponderante no processo de formação de atletas em todo o território nacional, devido ao tempo em que já estão em atividades e da variedade de modalidades esportivas ofertadas.

No âmbito do basquetebol brasileiro, temos indícios de que a modalidade depende das ações, principalmente de clubes, como estruturas formativas dos atletas. O discurso de Brito Cunha<sup>116</sup> demonstra a potencialidade dos clubes enquanto formadores e seu declínio atual:

[...] quando criaram estes clubes, estes clubes vem da comunidade, começaram com os associados, e eles criaram então suas equipes nas federações que foram criadas, então o dinheiro dos associados dava pra fazer os clubes, os infantis, juvenis e adultos nesses campeonatos, e os clubes tiveram um ascensão muito grande, que o clube era um local onde teve um desenvolvimento social e cultural dentro da comunidade, não só de festas, reuniões como de esporte, inclusive criaram grande instalações com ajuda do governo, que cedeu uma quantidade bem grande de terrenos para que fossem construídas instalações esportivas. Então estes clubes vieram, tiveram o apogeu, e o mundo vinha desenvolvendo um sistema econômico onde dava margem a isso. As modificações na economia no mundo que afetaram o Brasil... chegou aqui a tal ponto que a vida se tornou mais difícil. Os clubes foram aos poucos convivendo com grandes dificuldades, chegou até a destituir os times de futebol. Já tem clube entregando a sede porque não tem dinheiro para pagar. Todos os clubes do Brasil devem INSS ao governo, e devem uma série de multas e coisas porque não pagam as dívidas.

As dificuldades latentes dos clubes com problemas financeiros levam num primeiro momento de dificuldade a diminuir os investimentos nas equipes de competições, e aqui abrangemos todas as categorias de base, o que reflete diretamente na formação do jovem basquetebolista, já que a prioridade é o

---

<sup>114</sup> PILLATI, L. **O efeito trava de um *habitus***: anotações sobre o papel da lei da nacionalização no esvaecer do *habitus* esportivo do imigrante alemão no Estado do Paraná. In: GEBARA, A e PILATTI, L. Ensaio sobre sociologia nos Esportes. Jundiaí: editora Fontoura, 2006, p.125

<sup>115</sup> MEZZADRI F.M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná**: da formação dos clubes esportivos. Unicamp. 2000.

<sup>116</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB**: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro. UFPR, 2008

associado. E quando analisada a prioridade para o associado, a formação dele como atleta, muda de foco, com o esporte tornando-se mais recreativo do que competitivo. Essa mudança de foco vai de acordo com a ideologia do presidente ou diretor de esportes. No depoimento de Luis Fernando Gonçalves fica constatada essa tendência:

Quando eu trabalhei no [Clube] Curitiba – a gente ficou no Curitiba com o convênio do Dom Bosco dois anos – eles fizeram uma reunião lá e disseram que o esporte não teria importância para o clube porque o clube, como é clube social, eles iam buscar o conforto dos seus associados. E o esporte não era interessante para eles porque tinha muito gasto.<sup>117</sup>

A questão dos gastos para os clubes, por vezes, vai além da questão do corte de esportes pelo lado do investimento no esporte competitivo, indo em direção a vontade de atender o associado. Mesmo assim, os clubes que ainda mantêm o esporte como prática competitiva tem na perspectiva histórica e na formação da identidade do grupo o respaldo em continuar inserido no processo.

A relevância do papel dos clubes como agentes formadores foi defendida pelo ex-presidente da CBB Gerasimes Bosiks:

O clube é o clube. Então o que é que eu penso? Você tem que continuar dando força aos clubes, incentivando os clubes. E o governo também tem que fazer isso, incentivar que o clube mantenha suas escolinhas, mantenha suas equipes de base e que possa ter um investimento através de parcerias com empresas privadas para fazer uma equipe adulta, para disputar os campeonatos que dão visibilidade, mas tem que ter a base, que é o clube.<sup>118</sup>

Como já foi mostrado, não temos uma política nem por parte de órgãos públicos, e nem pelas estruturas institucionais, CBB e FPrB que incentivem os clubes. Entretanto, atualmente os clubes, não somente aqueles que possuem equipes adultas de alto nível procuram alternativas para manter o esporte competitivo buscando parcerias com iniciativa privada. Muitas vezes, principalmente no microcosmo analisado, os patrocínios são com valores irrisórios, que são parte da vontade de algum pai de atleta, ou apreciador da modalidade resolve doar. Danilo Schier observa essa questão:

---

<sup>117</sup> Entrevista concedida em 10/09/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

<sup>118</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

Nós nunca conseguimos fortalecer um patrocinador dentro de qualquer equipe. O que eles fazem hoje [pausa] colocam lá [pausa]. é aquilo que eu digo: nós estamos começando a mendigar o esporte. Você me dá 150 reais por mês e aí você põe o nome na nossa camisa. Isso não é um patrocínio. Isso é uma esmola que você pega e, sei lá, dá "cinquentão" para pagar arbitragem, esse tipo de coisa.<sup>119</sup>

Essa constatação vai de encontro ao que observamos na pesquisa de Beneli<sup>120</sup> (2007), o autor constatou que no basquetebol paulista há contradição nos objetivos do clube, entre atender os associados e se adequar a perspectiva do esporte profissional. Essa relação faz com que os clubes tenham patrocínios fracos e de pouca durabilidade (ou nem tenham), nos moldes ao que o dirigente Danilo Schier relatou em seu depoimento.

Das equipes que mais participaram das categorias de base no ano de 2008 pela FPrB, somente duas são clubes sociais e esportivos, e somente um deles possui parceiro para desenvolver seu trabalho.<sup>121</sup> Porém, mesmo com as dificuldades o clube é uma instituição que contribui de forma evidente nesse processo. Segundo ex-técnico da Seleção Brasileira de Basquetebol Masculino Aloísio "Lula" Ferreira

o aspecto econômico, que não permite que o clube invista muito dinheiro nisto, mas ainda assim, o trabalho dos clubes brasileiros é que acaba dando a sustentação do basquete porque eles formam aquilo que as escolas deveriam formar, eles fazem as escolinhas, ã... montam as categorias de base, iniciam jogadores nessas categorias de base.<sup>122</sup>

Nas suas palavras o clube, mesmo com as dificuldades financeiras que se apresentam para estas instituições atualmente, assume a função de principal agente formador de atletas de basquetebol no Brasil, e um papel fundamental dentro do processo, pois estes acabam sustentando as estruturas institucionais no que se refere à formação das seleções nacionais e estaduais. Para o ex-jogador da Seleção Brasileira Oscar Schmidt o clube está sobrecarregado nas suas funções: "O clube já faz demais, demais, entendeu? Você vê o Flamengo, que dá aula de basquete, de vôlei, de futebol lá, a troco de nada, porque não vai ter nenhum retorno de nada, ele

<sup>119</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

<sup>120</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. Campinas. 2007

<sup>121</sup> A equipe do Círculo Militar tem uma parceria com uma instituição de ensino, o Colégio Dom Bosco, e com uma empresa de planos de saúde, Dix.

<sup>122</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB**: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro. UFPR, 2008

dá porque ele quer, não tem que falar nada para o clube, deixa o clube, o clube já faz demais.”<sup>123</sup>

No discurso de Lula e Oscar se constata que os clubes são os grandes responsáveis pela formação de atletas, atuando num campo que outra instituição que teria uma maior gama de material humano teria maiores condições de obter sucesso.

Entrando na realidade curitibana, Círculo Militar e Sociedade Thalia são os dois únicos clubes que mantêm equipes de basquetebol federadas. O que faz esses clubes se manterem filiadas? Primeiramente ambas têm uma história dentro da modalidade sendo inclusive fundadores da FPrB<sup>124</sup>. Esse fator histórico atinge a manutenção atual da modalidade no quadro de atividades dos clubes, através de relatos históricos da pesquisa de Machado<sup>125</sup> sobre a história do basquetebol paranaense, Sociedade Thalia e Círculo Militar do Paraná possuem registro de participação em campeonatos da FPrB desde década de 40 e ainda o pesquisador atenta para o fato da prática do basquetebol máster ter início, no ano de 1956, nas quadras da Sociedade Thalia.

A pesquisa de Pastre<sup>126</sup> (2006), corrobora, mencionando que a prática do basquetebol máster já existe a pelo menos 40 anos, e que alguns dos atuais freqüentadores dessa forma de praticar basquetebol, foram atletas nas categorias de base desses dois clubes. Essa constatação sobre as primeiras participações em campeonatos oficiais, e o início da prática do basquetebol máster, nos dá segurança sobre importância das duas instituições.

Mas excluindo o fator histórico, o que leva atualmente essas instituições a serem formadoras de atletas e nesse contínuo, permanecerem como filiadas e participantes das competições promovidas pela FPrB? Podemos enumerar alguns fatores que podem contribuir para o entendimento dos motivos que levam a participação dos clubes, sobre a prática do basquetebol.

O primeiro ponto é a promoção do esporte como atividade para o associado: as atividades esportivas nos clubes são direcionadas para os sócios, mas nos clubes de Curitiba estudados, existe um horário diferenciado, para os associados que não

---

<sup>123</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

<sup>124</sup> Ata da assembléia geral da criação da FPrB. MACHADO, H. **O basquetebol no Paraná**. Curitiba, 2002

<sup>125</sup> MACHADO, H. **O basquetebol no Paraná**. Curitiba, 2002. P.224

<sup>126</sup> PASTRE, T. **O basquetebol veterano no Paraná: a formação de grupos e instituições sociais**. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

tem interesse em competir pelo clube, ou que, no momento não tem condições técnica de fazer parte da equipe, e aí passa pelas chamadas escolinhas de iniciação.

O segundo ponto o *marketing* da instituição através do esporte com a visualização do nome do clube em competições, e no caso Círculo Militar do Paraná/Dom Bosco fica mais evidente devido a sua parceria com a escola. Ao adentrar nesse ponto, tem-se a perspectiva de que a participação em campeonatos oficiais pelas equipes competitivas de basquetebol dos respectivos clubes os proporciona a possibilidade de “exposição social”, ou seja, a associação do nome do clube a competições oficiais (estaduais, nacionais e internacionais), possivelmente gerando lucros sociais aos mesmos, para citar um exemplo observamos a associação entre o Círculo Militar e a escola privada, Dom Bosco, e também, aqui se incluindo a Sociedade Thalia, o fato de ter o nome ligado ao basquetebol, pode atrair um maior contingente de sócios.

Quanto a parceria entre escola e clube, essa visa provavelmente um maior fomento da prática, pois cada instituição empresta seu corpo técnico para a formação de equipes, além de dividirem custos com taxas de arbitragens, anuidade e viagens para jogos, assim já se percebe uma forma do clube angariar recursos para se adequar a realidade do esporte moderno, seguindo alguns princípios do profissionalismo. Essas parcerias, possivelmente garantem benefícios econômicos à ambas as partes, contudo, valendo-se dos nossos julgamentos de valor devido a estar atuando na modalidade durante dez anos e do estatuto do clube social exposto por Báfero<sup>127</sup> (1991), os clubes estudados, sendo instituições não lucrativas com objetivos sócio-recreativos, adquirem prestígio à sua imagem e condições estruturais para desenvolverem-se enquanto formadores de praticantes.

Outro ponto é o aspecto social, e o clube utilizando do esporte pode ocupar um papel importante na formação da personalidade do indivíduo e com a capacidade ser um facilitador na aquisição de uma auto-imagem positiva para o praticante, contribuindo para sua inserção social, principalmente quando os clubes permitem a participação de não sócios, com a admissão de sócios-atletas para aumentar o número de adeptos e fortalecer o nível das equipes e dos treinamentos.

A introdução de sócios atletas dentro de suas equipes segue a lógica de

---

<sup>127</sup> BÁFERO, F. **Da Educação Física Escolar para a Educação Física informal: O Clube e a prática esportiva.** Piracicaba, 1991.

reforçá-la, já que o universo de sócios praticantes é relativamente menor em relação ao universo de uma cidade como Curitiba. Montagner (1993) coloca que o acesso a essas instituições é restrito, não garantindo espaços a todas as camadas e demandas sociais<sup>128</sup>. Essa categoria de sócio funciona primeiramente como o objetivo de qualificar o nível técnico, mas involuntariamente, permite a inserção de indivíduos, que provavelmente não teriam condições de serem associados dos clubes, transformando o clube social num local de coabitação de classes sociais. Essa observação vai de encontro a fala de Edson Lopes da Silva:

[...] mostrar a importância de a gente estar trabalhando para a sociedade, como acabei de falar não podemos ficar aqui trancados achando que estamos seguros aqui dentro, que lá fora temos um monte problema de violência. Então cada um tem que ter consciência de que tem que fazer alguma coisa, de que maneira, no meu caso como dirigente, estar trabalhando diretamente com o associado entender de ceder o espaço do público para que estas crianças e adolescentes venham aqui dentro, com isso, com certeza quando você estiver lá na rua vai ter um número menor de assaltantes, de pessoas que estão indo para as drogas. Há uma restrição muito grande, mais com projetos futuros que nós temos aqui no clube, eu tenho certeza que esta mentalidade do associado vai desaparecer e muito, porque o nosso objetivo, alguns projetos que nós estamos pensando bem grande é fazer com que o esporte se torne rentável para o clube, que através do esporte o clube possa crescer e isso é possível.<sup>129</sup>

Mas mesmo com os pontos levantados sobre os motivos que fazem os clubes a manterem a prática competitiva do basquetebol, e dessa maneira sendo participantes do processo de formação de atletas, existem limitações dentro da organização destes clubes. O depoimento de Fabíola Villa dos Santos demonstra isso:

Aqui não é um clube esportivo, é um clube social. Então muitas vezes a gente barra com problemas, tendo em vista que o objetivo do clube não é ter modalidades, não é ter equipes, e sim ser um clube para os sócios. A gente não pode usar a quadra todo tempo porque a quadra é para os sócios. Quem paga para o clube sobreviver é o sócio. A gente tem dado sorte porque quem tem presidido o clube são pessoas que gostam da modalidade, mas de repente, quem sabe, daqui dois a três anos quando tiver eleição de novo isso não aconteça. O Círculo pode deixar de ter todo esse papel importante.[...] Você não vê sócio dentro do ginásio para ver vôlei e basquete. Você vê ex-jogadores de vôlei e de basquete que hoje são sócios. Mas o sócio normal você não vê. A única chance que eu acho de o esporte sobreviver no clube, pelo menos aqui em Curitiba, é você tendo um patrocínio ou uma parceria. Eu acredito que se, daqui um ou dois anos, acabar o patrocínio ou a parceria, o esporte no clube acaba<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup> MONTAGNER, P. **esporte de competição?** O caso do basquetebol. Piracicaba, 1993

<sup>129</sup> Entrevista concedida em 16/08/2009, por Edson Lopes da Silva

<sup>130</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

Como foi levantado anteriormente no depoimento de Oscar Schmidt, existe uma sobreposição nos objetivos dos clubes. Relacionando com o depoimento de Fabíola dos Santos percebe-se mais facilmente isso, uma vez que os clubes de Curitiba não são somente clubes esportivos, são também clubes sociais, e necessitam atender ambas as áreas. Mas ainda existe a questão do associado do clube que não dá tanta importância para o trabalho formativo, e o da participação em competições, isso traz dificuldades ao processo formativo, pois muitas vezes, os horários de utilização das quadras e ginásios, que poderia ser destinado aos treinamentos das equipes, são disponibilizados aos associados.

No clube Círculo Militar Paraná ainda existe a parceria com uma empresa privada e com o colégio Dom Bosco, o que permite um intercâmbio com outros centros como relata Fabíola dos Santos:

E o basquete tem o diferencial a mais do que o vôlei no sentido de ter um patrocínio. Hoje nós temos condições de fazer mais intercâmbio, de fazer mais competições aqui dentro porque nós temos esse dinheiro do patrocínio, coisa que o vôlei não tem.

Porém essa realidade não é encontrada no outro clube pesquisado, a Sociedade Thalia, que não possui parceria com uma escola, aliada aos problemas com os objetivos dos clubes sociais, faz com que se busque outras alternativas. O técnico Anderson Ikenaga assim expõe essa questão:

[...] o clube não tem ações ou até mesmo iniciativa na promoção da modalidade [além do treinamentos], pois a única maneira de mostrar o trabalho é acompanhando os times nas competições. Para viagens, o time utiliza de recursos alternativos tais como: rifas, auxílio dos jogadores dos veteranos entre outros, já que a própria instituição não cobre o valor total de viagens.<sup>131</sup>

Já a equipe do Tittãs Basketball não se classifica como os dois clubes acima descritos, conforme Montagner (1993) descreve, “o clube constitui-se, entre outros, em um local de agrupamento social para a prática do lazer e também do esporte.” Nos clubes analisados existem ambas as práticas, enquanto, o SEST/SENAT possui instalações e atividades similares aos clubes, mas a equipe do Tittãs Basketball loca as dependências da instituição. Entretanto no depoimento de Roberto Souza fica a impressão que mesmo com algumas dificuldades existentes nos clubes como a

---

<sup>131</sup> Entrevista concedida em 18/02/2009, por Anderson Ikenaga

Sociedade Thalia e Círculo Militar, o entrevistado sente falta da estrutura administrativa dos mesmos:

o meu clube, a minha instituição, não tem um diretor ou uma pessoa que seja responsável, enfim. Todo trabalho é feito por mim mesmo e eu não tenho muito acesso aos outros clubes. Trabalhei muito pouco em outras instituições que tivessem dirigentes e que eu soubesse como eles atuam, qual trabalho eles fazem. O que eu posso dizer é que o que eu vejo das outras equipes é que eles têm, sim, um respaldo de profissionais que trabalham por trás e que dão uma tranquilidade para que eles possam dar os treinamentos, tem o material, possam disputar competições. Isso que, de fora, o que eu enxergo... eu vejo que, pelo menos dos clubes, que existem esses profissionais e que eles fazem um bom trabalho<sup>132</sup>

Adiante a questão administrativa, na área financeira, a equipe tem as mesmas dificuldades dos clubes formativos de Curitiba. Desse modo, em relação às verbas para a manutenção da equipe, e sua participação em campeonatos, com suas taxas e afins, ela depende de patrocínios, do pagamento de mensalidades de uma parte de atletas, e da ajuda de alguns pais ou interessados na modalidade. Mas no atual contexto da modalidade a abertura desse espaço formativo é fundamental para ocupar espaço que outros clubes deixaram de lado.

Desse modo temos somente três instituições formadoras que não são escolas e monopolizam em parte os atletas de Curitiba. Em parte, porque não podemos afirmar se o monopólio é por uma força realmente existente por parte dessas instituições, ou porque, devido à quantidade de locais que desenvolvem a modalidade, faça com que não atenda a uma possível demanda pela modalidade. Assim a escola é outra instituição que se ocupa com formação de atletas, e que torna necessária conhecer sua estruturação dentro de Curitiba.

## 1.5 AS ESCOLAS COMO INSTITUIÇÕES FORMADORAS

A escola pode atender um espaço importante no processo de formação de atletas, pois a mesma tem condições de influenciar o aluno na prática esportiva seja através das aulas de educação física, seja através de escolinhas esportivas. Bassani (2003)<sup>133</sup> coloca que:

---

<sup>132</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza.

<sup>133</sup>BASSANI, J. *Et. al. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades*. Revista Movimento v. 09, n. 2, p. 89-112, Porto Alegre, maio/agosto de 2003



Também nos ambientes escolares, como sabemos, o esporte tem uma destacada presença. Tanto como conteúdo central da Educação Física Escolar, quanto como prática extracurricular, os esportes são motivo de canalização de importantes recursos financeiros, materiais e simbólicos nas escolas brasileiras.

De acordo de Rangel *et al.* (2005) a escola pode moldar modos de agir e de pensar, de inserir valores, o que se denomina cultura escolar. Para ele:

Entende-se, portanto, como cultura escolar, aspectos institucionalizados, determinadas práticas de condutas, hábitos e rituais diários, a prática do cotidiano do saber escolar a materialização física [...] modos de pensar e agir, enfim, só para citar alguns exemplos de determinações culturais no interior da escola.<sup>134</sup>

Assim abre-se a perspectiva da escola ser melhor aproveitada como instituição formadora. Na perspectiva que Rangel apontou, entendemos que a escola tem condições de influenciar a maneira de agir dos indivíduos que nela convivem. Como Bassani se referiu anteriormente, o esporte tem presença dentro do ambiente escolar, e portanto faz parte da cultura escolar. Desse modo observando o depoimento de Brito Cunha, Oscar Schmidt, e de Aloísio Xavier citados anteriormente, a referência que estes deram ao esporte na escola foi marcante.

Foi mencionado pelos mesmos que o trabalho de base no basquetebol deveria ser iniciado na escola, sendo um ponto convergente em seus depoimentos a comparação com o sistema desportivo norte americano, na qual o atleta tem sua formação esportiva realizada no sistema educacional, antes de chegar ao esporte profissional. Entretanto surge um contraponto entre esses depoimentos com a relação realizada com as citações de Bassani e Rangel. Mesmo com a possibilidade do esporte fazer parte da cultura escolar, o esporte escolar pelo entendimento de Brito Cunha, Oscar Schmidt, e de Aloísio Xavier ainda não ocupa o papel de ser a principal fomentadora de atletas para o basquetebol. Assim a escola atualmente, pode dar em alguns momentos o primeiro contato com o esporte, contudo não direciona o indivíduo para a especialização e profissionalização.

Portanto, no entendimento deles, esse seria o modelo ideal para que se iniciasse a massificação esportiva no país, alterando o contraponto que mostra o esporte inserido na cultura escolar, mas ainda cabendo aos clubes de serem os

---

<sup>134</sup> RANGEL I. *et al.* **O ensino reflexivo como perspectiva pedagógica.** IN. DARIDO, S.; RANGEL. I. **Educação física na escola,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. P.105

principais agentes formadores, que refletiria diretamente no processo de formação de atletas de basquetebol, pois mudaria o foco fomentador do esporte.

Nesse sentido a estrutura escolar poderia ser um dos principais meios de formação de atletas, independente da modalidade, idade, e sexo. Basicamente a entrada na escola é um direito, pois o seu acesso esta contido na Carta de Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas<sup>135</sup> e no Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>136</sup>. As escolas poderiam ocupar um espaço maior no sentido de se iniciar um programa de formação de atletas, devido à quantidade, e a direito adquirido da criança e do jovem. Segundo dados do INEP<sup>137</sup>, no ano de 2008, a cidade de Curitiba, teve 265.016 alunos matriculados<sup>138</sup>, nas séries iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio, sem contar os alunos em educação especial, ensino a distancia, e educação para adultos. Outros 60.012 alunos estudavam em colégios particulares e 2.020 em estabelecimentos federais).

No presente trabalho, utilizando como parâmetro as equipes filiadas a FPrB, encontramos três instituições escolares atuando nesse processo no basquetebol masculino de Curitiba durante o ano de 2008: Colégio Erasto Gaertner, Colégio Bom Jesus e Sociedade Educacional Positivo. No entanto elas participam somente de uma categoria promovida pela FPrB. A escola como estrutura formativa, poderia ser deixada de lado nesse estudo pela pouca presença nas competições oficiais da FPrB. Porém, a função dessa estrutura formativa ultrapassa o contexto federativo, pois é nas escolas que muitos atletas iniciam nessa prática.

Porém, não se observa a escola envolvida no processo de iniciação do basquetebol da maneira que os depoimento dos entrevistados idealizaram, e principalmente nas escolas públicas, não se tem conhecimentos de iniciativas na prática do basquetebol masculino. Atualmente por ações individualizadas, algumas

---

<sup>135</sup> Segue a Convenção sobre os Direitos da Criança, e o Artigo 28 onde se diz que: 1. Os estados partes reconhecem o direito da criança à educação e, a fim de que ela possa exercer progressivamente e em igualdade de condições esse direito. Disponível em: <[http://www.onu-brasil.org.br/doc\\_crianca1.php](http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca1.php)>. acessada em 08 de janeiro de 2009.

<sup>136</sup> No Capítulo IV, intitulado "Do Direito À Educação, À Cultura, Ao Esporte a ao Lazer",o Artigo. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

<sup>137</sup> Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>> Acesso em 11 de janeiro de 2008

<sup>138</sup> O *site* não apresentou dados separadamente relativo a quantidade de meninos e meninas matriculado

escolas públicas tem algumas aulas de iniciação por parte de profissionais da equipe do Tittãs Basketball<sup>139</sup>.

Nas escolas particulares o basquetebol remete-se a poucos locais onde existe a fomentação da prática. Além das equipes que participam da competição federada, outras escolas participam de competições escolares, entre as mais importantes nos últimos anos, podemos citar aqueles que participaram dos Jogos promovidos PMC: Colégio Dom Bosco, Colégio Marista Paranaense, Colégio Marista Santa Maria, Colégio Padre João Bagozzi e Colégio Estadual do Paraná.

No quadro que será apresentado a seguir encontramos vinte estabelecimentos de ensino que disputaram os jogos da PMC. Esse universo se divide com metade das escolas sendo de origem particular e a outra metade de origem pública. O quadro apresentado pode sugerir que o basquetebol está inserido de forma estruturada tanto nas escolas públicas como nas privadas. No entanto foi observado que em parte destes estabelecimentos, as equipes eram formadas nas aulas de educação física, e colocados em competições sem uma preparação adequada.

Outra constatação é a de que quatro estabelecimentos particulares participaram de todas as categorias, Colégio Marista Paranaense, Colégio Bom Jesus, Colégio Positivo e Colégio Dom Bosco (este não participou somente da categoria pré-mirim), que possuem o esporte dentro do seu quadro de atividades extracurriculares de maneira sistematizada, espaço físico, profissionais especializados na modalidade e materiais para o ensino adequado. Esses colégios ocuparam sempre as três primeiras posições em todas as categorias, com exceção da categoria mirim e pré-mirim, quando outra escola particular ocupou uma destas posições, o Colégio Padre João Bagozzi.

Das escolas públicas, com horários de iniciação esportiva ou treinamento, o Colégio Estadual do Paraná, Colégio Militar de Curitiba<sup>140</sup> e o Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães, nos outros colégios não encontramos o treinamento de forma estruturada. Como relatado pelo Atleta 8: “Em 2006 a gente chegou a ir para os Jocops, mas por falta de atleta a gente perdeu por WxO. No ano

---

<sup>139</sup> Entrevista concedida por Roberto Antonio de Souza ele cita três núcleos em colégios, Colégio Cesmag - Colégio Estadual Senador Alencar Guimarães - Colégio Asdrúbal Belengard e Colégio Teotônio Vilela. Entrevista concedida em 14/09/2009.

<sup>140</sup> ajuda do Governo foi essencial; pois o Estado atendia todas as necessidades para o funcionamento do CMC, ao Exército cabia apenas a manutenção do estabelecimento de ensino, bem como da estrutura em pessoal, material e outros aspectos.

passado [2007] a gente conseguiu chegar à disputa do terceiro da fase regional, jogando sem técnico, só com os atletas que já jogavam alguma coisa. Chegamos à disputa pelo terceiro mas acabamos perdemos para o Colégio Estadual.”<sup>141</sup> Abaixo temos o quadro de estabelecimentos de ensino participantes dos jogos promovidos pela PMC no ano de 2008:

**QUADRO 2 - EQUIPES PARTICIPANTES DOS CAMPEONATOS DA PMC NO ANO DE 2008.**

Sub-12	Sub-13	Sub-14	Sub-15	Sub-16	Sub-17
Colégio Marista Paranaense	Colégio Marista Paranaense	Colégio Marista Paranaense	Colégio Marista Paranaense	Colégio Marista Paranaense	Colégio Marista Paranaense
Colégio Bom Jesus	Colégio Bom Jesus	Colégio Bom Jesus	Colégio Bom Jesus	Colégio Bom Jesus	Colégio Bom Jesus
Colégio Marista Santa Maria	Colégio Dom Bosco	Colégio Dom Bosco	Colégio Dom Bosco	Colégio Dom Bosco	Colégio Dom Bosco
Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães	Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães	Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães	Colégio Estadual Fazenda Velha	Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães	Colégio Estadual Fazenda Velha
Colégio Positivo	Colégio Positivo	Colégio Positivo	Colégio Positivo	Colégio Positivo	Colégio Positivo
Colégio Nossa Senhora Medianeira	Colégio Nossa Senhora Medianeira	Colégio Nossa Senhora Medianeira	Colégio Estadual Do Paraná	Colégio Estadual Do Paraná	Colégio Estadual Do Paraná
Colégio Padre Bagozzi	Colégio Padre Bagozzi	Colégio Militar de Curitiba	Colégio Estadual Professora Brandão	Colégio Nossa Senhora. Assunção	Colégio Estadual Professora Brandão
Instituto de Educação do Paraná	Colégio Militar de Curitiba	Ciesc Santa Terezinha do Menino Jesus		Colégio Militar de Curitiba	
Colégio Suíço Brasileiro	Ciesc Santa Terezinha do Menino Jesus	Colégio Policia militar do Paraná		Escola Cidadã	
Colégio Policia militar do Paraná	Escola Batista Shalon	Colégio Marista Santa Maria		Colégio Estadual Teotônio Vilela	
Colégio Estadual Teotônio Vilela	Colégio Estadual Teotônio Vilela			Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard	

<sup>141</sup> Entrevista concedida em 25/08/2009, por atleta 8

O microcosmo escolar do basquetebol curitibano está melhor estruturado nas escolas particulares do que nas escolas públicas, limitando o acesso a prática da modalidade de forma organizada a uma parcela restrita de crianças e adolescentes em idade escolar. A reduzida prática do basquetebol nas escolas públicas é causada pela política educacional as quais estão atreladas, como exemplo a falta de escolinhas de iniciação nos moldes das que existem em escolas particulares.<sup>142</sup>

Porém, mesmo melhor estruturada, não podemos afirmar que o trabalho seja o ideal. As escolas particulares levam vantagens por terem mais condições financeiras, e também por ter um corpo profissional específico para o treinamento. Outro ponto observado nas relações entre as escolas, é sobre as bolsas de estudo. Nas escolas a lógica poderia ser aplicada da mesma forma através dos exemplos das bolsas de estudo. Porém os atletas que as recebem, na grande parte das vezes, não se destacam numa escola pública, e sim num clube, sendo assim o clube mais uma vez, o facilitador dessa relação. Assim o microcosmo curitibano do basquetebol escolar é reduzido, acompanhando a tendência brasileira, que reflete uma indefinição na políticas esportiva.

Como já vimos acima, além dos Jogos da PMC, temos outras competições escolares na cidade, promovidas pelo poder público e por uma instituição privada. Mesmo não encontrando uma política de incentivo por parte do poder público que incentivasse as escolas, existe uma política de promoção de jogos escolares, desse modo as competições realizadas pelo poder público são gratuitas, e todas as escolas de Curitiba são aptas a participar, independente de serem de natureza pública ou privada, e do seu objetivo com a competição. Tanto a PMC, através da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), como o Governo do Estado do

---

<sup>142</sup> Os estudos de Bourdieu relativos a educação auxiliam nesse entendimento. O autor considera que a escola representa as estruturas sociais transmissoras das desigualdades sociais, ou seja, a escola é uma instituição reprodutora do modelo de sociedade. E mesmo a escola sendo um direito adquirido, o acesso a todas as formas de educação (capital cultural), e aqui a iniciação esportiva é vista como um instrumento educacional, ela não esta disponível a todos da mesma maneira. Assim a iniciação esportiva nas escolas é mais acessível àqueles que possuem um capital econômico que lhes permite adentrar nas escolas particulares, que oferecem a iniciação esportiva no basquetebol, pois como já mencionamos não temos escolinhas de iniciação em grande parte das escolas públicas. Portanto entendemos que a escola incorpora esquemas estruturados formados a partir das divisões de classe e que as mantêm durante a vida. Esses esquemas se dão pelo acesso ao capital específico, e continuarão a privilegiar os indivíduos que os possuem. Essa lógica de Bourdieu também se aplica aos clubes, porém o atleta tem um acesso facilitado para dentro do clube na forma de sócio atleta, quando ele tem outros capitais incorporados, no caso, os atletas que se tornam sócios atletas, tem qualidades diferenciadas (capitais), que podemos atribuir as qualidades físicas, (estatura é um exemplo) e a qualidades técnicas. BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P.114

Paraná, com a autarquia da Paraná Esportes, são as instituições promotoras dessas competições.

Os Jogos Escolares de Curitiba tem as seguintes categorias: Juvenil (até 17 anos), Pré-juvenil (até 16 anos), Infante Juvenil (até 15 anos), Infantil (até 14 anos), Mirim (até 13 anos) e Pré-mirim (até 12 anos). Os atletas devem estar matriculados na instituição para poderem participar. Os jogos tem períodos de realização fixo, e cada competição tem aproximadamente entre duas e três semanas de duração, sendo que os jogos dos atletas da faixa etária mais elevada são realizadas no início do calendário escolar, primeiro para formar a equipe de Curitiba que vai para os Jogos da Juventude do Paraná e para as datas não coincidirem com o calendário dos processos seletivos das universidades, uma vez que, são alunos em idade pré-vestibular, e finalizam no final do ano com os jogos das categorias mais novas.

A Paraná Esportes desenvolve os Jogos Colegiais do Paraná, classificatória para as Olimpíadas Escolares Brasileiras, as competições seguem os mesmo princípios dos Jogos Escolares de Curitiba, porém a competição dentro do município é classificatória para a fase estadual dos jogos, e são disputadas somente em duas categorias, a categoria sub-17, denominada “A” e a categoria sub-14, denominada “B”. Essas categorias, são aquelas que as escolas participam de competições da FPrB, quando estas são similares ou de idades próximas, assim o objetivos das escolas em participar da FPrB, muitas vezes, é de elevar o nível técnico das suas equipes em uma competição mais regular com o objetivo voltado para os *Jocops*.

Mesmo tendo essa política de competições, os eventos promovidos pelos órgãos públicos, não atendem a demanda de jogos, haja vista, que estes jogos possuem uma duração muito curta, no máximo três semanas, que pode contribuir para uma desmotivação da prática por parte dos alunos e das escolas em fazer investimento ao longo do ano para manter a modalidade em atividade. Outra competição que as escolas podem disputar é a da LEB, na pesquisa de Canan<sup>143</sup> (2008), o autor coloca que a LEB é uma instituição privada, sendo disputada em várias categorias, praticamente idênticas a da FPrB, mas tem um custo menor, e o nível técnico mais fraco comparado com a da FPrB.

Pode se notar que existem competições escolares na cidade, o que permitiria que mais escolas aproveitassem estas e adentrassem de maneira mais incisiva na

---

<sup>143</sup> CANAN F. **A ação do setor público municipal na constituição da estrutura do basquetebol de base curitibano**. Dissertação de mestrado em Educação física, UFPR, 2008

formação de atletas. As escolas públicas poderiam aproveitar as competições promovidas pelo poder público. Mesmo com algumas instituições participando desses jogos, existem poucas que participam e realizam um trabalho duradouro, o Colégio Estadual do Paraná é uma das exceções. Entre os motivos que podem afastar as escolas públicas, como já mencionamos anteriormente, temos o período muito curto de duração dos campeonatos, outro fato é o de competirem com equipes um nível técnico mais elevado, e por fim, também pelo fato dos professores, devido a política de salários, atualmente não receberem compensação por hora de treinamento.

Adentrando no ponto sobre as equipes de escolas públicas não participarem dessas competições devido a desigualdade técnica com as equipes de escolas particulares, observamos que essa questão precisa ser tratada com cuidado, pois não cabe relegar as equipes de maior nível técnico, a não participação nesses jogos. Entendemos que a criação de alguns mecanismos, que permitissem o desenvolvimento dessas escolas na prática do basquetebol, e que aumentassem o nível técnico. Mas da maneira como o processo de formação de atletas está configurado atualmente, a tendência é que se perpetuem essa diferença.

Portanto encontramos o microcosmo de Curitiba assim configurado, percebe-se que o processo de formação de atletas encontra-se inseridos em duas estruturas, clube e escola, que tem ligações em seus trabalhos, formadas uma interdependência em graus variados. Temos desde parcerias consolidadas, como entre o Círculo Militar do Paraná e o Colégio Dom Bosco, outras informais, quando o mesmo técnico trabalha nas duas estruturas e levam os atletas seus atletas de uma estrutura para outra devido a conveniência para ambos, e até mesmo quando a escola serve somente como uma local que abastece os clubes. Entretanto as demais escolas não aderem a esse modelo, para Danilo Schier a questão financeira é preponderante para que outros estabelecimentos não invistam no esporte: “Diretamente ligado ao custo. O custo do esporte é muito alto para manutenção de material esportivo, manutenção de técnicos, aí, você quer participar da Federação é caro, e assim por diante.”<sup>144</sup>

Ao mesmo tempo fica a questão do porque este estabelecimento possui essa estratégia quanto ao seu investimento nos esportes, Danilo Schier coloca:

---

<sup>144</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

Fortalecimento da marca. Como ele já tem tradição no esporte, ele se fortalece um pouco mais. E também entende que o esporte é um benefício social. Então é por isso que o Dom Bosco investe; investe bastante dinheiro, para que tenha esse retorno de marca e até social<sup>145</sup>

Outra maneira de se analisar o a questão dos investimentos em esportes pelas escolas foi feito por Luis Fernando Gonçalves:

Agora, acho que cada escola busca seu diferencial. O diferencial da escola para agregar mais alunos, ou chamar alunos de outra escola, ou do pessoal que está entrando para a sua escola, é justamente os seus diferenciais. Hoje em dia fala-se muito de informática, fala-se muito de escolinhas esportivas, aonde os pais[pausa] é impossível um pai não saber que o esporte é altamente socializador. Altamente benéfico para o seu filho. Então ele sabe. Então ele vai procurar na escola o seu melhor. Não interessa se é escola A ou B, se é Dom Bosco, Bom Jesus, Paranaense, alguma coisa assim. Mas ele vai buscar na escola os diferenciais que ele tem na sua casa, que ele busca e que ele não conseguiu ainda colocar para o seu filho. É obvio que, financeiramente, se a escola tem esse diferencial ela vai ter mais alunos, o que faz com que a escola se sustente. Agora, se ela não tiver esses diferenciais, por exemplo o esporte, ela certamente vai ter um prejuízo econômico, porque todos os pais, todos os familiares buscam uma escola que tem um diferencial que é o esporte. E se começar a ganhar ainda, ganhar campeonato, é muito interessante para a propaganda do colégio. Mas não a propaganda de mídia, mas a propaganda boca a boca.<sup>146</sup>

Por fim entendemos que mesmo nas escolas que não fazem investimentos similares ao que o Colégio Dom Bosco realiza, o esporte é utilizado como estratégia de angariar alunos. Efetivamente o binômio clube-escola é desenvolvido somente entre o clube Círculo Militar do Paraná e o Colégio Dom Bosco, abrindo a possibilidade da formação se atleta ter menos dificuldades durante o processo. Fruto dessa discussão podemos levantar a hipótese que o modelo híbrido daria maior sustentação no sentido do atleta ter a segurança da escola, com a bolsa de estudos, a oportunidade de ter a melhor estrutura física e de profissionais, e as instituições estariam melhor alicerçadas na questão financeira, o que diminui a chance de ter o trabalho interrompido durante o processo.

Entretanto pelo relato a seguir, podemos encontrar indícios do papel da escola no contexto do trabalho formativo de atletas para o basquetebol de Curitiba Fabíola dos Santos coloca que:

Acho que num primeiro momento a criança procura o esporte dentro da escola, pelo menos aqui em Curitiba. Depois, ela conhece o clube, ou o professor indica para o clube. Isso eu

<sup>145</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

<sup>146</sup> Entrevista concedida em 10/09/2009, por Luis Fernando Gonçalves.



tenho visto bastante. Então eu tenho percebido que, a princípio, a grande maioria dos atletas que tem entrado aqui no clube começaram dentro de uma escola, nem que fique um ano, meio ano, mas daí é que eles vem para nós. Hoje em dia, com as categorias mais jovens a gente tem conhecido iniciar definitivamente alguns, mas na maioria das vezes o atleta vem da escola para o clube. Por aí se vê o quanto é importante o esporte escolar. Porque ele é realmente o celeiro de atletas, é dali que vão ser os atletas para serem inseridos dentro do clube.<sup>147</sup>

Como já vimos no início desse tópico sobre a escola, a quantidade de alunos dentro desta é um diferencial em relação ao clube. Dessa forma pelo depoimento acima, temos a impressão de que a escola é uma instituição que inicia o aluno na prática, mas que não consegue dar continuidade com o passar da vida esportiva do atleta. Assim o gosto pelo esporte muitas vezes é adquirido dentro da escola, seja dentro das escolinhas de iniciação ou pela aula de educação física. No depoimento de Roberto de Souza evidencia esse aspecto:

A escola hoje não tem um trabalho, eu não vejo escolas com um trabalho muito [pausa] específico dentro do basquetebol. Nas que tem alguma coisa, eu acho que ele é muito superficial, e não consegue dar continuidade, tanto que os atletas todos vem pras equipes dos clubes, para equipes geradas por clubes.<sup>148</sup>

A escola assim, no entendimento dos entrevistados, é uma instituição importante, mas que atualmente não consegue desenvolver um trabalho que reflita diretamente em equipes competitivas. Entretanto tem grande importância por ser um estímulo para que as crianças se motivem pela prática. Para uma continuidade da vida como atleta, a passagem da escola para os clubes demonstra sua importância para o desenvolvimento do processo formativo.

Por fim, o diretor de esportes do Clube Círculo Militar do Paraná afirma em seu depoimento a necessidade em se ter a escola participando mais ativamente desse processo:

Então eu acho hoje em dia aqui no estado e não só no estado, mas como no país se a rede publica junto, com a rede particular não mudar o foco disto, de colocar, de aproveitar a escola pra atrair a criança para uma pratica física esportiva a coisa não vai mudar não, eu acho que o Brasil só não tem um desenvolvimento esportivo maior justamente por falta de interesse das escolas..<sup>149</sup>

Como o quadro exposto, conseguimos visualizar o microcosmo do basquetebol curitibano, com a sua estrutura formativa e institucional. A seguir será

---

<sup>147</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

<sup>148</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza.

<sup>149</sup> Entrevista concedida em 16/08/2009, por Edson Lopes da Silva

discutida a formação do *habitus* dentro das estruturas que fazem parte do processo de formação de atletas para que se entendam os motivos de que fazem com que o basquetebol seja um componente presente dentro do contexto dessas estruturas.

## **CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO ESPORTIVA DENTRO DOS ASPECTOS DO BASQUETEBOL**

No capítulo anterior foi relatado o papel das instituições que atuam no processo de formação de atletas: os clubes e as escolas que atuam como estruturas formativas, e a FPrB como a principal estrutura institucional. Nesse contexto ficou constatada a falta de uma linha de ação no que se refere a uma política esportiva, existindo uma oposição entre o ideal, a base voltada na escola, e a realidade, em que o esporte tem sua prática competitiva e formativa realizada dentro de poucos clubes.

Diante desse quadro, é necessário relatarmos como se constituiu a prática do basquetebol da maneira como é encontrada atualmente, dentro das instituições formativas (clubes e escolas), devido a importância na atuação dessas instituições dentro do processo. Para uma melhor compreensão desse quadro será introduzido o conceito de *habitus* de Norbert Elias, pois o mesmo possibilita analisar os processos sociais que atuam sobre os indivíduos.

Posteriormente, dentro desse capítulo o foco será com o auxílio da teoria figuracionista, entender quais os fatores que permeiam esse processo. A participação dos indivíduos dentro do processo provoca mudanças no comportamento do mesmo, seja esfera social ou esportiva, ou seja, a relação do indivíduo com as instituições traz alterações na maneira de agir do mesmo.

Para Brandão (2000) essa mudança se aplica ao contexto que Elias denomina de psicogênese. Brandão coloca que “A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido”<sup>150</sup>

Nesse entendimento quando o indivíduo adentra ao processo de treinamento do basquetebol, há algumas alterações no seu comportamento. Como se adequar as normas da instituição formadora, aos ensinamentos dos técnicos, a divisão do seu tempo entre as aulas, treinamentos e outras atividades. No tópico sobre a

---

<sup>150</sup> BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias**: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese. Tese de Doutorado. : Universidade Estadual Paulista, Marília, SP 2000.

formação esportiva veremos que o processo formativo é educador, pois age de maneira a controlar as emoções dos indivíduos, sendo dessa forma, transformador da psicogênese do mesmo.

De todo modo as alterações comportamentais não ocorrem apenas no interior do indivíduo, mas em interdependência com as estruturas sociais, da qual denominamos sociogênese. Para Brandão (2000) “as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades, especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem.”<sup>151</sup>

Em seguida traremos a tona o treinamento desportivo propriamente dito com seus componentes específicos para a formação de atletas. Entre os componentes do treinamento desportivo, encontramos pela literatura específica (Matveev, Bompa), alguns pontos fundamentais que são trabalhados no interior do processo de formação de atletas atualmente, desde as tradicionais formações técnica, física e tática e as atuais ciências que compõe um quadro multidisciplinar das equipes atualmente, como a psicologia, fisioterapia, nutrição.

Sua descrição será necessária, pois ali surgirão aspectos relevantes as motivações dos atletas que participam do processo, e ainda servirá para ilustrar como os clubes observados são estruturados fisicamente e quais as condições que os mesmo oferecem para formação do atleta. Cabe ressaltar a utilização desses autores da área biológicas não foi com o intuito de realizar aproximações teóricas, mas de demonstrar que uso de alguns conceitos dos mesmos, se deve ao fato de que o mesmos auxiliaram a observar aspectos ligados as estruturas do processo formativo.

## 2.1 SURGIMENTO E MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DO BASQUETEBOL NAS ESTRUTURAS FORMATIVAS

Como relatado, o microcosmo do basquetebol masculino em Curitiba encontra-se fundamentalmente estruturado em duas instituições: escola e clube. Desse modo é necessário entender como a modalidade enraizou-se estruturalmente ao longo dos anos nessas instituições.

---

<sup>151</sup> Idem..

Norbert Elias através dos seus estudos sobre a organização da sociedade insere o conceito de *habitus*<sup>152</sup>. O *habitus*, para o autor, contribui no sentido de compreender mais claramente que cada indivíduo, como um ser biológico de um grupo, possui uma personalidade que interage com os demais, mas seu *habitus* é construído em meio à sua relação ao seu meio social e cultural.

Dessa maneira, o *habitus* permite observar as oscilações no comportamento da sociedade durante o processo de desenvolvimento social do ocidente, observando a relação entre o elemento psicológico e o elemento social. Resumindo, a partir da figura da identidade nós-eu, Elias mostra que a noção de indivíduos tem como foco central a evolução histórica, aspecto fundamental no desenvolvimento do indivíduo ao longo do processo de longa duração.

Assim a permanência da modalidade do basquetebol como prática esportiva e competitiva, dentro dessas instituições, aqui mais especificamente no caso dos clubes, é fruto de um *habitus* que se formou ao longo dos anos. Primeiramente observa-se a relação do *habitus* social do indivíduo com os meios culturais, o clube é um local, que devido a sua natureza como instituição, favorece a formação de conexões dos associados com alguma atividade cultural, esportiva e social.

Entende-se que essas conexões formadas ao longo dos anos, além de favorecerem a relação dos associados com alguma prática, facilitam também a formação de grupos que as praticam, e assim fazem com que essas atividades se tornem tradicionais nas instituições. Dessa maneira as interdependências formadas ao longo dos anos não se resumem a somente uma prestação de serviço do clube para o praticante, mas fundamentalmente da relação entre os indivíduos, como os praticantes, com a modalidade e com o clube. Dunning (1999) aponta que: “segundo Elias, a interdependência não está simplesmente involucrada na troca de bens e serviços, mas é uma característica da vida humana profundamente enraizada.”<sup>153</sup>

Esse exemplo pode ser aplicado aos clubes Círculo Militar do Paraná e Sociedade Thalia, que estão entre os clubes fundadores da FPrB, e mantêm a modalidade a pelo menos cinquenta anos dentro do seu quadro de atividades. Outro fator que contribui para isso, é que além de manterem a modalidade para a prática competitiva, o basquetebol permanece dentro dos clubes na categoria máster, já que

---

<sup>152</sup> ELIAS, N. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. P. 172.

<sup>153</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas**: Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

alguns de seus ex-atletas no passado continuam praticando a modalidade mesmo depois de encerrarem a prática competitiva.<sup>154</sup>

Desse modo o aspecto da tradição da modalidade inserida dentro das instituições nos remete ao aspecto histórico, cuja prática se estruturou graças à formação de um “grupo do basquetebol” criando uma identidade que permitiu que ao longo dos anos fosse mantida a prática da modalidade, de forma social, no caso do basquetebol veterano, e a prática competitiva, nas categorias de base, aqui inserida a formação de atletas.

A passagem de várias gerações de atletas pelo clube criou uma identificação dos clubes com a modalidade, em conjunto com a atuação dos indivíduos. Podemos compreender com isso que o meio social se moldou durante os anos pela ação dos indivíduos e formou o *habitus* da prática dos basquetebol nos clubes. Enfim, a relação da identidade do grupo com a instituição por meio de um esporte é um fator que contribui para que o mesmo se insira e continue a ser oferecido pela instituição.

Dunning (1999) atenta sobre a importância do esporte mostrando que o mesmo atua fortemente nas questões de identidade e identificação influenciando o funcionamento do meio social:

Em outras palavras, esportes modernos são mais do que uma disputa para ver quem corre mais depressa, salta mais alto ou tem maior número de corridas, pontos ou gols; eles também envolvem formas de testar identidade as quais, por causa das pessoas envolvidas, têm aprendido o valor agregado ao esporte, são cruciais para o autoconceito desses indivíduos e sua ordenação de classes como membros de um grupo.<sup>155</sup>

Portanto os indivíduos auxiliaram ao longo dos anos no estabelecimento do *habitus* tornando-o tradicionais dentro das instituições. Esse *habitus* pode ser considerado, tanto uma identificação pessoal servindo como uma marca que distingue o indivíduo dos demais, como pode ser considerada como uma forma de distinção de uma instituição perante as outras. E ainda mais, passa para a sociedade que o clube é uma instituição que permite que o *habitus* da prática seja disseminado. Enfim, o *habitus* na formação do atleta de basquetebol em Curitiba esta ligado a um processo se desenvolveu durante anos, com a formação da identidade entre as instituições e indivíduos.

---

<sup>154</sup> PASTRE, T. **O basquetebol veterano no Paraná**: a formação de grupos e instituições sociais. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

<sup>155</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos - Tópicos - Questões Esportivas**: Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

Em consonância com esse aspecto, encontramos no município de São José Pinhais semelhanças com o exemplo da manutenção do basquetebol nos clubes de Curitiba<sup>156</sup>. A mesma situação verificada em São José do Pinhais pode ser encontrado nos clubes analisados, pois ao longo dos anos, a prática do basquetebol permaneceu nessas instituições. Deixando de lado as dificuldades observadas para realizar a formação de atletas, como a questão financeira e a questão da utilização das quadras pelos associados, a modalidade segue sendo praticada, tanto da forma competitiva como sob a forma de lazer por parte dos associados<sup>157</sup>, pois, o *habitus* está internalizado dentro dos indivíduos que compõem essas instituições.

A internalização do *habitus* dentro dos clubes depende também dos indivíduos que estão presentes no processo formativo. Os técnicos por serem os agentes que trabalham diretamente com a prática, são os motivadores dos atletas, e também os agentes que valorizam, divulgam a modalidade dentro e fora do clube. Amarildo Rosa identifica essa questão no seu depoimento: “A gente vê a dedicação, a participação dele. Ele [o técnico] já é um vencedor ao conquistar o coração do presidente do clube ou do secretário do município para praticar basquete. Só aí ele já está mostrando qualidade.”<sup>158</sup> Danilo Schier adiciona: “Então eu gosto muito do trabalho desses caras [dos técnicos]. Acabei de falar que são abnegados mesmo e é em virtude deles que o esporte ainda persiste. É graças aos técnicos que o esporte ainda continua funcionando.”<sup>159</sup>

Das ações dos técnicos, que incentivam a prática não somente com os treinamentos em si, a formação do *habitus* dentro do processo formativo de atletas é

---

<sup>156</sup> Durante o período em que o atual presidente da FPrB Amarildo Rosa, exercia o cargo de Secretário de Esporte da cidade, houve a implantação, e também o fim das atividades do Centro Excelência do basquetebol na cidade, entretanto no seu depoimento surge indícios sobre a formação do *habitus* por meio da identificação da modalidade com os indivíduos: “E o basquete, quando a gente soube que haveria um projeto para o Paraná, que era um centro de excelência do basquetebol, [...] Aí ficamos quatro anos com esse projeto em São José dos Pinhais, aí, por conta do Estado, que acabou mudando, o governo acabou tirando esse projeto em pauta, , até foi encerrada a Secretaria Estadual do Esporte e acabou só ficando Paraná Esporte, os recursos acho que diminuíram, enfim, não aconteceu mais o projeto, mas mesmo assim a gente foi atrás e conseguiu uma equipe masculina dois anos depois, com a Keltek, e foi, então, esse o meu envolvimento com o basquete. Por conta desse projeto social, que isso é muito importante, criou um hábito em São José dos Pinhais. Depois o projeto acabou e eu tive que dar sequência. Outro secretário que assumiu agora não vai ser possível tirar o que se tornou um hábito enraizado na cidade.” Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa.

<sup>157</sup> A pesquisa de Pastre auxilia no entendimento sobre esse tipo de prática do basquetebol nos clubes. Pastre, T. **O basquetebol veterano no Paraná**: a formação de grupos e instituições sociais. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

<sup>158</sup> Entrevista concedida em 09/09/2009, por Amarildo Rosa.

<sup>159</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

fundamental para a continuidade da modalidade nos clubes, como visto nos depoimentos de Amarildo Rosa e Danilo Schier.

O diretor de Esportes da Sociedade Thalia Paulo Prezibella ainda adiciona sobre a importância dos técnicos no que se refere a prática do basquetebol dentro dos clubes:

A procura é pelo próprios colegas, pessoas da família que já estão na atividade e o gosto pela própria atividade. É claro que dentro disso a pessoa que conduz os treinamentos e as atividades, para que o aluno e o atleta não desestimulam, então a pessoa que está responsável por isto tem que estar sempre estimulando fazendo com que o atleta goste da atividade, participe sempre da atividade, mesmo que ele não tenha habilidade pois com o treinamento aquilo vai melhorar.<sup>160</sup>

Outros agentes possuem um papel importante dentro da configuração, nesse caso os dirigentes, pois o poder administrativo das instituições esta legitimado na pessoa destes indivíduos. Entendemos que de suas convicções e gostos por determinada modalidade ou tipo de prática, possam influenciar na continuidade do *habitus* na instituição, e por conseqüência, afetar relações de interdependências com técnicos e atletas.

Por sua vez, os atletas formam o grupo praticante da modalidade, e que por gerações, fizeram a figuração se constituir ao longo do tempo. Assim o *habitus* dentro do processo formativo, por meio dos dirigentes, técnicos e atletas, é um produto da história individual, experiências e da trajetória de cada elemento que formam as interdependências da figuração.

O *habitus* é multifacetado por apresentar, um entrelaçamento das diversas configurações, o que permite entendê-las como uma rede. Dessas redes é possível identificar as interdependências entre as instituições formativas e federativas, e seus agentes, atletas, técnicos, dirigentes e a transformações que estes realizam uns nos outros e em si mesmo. Assim o *habitus*<sup>161</sup>, sob a perspectiva da formação de uma rede de interdependência entre os elementos constituintes do processo de formação de atletas, insere-se como herança social, constituída, de símbolos sociais, verbais ou de outra ordem, que imprime nas instituições e agentes o espírito de manutenção e continuidade da modalidade.

---

<sup>160</sup> Entrevista concedida em 14 /09/2009, por Paulo Prezibella.

<sup>161</sup> Cf. ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.



Esse relato sobre constituição do *habitus* dentro dos clubes auxilia no entendimento sobre os motivos que mantiveram a prática inserida nessas instituições e que acabam atuando na formação do indivíduo. O *habitus* influencia as ações de dirigentes e técnicos no que diz respeito aos valores que os atletas dentro da instituição, a identidade com a modalidade, com os companheiros de equipe e com a própria instituição.

Como visto anteriormente quando apresentado por Brandão, a interdependência entre o meio social e o indivíduo, ou da sociogênese e da psicogênese tende a influenciar a formação de identidades entre os indivíduos e com a instituição. Assim a configuração entre os agentes e atletas movida pelo *habitus* pode determinar a perspectiva formativa do processo. Portanto a partir do próximo tópico observaremos mais claramente a relação que o processo formativo pode ter com o indivíduo participante, relatando os aspectos envolvidos com o processo.

## 2.2 O PROCESSO FORMATIVO E SEUS COMPONENTES

Observando o processo de formação de atletas foi possível encontrar diferentes componentes e variáveis que o permeiam, entre as quais a educacional e pessoal (ou social) e a pedagogia do treinamento desportivo. A diversificação de componentes encontrados no interior do processo demonstra que a formação esportiva pode ir além da revelação de atletas para as instituições que promovem as categorias de base. Dentro disso Germano<sup>162</sup> aponta três objetivos que as categorias de base devem possuir: “Educar através do esporte; formar indivíduos; e formar e desenvolver talentos para a modalidade.”<sup>163</sup>

Como visto os objetivos propostos por Germano evidenciam as possibilidades que podem ser atendidas dentro do processo formativo de atletas, tanto com a função da formação de talentos, como com a preocupação com o lado educacional e pessoal. Ferreira *et al.* (2005) contribuem nesse olhar sobre a formação de atletas:

o principio básico da formação de atletas é o desenvolvimento global e integral do jovem esportista. Isso significa que não são privilegiados os aspectos esportivos em prejuízo do

---

<sup>162</sup> André Germano é membro as seleção Brasileira de Basquetebol masculino sub-15 masculino.

<sup>163</sup> Palestra apresentada por Andre Germano, III Campeonato Sul americano de clubes, Curitiba, Junho de 2009.

desenvolvimento pessoal, mas que fatores como a formação moral, ética, escolar, intra e interpessoal são respeitados e valorizados em igual proporção. [...] busca-se dessa forma garantir bons níveis de qualidade de vida, baixo índice de estresse, oferecendo dessa forma às jovens as melhores condições possíveis para que seu desenvolvimento seja realizado de forma a alcançar resultados positivos, do ponto de vista social, pela apropriação e prática da cidadania; e do ponto de vista esportivo tornando-se atletas profissionais em categorias adultas, que podem representar os estados e os países em competições nacionais e internacionais.<sup>164</sup>

O termo “desenvolvimento global e integral do jovem esportista” encontrado na citação de Ferreira, Markunas e Nascimento corrobora com os objetivos propostos por Germano. Essa perspectiva em comum dos autores mostra que a formação desenvolve-se tanto no sentido que a prática esportiva tenha as bases pedagógicas da aprendizagem e do treinamento desportivo, que buscam o aperfeiçoamento técnico, físico e tático, bem como, auxiliar na formação integral do atleta, ampliando suas características formativas.

O estudo de Ferreira, Markunas e Nascimento descreveu uma perspectiva de formação de atletas voltada para o meio profissional, de acordo com a orientação da instituição analisada<sup>165</sup>. Nota-se que a formação de atletas supera os limites da aprendizagem de gestos técnicos e da repetição de movimentos, buscando não só formar atletas para competições, mas somar valores que serão úteis para sua vida pessoal e social. Esse projeto tem a característica de formação voltada para o meio profissional, entretanto existe a visão de que ela pode atender outras funções entre as quais a de utilizar a prática esportiva como um instrumento de educação e de integração para o indivíduo participante do processo.

A prática do basquetebol nas suas estruturas formativas é capaz se tornar esse instrumento. Conforme Brandão (1994) argumenta, a educação não se limita a certo lugar, agente, ou instituição. O autor, em seus estudos, assegura que: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação”.<sup>166</sup> Damo contribui com a afirmação de Brandão:

---

<sup>164</sup> FERREIRA, MARKUNAS e NASCIMENTO. A prática na formação de atletas no basquetebol feminino. In. ROSE JR e TRICOLLI; **Basquetebol - uma visão integrada entre ciência e prática**. Editora Manole. Barueri 2005. P.35

<sup>165</sup> Programa Finasa Esportes

<sup>166</sup> BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.P.07

a ação educativa - em sentido aberto, implicando as relações de ensino e aprendizagem - não acontece num único espaço ou instituição - a Escola, supostamente. A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais. Educativo tenderia a ser antes de tudo um juízo associado ao ponto de vista dos atores sociais e, portanto, relacionado ao significado da ação - da prática do futebol, por exemplo.<sup>167</sup>

Para Mesquita (2008) “na atualidade a relevância dos valores educacionais está constantemente em evidência nas diversas culturas e têm despertado o interesse dos mais variados segmentos da sociedade<sup>168</sup>”. O ponto de vista de Mesquita da razão as afirmações de Brandão e Damo, pois legitimam a tendência educativa presente também na prática esportiva, e aqui especificamente por meio da formação de atletas de basquetebol.

A educação através do esporte cumpre mais do que a incorporação de habilidades e gestos técnicos, Roitman (2001) diz que a educação pode ser algo maior do que simplesmente colocando que a educação pode, "inculcar os valores vigentes, o modo de viver do grupo, seu sistema de crenças e convicções, seu saber e suas técnicas, bem como, de sua perspectiva libertária, assegurar o pleno exercício da cidadania.”<sup>169</sup> Nesse entendimento educação por meio do basquetebol pode preparar o indivíduos para outros segmentos da vida, uma vez que o esporte é um elemento que reproduz a dinâmica da sociedade.

Todavia não se pode desvincular o processo formativo das instituições formadoras, pois o ambiente, em conjunto com o *habitus*, no qual é realizado o processo pode ter influência sobre a perspectiva na qual será encaminhada a formação de atletas. Os clubes e escolas são estes dois ambientes. Para Oliveira e Paes (2004), “o basquetebol deve estar presente na educação formal, que tem na escola seu principal ambiente, e também na educação não formal, em que os clubes e as chamadas escolinhas ocupam espaços de maior relevância”<sup>170</sup>.

Nesta afirmação podemos observar alguns aspectos da educação não formal dentro das escolas, pois o basquetebol não é trabalhado somente no conteúdo

---

<sup>167</sup> DAMO, A. **Do dom a Profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre, 2005.

<sup>168</sup> Mesquita, R. **Educação por meio do esporte**: investigando o caso do basquetebol no Brasil. Tese de Doutorado Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008

<sup>169</sup> ROITMAN, Riva. **A dimensão político-pedagógica da Educação Física**. In: VARGAS, Angelo Luis. Desporto e tramas sociais. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.p.146

<sup>170</sup> OLIVEIRA, V. & PAES,R. **Ciência do Basquetebol**: pedagogia e metodologia da iniciação `a especialização. Londrina, Midiograf 2004. P.16

curricular das aulas de educação física, mas em horário extracurricular e na forma de escolinhas e treinamentos.

Não cabe aqui julgar qual dessas estruturas se sobressai sobre a questão educacional, pois segundo Brandão ambas podem ser instituições educadoras. Entretanto, é evidente que elas possuem traços coincidentes nas suas atribuições, haja vista, que grande parte dos técnicos de basquetebol em Curitiba atuam como técnicos tanto em clubes, como nas escolas, e o esporte faz parte do contexto educacional de ambas. Assim o trabalho sob o ponto de vista da orientação educacional pode adquirir similaridades quanto a transmissão de valores. É importante salientar nesse ponto, que não podemos confundir a questão técnica, e do ensino-aprendizagem, pois aqui, o clube se sobressai perante a escola, devido principalmente quantidade de horas e do número de competições que este participa em relação a escola.

Retomando a questão da interação entre a educação formal e não formal, Montagner (1993) coloca a importância de se ampliar e valorizar outros agentes educativos: “[é importante] transferir para outros sujeitos ou agentes coletivos não formais também o processo de formação, provocar uma interação, estimular uma educação permanente para a vida sem demarcar limites, ampliando a consciência de direitos e iniciativas de participação na vida social, intensificando no homem a percepção de mundo.”<sup>171</sup> Assim o clube, e a escola, aqui tendo esporte, e o basquetebol sendo esse meio, na área extracurricular são instrumento de educação.

Dentre os objetivos do clube, Germano aponta que o esporte ocupa uma função importante como meio de educação, colocando, quanto à formação de atletas, dois pontos fundamentais: “contribuir para formação global dos indivíduos e inserí-los na sociedade de forma positiva, desenvolvendo seus valores morais e éticos.”<sup>172</sup> Entretanto, quando nos deparamos com termos como “inserir o atleta na sociedade forma positiva” e desenvolver “valores morais e éticos” aparecem dúvidas sobre o seu real significado. O depoimento de Fabíola dos Santos pode contribuir nesse entendimento:

Acho que esse é o maior benefício ao longo dos anos. Você percebe uma modificação de comportamento do menino dentro de casa. Você escuta o que o pai fala que ele teve uma

---

<sup>171</sup> MONTAGNER, P. **Esporte de competição?** O caso do basquetebol. Piracicaba, 1993

<sup>172</sup> Palestra apresentada por Andre Germano, III Campeonato Sul americano de clubes, Curitiba, Junho de 2009.

mudança de comportamento, que ele se torna mais responsável, que de tanto treinar ele não tem tempo para andar em más companhias e tomar decisões erradas. Eu conheço muita gente, vejo bastante isso, que o esporte ajudou mais tarde na tomada de decisão sobre o que fazer mais tarde na vida, quando se entra na vida adulta. Existem vários casos, hoje ainda mais, de atletas que conseguem escolher uma profissão, principalmente a educação física, por conta de ter aprendido diversas qualidades ao convívio social, responsabilidade, a nível pessoal, a condição de formação. Às vezes nem escolhem mesmo a própria educação física, mas os atletas têm uma qualidade que é a tomada de iniciativa que os ajuda muito na escolha da profissão, no rumo que vai tomar, e mais tarde, ser bem sucedido mesmo na profissão. Quer dizer, o esporte tem dado uma escolha, o esporte tem dado uma condição, tem educado e tem trazido todas as qualidades morais que o atleta precisa<sup>173</sup>

Fica evidente que a formação esportiva vai além da preocupação única com o desempenho esportivo. Paes e Balbino (2005) apontam que:

A pedagogia do esporte deve tratar com a mesma importância aspectos relativos à aquisição de habilidades, desenvolvimento das inteligências e capacidades físicas, além de considerar aspectos filosóficos e psicológicos. A aprendizagem social é um ponto fundamental entre os aspectos apresentados. Seguramente, o ambiente da iniciação esportiva devesse facilitar o estabelecimento de novas relações de amizade, bem como o fortalecimento de outras relações já existentes. Todavia, mesmo sendo objetivo desse processo formar atletas para o esporte e para competições, é possível dentro do mesmo, ser utilizado como instrumento educacional.<sup>174</sup>

A participação do indivíduo dentro de um processo formativo traz consigo várias opções como descrito no depoimento de anterior. Isso nos remete a Montagner, que na sua citação sobre a educação não-formal, demonstra a importância da educação permanente através de estruturas não-formais.

A educação como instrumento para a formação de atletas pode ser caracterizada pelo pensamento de Norbert Elias. Brandão (2003)<sup>175</sup> relaciona entre as principais relações que podem ser feitas entre a Educação e a teoria elisiana, a questão da disciplina e do controle das emoções. Na sua obra “O Processo Civilizador”<sup>176</sup>, Elias demonstra que o monopólio da violência por parte do Estado, mudou o comportamento dos indivíduos, fazendo formando no interior dos indivíduos um auto-controle. Os indivíduos passaram assim a controlar a violência e a agressividade e este processo foi sendo interiorizado e incorporado.

<sup>173</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

<sup>174</sup> PAES, R. D, BALBINO, H. F. **Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol**: perspectivas pedagógicas. In. ROSE JR e TRICOLLI; **Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e prática**. Editora Manole, Barueri 2005. P.26

<sup>175</sup> idem.

<sup>176</sup> Cf. ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1993. Volume II.

Essa mudança foi invadindo todos os cenários da nossa sociedade, e o esporte teve um papel fundamental, pois através da institucionalização de regras colaborou para o controle da agressividade. Isso nos remete a psicogênese o qual mostra que os processos históricos, no caso específico as regras do basquetebol, trazem alterações no comportamento psíquico do indivíduo.

Como todos os esportes institucionalizados, o basquetebol apresenta uma série de regras a serem seguidas para poder praticá-lo. Da mesma forma a participação em campeonatos chancelados por estruturas institucionais, nesse trabalho a FPrB, exige que tanto clubes, escolas, técnicos, atletas e dirigentes sigam as regras determinadas. Além dessas regras institucionalizadas, existe os códigos específicos, ou uma linguagem do jogo, como exemplo, os desafios de vencer seu adversário sem usar a violência, e sim por meio da destreza técnica.

A participação dos indivíduos nos treinamentos exige algo além da disciplina em cumprir os regulamentos da modalidade, tanto o institucional, como o informal. O cumprimento dos horários de treinos, dos ensinamentos passados pelo técnico-professor, o adequamento às normas específicas do clube ou escola fazem parte do condicionamento que o atleta tem que possuir para fazer parte desse processo, e que auxiliam na formação da sua personalidade. Ainda podemos citar dentro da formação da personalidade outros exemplos como: a obediência ao técnico, de seguir além das normas das instituições, o plano tático, o horário de chegada aos treinos e jogos e a execução de exercícios extenuantes. Compreende desse modo que a formação da personalidade relaciona-se com psicogênese, que seria o seu adequamento a esses aspectos inseridos pelo técnico e com a sociogênese, que articula algumas normas que conduzem as atitudes de técnicos e atletas.

O indivíduo é assim disciplinado para não transgredir o processo de normatização estabelecido pelas instituições em questão, condicionando-os ao ambiente formador. Dessa forma é possível identificar um dos aspectos que Brandão relacionou com a teoria elisiana, a disciplina, como um dos aspectos que fazem parte da formação educacional do atleta.

Em seu depoimento, o diretor de esportes do Clube Círculo Militar do Paraná, aponta alguns fatores que podem relacionar a questão do ambiente do clube com o condicionamento do comportamental do indivíduo:

[...] o clube este ano fez o lançamento do manual do atleta, onde tem como principal objetivo disciplinar o atleta, saber de seus deveres de suas obrigações, a tendência com isso é que a gente dê uma oportunidade pra eles se encaminharem para a vida. A questão de ser atleta ou não, se seguir lá para frente, vai ser uma consequência. O objetivo hoje do Círculo Militar do Paraná é estar contribuindo, a revelação de novos talentos e isso tem sido feito com o trabalho dos técnicos naturalmente, [...] eu acho que o esporte é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de um país, pois você consegue ao mesmo tempo no esporte, trabalhar a saúde, disciplina, educação e cultura. Então o esporte pra mim hoje em dia, eu como já fui atleta, ele abre as portas, e dar oportunidades para muitas crianças, muitos adolescentes e contribui num país como um todo.<sup>177</sup>

A questão da disciplina nos remete a um componente norteador da mesma. Esse componente para Elias é colocado na forma de autocontrole. Sabemos que a disciplina tem uma conotação diferente do conceito de auto-controle de Elias. Entretanto, mesmo a disciplina sendo considerada como algo imposto por outro agente ou instituição, alguns aspectos impostos para os atletas pode remeter a uma mudança de personalidade, transformando-a no auto-controle. Dunning descreve: “[...] os controles sociais que são internalizados como auto-controles no curso de um processo de civilização tendem a ser experimentados como uma barreira, por um lado, com o eu entre a “racionalidade” e a “emoção” de alguém, e, por outro lado, entre si mesmo e os outros.”<sup>178</sup> Elias atenta ainda:

[...] Caso dos seres humanos, impulsos emocionais não aprendidos estão sempre relacionados com a auto-regulação pessoal aprendida, mais especificamente ao controle aprendido das emoções. O mutável equilíbrio entre impulsos emocionais e controle – emocional-de-contenção-de-impulsos se mostra por si mesmo nos movimentos de uma pessoa, em seus gestos e em suas expressões faciais, que são sinais por meio dos quais as pessoas comunicam, involuntariamente ou intencionalmente, a condição da auto-regulação de suas emoções a outros seres humanos.<sup>179</sup>

O caráter social, submetido sob as normas das estruturas institucionais e formadoras, também dos seus agentes, apresentada sobre a forma de regras e códigos, e da disciplina conforme alguns aspectos relatados anteriormente pode representar o controle das emoções por meio do esporte. O componente do autocontrole reprime os primeiros instintos que poderiam florescer com o jogo, assim o basquetebol, através de suas regras permite que o atleta respeite além das regras, seus companheiros, adversários, técnicos, árbitros. O autocontrole dessas emoções

<sup>177</sup> Entrevista concedida em 16/08/2009, por Edson Lopes da Silva

<sup>178</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas:** Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

<sup>179</sup> ELIAS, N. **Os Seres Humanos e suas Emoções:** um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. Londres, 1991. Tradução: M.B. Bissoto e F. C. Fontanella. Não publicado. 2000. Original inglês. P.19

primitivas contribui para outros aspectos do jogo e da aprendizagem, pois o atleta condicionado a respeitar determinadas situações institucionalizadas e tende a concentrar sua atenção ao desenvolvimento das partes técnica, física e tática. Para (Elias 1995):

Qualquer avanço de civilização, não importa onde ou em que nível de desenvolvimento humano se dê, representa, para os seres humanos em suas relações uns com os outros, uma tentativa de pacificar os impulsos animais indomados que forma parte dos seus dotes naturais, através de impulsos compensatórios gerados socialmente, ou então, de sublimá-los e transformá-los culturalmente.<sup>180</sup>

De tal modo, entendemos que Elias colabora com seus conceitos, no que diz respeito à educação, no sentido de compreendê-la como um agente civilizador, e o basquetebol pode ser um desses agentes. É possível perceber que os atletas envolvidos num processo de formação incorporam o conjunto de normas, regras e formas de relações sociais estabelecidas por sua estrutura formadora. É neste sentido que a dimensão educativa que Brandão evidenciou com a teoria elisiana, pode ser incorporada pelo esporte quando este é utilizado como um instrumento formativo. Dessa maneira é possível pensar que os conceitos da teoria do processo civilizador de Elias permitem discorrer que o esporte, no caso o basquetebol podem ocupar um espaço como modelo formativo de comportamento para os atletas.

O esporte pode ser um meio para a formação educacional do indivíduo, fato que corrobora com o depoimento do professor Francisco Faigle, coordenador de esportes do Colégio Nossa Senhora Medianeira: “O esporte tem uma função social, ele promove a socialização, o respeito à disciplina que o esporte requer ao indivíduo, e possibilita aos que se destacam, alojar uma representatividade em equipes de competição até o profissional.”<sup>181</sup>

Outro ponto que o basquetebol pode adquirir é o fator agregador entre os indivíduos que fazem parte de uma equipe. Os laços de amizade que se formam dentro do ambiente esportivo, a identificação entre os membros de uma equipe são facilitadores no que se refere a formação de grupos. O atleta 1 relata isso em seu depoimento: “A gente, dentro do esporte, adquire outros aspectos, como equipe, como os amigos, tem esse lado também”.<sup>182</sup> Da mesma forma o atleta 2 compactua

---

<sup>180</sup> ELIAS, N. **Mozart** - sociologia de um gênio. **Rio de Janeiro**: Jorge Zahar Editor, 1995. P.55

<sup>181</sup> Entrevista concedida em 17/08/2009, por Francisco Faigle

<sup>182</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.



com esse fato em seu depoimento quando perguntado sobre o que ele adquire além do seu aperfeiçoamento técnico e físico:

a amizade, companheirismo da turma, , porque num ano a gente fica o ano inteiro assim junto. Querendo ou não, isso daí é como se fosse uma família para gente. O professor, os colegas, é como se a gente fosse um corpo só [...] é mais do que importante, porque é essa experiência de amizade e de amor entre os companheiros que faz nosso caráter. Faz a gente ser alguma coisa mais tarde.<sup>183</sup>

Pode se estabelecer que a constituição dos grupos dentro do processo formador de atletas é uma maneira de agregar valores dentro do mesmo, que aparecem por interesses em comuns, por afinidade, por laços de amizade, pela identificação. Sobre constituição do grupo Dunning (1999) afirma que:

os laços que os humanos formam envolvem ambos em direta interdependência com pessoas concretas como pais, filhos e amigos, e, indiretamente, interdependência com coletividades como cidades, mercados, grupos étnicos e nações. Se direta ou indiretamente, tais laços tendem a ser simultaneamente inclusivos e exclusivos<sup>184</sup>.

O conceito de identidade de grupo de Dunning auxilia no entendimento dos motivos que levam os atletas a participar nesse processo. A aceitação do indivíduo pelo grupo é um grande argumento. Da mesma forma, o sentido de inserção nesse extrato social e a coletividade despertada pela participação de competições contribuem para a formação desse *habitus* social em específico.

As relações de amizade permitem formar uma identidade de grupo, Carneiro (2005) inspirado em Elias adiciona um componente que auxilia a formação da identidade, o conceito do engajamento. Essa noção mede o grau em que a pessoa está afetada – interessada, emocionada, tocada – pelo mundo exterior, quer este mundo se manifeste sob a forma de um ser vivo (humano ou animal), de um objeto, de um fenômeno social ou natural.<sup>185</sup>

O grau de envolvimento é observado em equipes esportivas, por meio da inserção dentro do grupo, o atleta cria laços em comuns com os demais integrantes. Esses laços necessitam, para manterem-se estáveis, da identificação do atleta, com

---

<sup>183</sup> Entrevista concedida em 19/08/2009, por atleta 2.

<sup>184</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas:** Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

<sup>185</sup> CARNEIRO, D. **Interacionismo e Interdependência:** uma breve análise das contribuições de Norbert Elias para a história social. Anais do I Colóquio do LAHES. Juiz de Fora, 2005.

a instituição, técnico, com a modalidade e ao mesmo tempo da relação dos objetivos individuais com os da equipe.

Nesse ponto, a competição contribui para manter esses laços. Dunning (1999) coloca que o esporte é um elemento que norteia os sentimentos dos indivíduos nas sociedades modernas. O autor coloca que:

A fim de ver como é necessário considerar as competições que aconteceram entre, por exemplo, escolas, em pequenas e grandes cidades, times e clubes que representam essas cidades em questão, e países em eventos mundiais como as Olimpíadas ou Copas Mundiais do futebol, críquete e o rúgbi. Nem todo mundo pensa assim. Algumas pessoas odeiam esporte, outros são indiferentes e há os amantes do esporte que são aficionados por algum esporte específico e não o são por outros. Apesar disso, permanece o caso que sentimentos de alegria e orgulho são gerados em muitas pessoas quando a escola de seu filho vence, por exemplo, um torneio de futebol importante, [...] Através de sua identificação com times esportivos, as pessoas podem expressar sua identificação com a cidade que ele representa ou talvez com um subgrupo particular, como uma turma ou grupo étnico.<sup>186</sup>

Os dados obtidos por meio das entrevistas dos sujeitos analisados mostrou alguns elementos referentes ao significado da competição. O depoimento do Atleta 1 demonstra isso: “Ah, depois de treinar bastante, bastante, você quer ver o resultado. Então, acho que num campeonato é a melhor forma de você mostrar isso. E também que é legal, bacana você jogar com a equipe. Fortalece seu lado espiritual caso você ganhe alguns outros títulos, fortalece e dá mais vontade de você jogar”.<sup>187</sup> O Atleta 4 mostra outro aspecto: “Como é uma equipe, você aprende sempre a estar junto dos outros jogadores e a confiar neles. Cria esse sentimento de união e confiança, que é uma coisa muito importante para levar para vida.”<sup>188</sup>

Pelos dados obtidos, as competições são meios de motivação na prática esportiva, nela é possível mensurar seu nível de desenvolvimento esportivo contra oponentes, buscando a superação não só técnica e física, mas pelo trabalho tático, coletivo e pelos objetivos em comuns dos atletas, técnicos e dirigentes. Isso possibilita o envolvimento entre os indivíduos aumentando o sentimento de pertencimento, identidade contribuindo na formação do grupo.

Entretanto os depoimentos dos atletas foram além da questão da competição, sendo que os mesmos colocaram outros aspectos ligados ao treinamento em si. No depoimento dos atletas, quando perguntados sobre outros valores, além da

---

<sup>186</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas:** Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

<sup>187</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

<sup>188</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 4

aprendizagem técnica, física, que eles consideravam importantes dentro do processo obtemos as seguintes respostas: o Atleta 5 diz: “o esporte desenvolve muito a responsabilidade e para qualquer trabalho você precisa ter responsabilidade, porque em todos os aspectos da vida a gente precisa de amigos e chefes, subordinados”<sup>189</sup>. Já o Atleta 7 aponta outro aspecto: “Quando eu comecei a jogar [antes], eu sou grande e era muito retraído, curvava a coluna, assim [mostrou como era sua postura]. Quando eu comecei a jogar basquete eu perdi esse negócio de ser muito tímido.”<sup>190</sup>

Fazer parte desse processo contribui para outras áreas da vida dos indivíduos. A questão da preparação para inserção no mercado de trabalho como relatado pelo Atleta 5, pode ser visualizado como uma transferência da vida esportiva para a sua vida pessoal e profissional no futuro, pois o atleta necessita se adequar a um sistema de jogo, ao mesmo tempo, o atleta aprende a tomar decisões de quando arremessar, passar, entre outras particularidades que acontecem no jogo. Além de fazer a pessoa se aceitar, e conseguir melhorar sua relação com as pessoas como no caso do Atleta 7.

Diante disso, o processo de formação de atletas engloba outros fatores, além da produção pura e simples de atletas para as equipes. É notório que o esporte traz valores importantes para um segmento da vida do indivíduo, permaneça ele ou não, no ambiente esportivo. Num esforço para encontrarmos atletas de basquetebol formados em Curitiba nos últimos 30 anos, que se tornaram atletas profissionais com passagens por clubes que disputaram a Liga Nacional, encontramos raríssimos casos<sup>191</sup>. Assim a passagem dos indivíduos por esse processo deve ter outros valores intrínsecos para a formação integral do indivíduo.

Luis Fernando Gonçalves sintetiza essa formação da seguinte maneira:

A gente tem que trabalhar a questão da educação, a questão de companheirismo, a questão de disciplina, que ele vai usar sempre para a vida. E tem outros valores que a gente trabalha também dentro disso. A partir daí a gente começa a formar a equipe, com todos esses valores, [...], para depois a gente começar a trabalhar a parte física, que é um dos componentes importantes, respeitando sempre a individualidade de cada um.

---

<sup>189</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5

<sup>190</sup> Entrevista concedida em 24/08/2009, por atleta 7

<sup>191</sup> Rolando Ferreira Jr, atleta da seleção brasileira, e de equipes do Brasil e da NBA, e Marcio Santos, que jogou no Minas Tênis Clube e Franca, Claudio Kravchichyn, no AA Ingá de Maringá/PR, Rodrigo Bulcão de Melo, TELESP e Corinthians/RS.

De todo modo o processo de formação de atletas pode ser educador, sociabilizador, contribuindo para outros aspectos que os indivíduos poderão necessitar na vida pessoal, profissional, acadêmica e afetiva, indo no encontro dos objetivos que as categorias de base devem ter segundo Germano.

Entretanto mesmo observando essas questões envolvidas no processo formativo, como a disciplina, autocontrole e a amizade, é impossível descaracterizar do mesmo, questões como a aprendizagem das técnicas e fundamentos do esporte e do treinamento desportivo. Para Damo (2005) “É o treinamento prolongado, metódico e seguidamente extenuante quem cria as disposições para o jogo, entre elas a disposição para as ações aparentemente fragmentadas como o passe e o drible.”<sup>192</sup>

Nesse entendimento a aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos do esporte somente terão sentido ao indivíduo após um período para que o mesmo compreenda as razões pela qual ele deverá usar os mesmos. O indivíduo no momento em que pratica o basquetebol passa por transformações físicas e cognitivas que moldam seu comportamento, a qual na nossa visão, podemos atribuir a psicogênese, para que o indivíduo compreenda a linguagem esporte.

Para acontecer essa mudança de comportamento, no interior do processo de formação, o indivíduo necessita de meios para esse desenvolvimento. De todo modo os indivíduos adquirem percepções sobre a modalidade praticada, e adicionam os gestos básicos do basquetebol (seus fundamentos), e assim sejam inseridos no jogo de maneira eficiente ao longo do treinamento. Damo (2005) ainda adiciona que “não basta ter o dom para o futebol, é preciso saber resistir, constituir alianças dentro do grupo, cercar-se de amigos influentes, desenvolver mecanismos de autocontrole, disciplina e assim por diante.”<sup>193</sup>

Apesar de Damo realizar seu trabalho com o foco para o futebol, é possível fazer aproximações com o basquetebol, pois são esportes que na sua essência possuem algumas similaridades, entre as quais podemos citar o fato de serem modalidades coletivas, e terem um sistema de fundamentos e táticas específicas. De tal modo o treinamento desportivo é o meio encontrado para que ocorra esse desenvolvimento tanto educacional, como esportivo.

---

<sup>192</sup> DAMO, A. **Do dom a Profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

<sup>193</sup> Idem.

Assim adentramos no âmbito pedagógico do treinamento do basquetebol, que além da busca da formação integral do indivíduo como visto anteriormente, é o palco para a aprendizagem da especificidade da modalidade para os atletas. Para Rodrigues (2004):

O treinamento esportivo é um aspecto relevante do esporte moderno de competição. As metodologias e os princípios de treinamento são sustentados por conhecimentos científicos, contendo elementos que buscam melhorar o desempenho esportivo, sendo que uma das exigências/critérios é exatamente colocar o corpo sob um perfeito controle. É necessário operacionalizar o corpo, tornar possível alcançar relevada performance desportiva.<sup>194</sup>

O treinamento visa a performance, a busca do rendimento, ou simplesmente a busca de talentos para a modalidade e para a equipe. Quando se fala em performance, num primeiro momento vem a nossas mentes a obtenção de grandes feitos esportivos, um título nacional, a classificação para alguma competição internacional, ou um recorde expressivo. Todavia, nas primeiras etapas do treinamento, para uma criança realizar certo movimento, como exemplo, acertar um arremesso, já pode ser considerado como uma melhora da performance. O ser humano constantemente busca essa melhora, atingí-la num patamar superior dentro do esporte é consequência do processo.

Outro ponto com o qual nos deparamos é a questão do talento, para Weineck (2000):

Talentoso é aquele que, com disposição, prontidão para o desempenho e possibilidades, apresenta um desempenho acima da média comprovada para aquela faixa etária (desempenho este comprovado por competições). Este resultado é obtido em função do acompanhamento de um treinamento-orientação intencional, ativa e pedagógica que visa o desenvolvimento do desempenho<sup>195</sup>.

O termo talento é muito usado no meio esportivo, remetendo a alguém que nasceu com determinado dom. Elias (1995), aponta para seguinte direção sobre o termo descrevendo que “com frequência nos deparamos com a idéia de que a maturação do talento de um ‘gênio’ é um processo autônomo, ‘interior’, que

---

<sup>194</sup> RODRIGUES, F. **Modernidade, disciplina e futebol**: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, Junho 2004 . [online] disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&nm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&nm=iso)>. Acesso em 02/Agosto/ 2009.

<sup>195</sup> WEINECK, Jürgen. **Treinamento Ideal**. 9ª edição, São Paulo: Manole. 1999. P.115

acontece de modo mais ou menos isolado do destino humano do indivíduo em questão”.<sup>196</sup>

Elias (1995) quando discutia a genialidade musical de Mozart, mostra que a sociedade comumente utilizava expressões com “gênio inato” ou “capacidade congênita para compor” como se o talento fosse algo herdado geneticamente. O autor afirma que:

[...] se dizemos que uma característica de uma pessoa é inata, queremos com isso dizer que é geneticamente determinada, herdada biologicamente da mesma maneira que a cor do cabelo e dos olhos. Mas é simplesmente impossível para uma pessoa ter uma propensão natural, geneticamente enraizada, de fazer algo tão artificial como a música de Mozart.<sup>197</sup>

Ou seja, pelo senso comum, o talento surgiria sem levar em conta o ambiente social e as experiências que o indivíduo tem no seu dia-dia, em poucas palavras o indivíduo nasceria com ele. Da mesma forma como as características físicas e fisiológicas, como a estatura, ou constituição das fibras musculares, o talento seria mais um componente genético que o indivíduo herdaria. Essa noção do senso comum não compactua com o conceito sociológico de “gênio” de Elias, muito menos com a visão do treinamento desportivo de Weineck, que remete a orientação pedagógica do processo o que facilitaria o surgimento do talento.

Sabendo da necessidade dessa orientação o esporte está cercado de algumas áreas relativa a Ciência do Esporte que a auxiliam e que tornam importante citá-las. Conforme Galvão *et al.* (2005) coloca:

As ciências do esporte, por sua vez, também estudam o movimento humano, entendendo como parte integrante das atividades esportivas. [...] além disso, o treinamento, as noções táticas e a elaboração da técnica esportiva são preocupações relevantes para a ciência do esporte. [...]

A ênfase nas capacidades físicas – por exemplo, força, velocidade e resistência – e na habilidades motoras – por exemplo correr, saltar e arremessar – é o principal tema para a aptidão física.[...] refere-se a totalidade biológica, psicológica e social do ser humano<sup>198</sup>

Portanto durante esse processo, devemos atentar para alguns componentes pedagógicos do treinamento desportivo. As literaturas (Bompa, 2001)<sup>199</sup>, (Matveev,

<sup>196</sup> ELIAS, Norbert. **Mozart** – sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p.54

<sup>197</sup> Idem. p.58

<sup>198</sup> GALVAO Z *et al.* **Esporte**. IN. DARIDO, S.; RANGEL. I. **Educação física na escola**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. P.176

<sup>199</sup> Cf. BOMPA, T. **A periodização no treinamento desportivo**. Ed. Manole, 2001

1997)<sup>200</sup>, e (Zakharov, 1994)<sup>201</sup> descrevem a preparação técnica, voltada para a aprendizagem dos fundamentos do jogo; a preparação física, direcionada para o desenvolvimento das capacidades físicas como velocidade, força e resistência; a preparação tática, que permite a montagem das estratégias da equipe durante o jogo, além de outros componentes como o psicológico e teórico. Apesar do contexto atual do treinamento exigir que esses meios de preparação sejam trabalhados em conjunto, eles serão descritos separadamente para o melhor entendimento do leitor.

### 2.2.1 O componente técnico no basquetebol

Ao nos depararmos com a técnica do esporte é comum relacioná-la com o movimento do jogo. Portanto, a técnica do basquetebol é movimento do jogo e também uma das principais fontes de satisfação do indivíduo, pois a sensação em aprender o movimento torna-se um desafio para o mesmo. Dunning 1999 descreve que o esporte parece tratar principalmente da obtenção de satisfação ao se engajar em movimentos físicos, dos contatos sociais que são feitos em esportes, e do aumento dos sentimentos que têm uma semelhança brincalhona e prazerosa com as emoções que são geradas em situações seriamente críticas. A esse conceito o autor denomina de motilidade.

Aprender os fundamentos do jogo é uma condição importante para que o indivíduo que faz parte de um processo formativo de alguma modalidade esportiva possa se sentir inserido no grupo. A aprendizagem é inerente ao ser humano e um desafio para ele. Na sua obra Teoria Simbólica, Elias (1994)<sup>202</sup> atenta ao fato da aprendizagem e aponta alguns fatores sobre ela. A primeira delas diz respeito ao ser humano, que pode realizar modificações em seu habitat e em seu modo de vida. Entendemos a inserção do indivíduo no meio esportivo uma possibilidade de aproximação da teoria de Elias com a aprendizagem da técnica. Já que o indivíduo tem a capacidade de aprender a técnica, e inserir-se no processo formativo, e assim modificando ou se adaptando a esse meio.

---

<sup>200</sup> Cf. MATVEEV, L. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997

<sup>201</sup> Cf. ZAKHAROV, ANDREI. **Ciência do treinamento desportivo**. Editora Grupo Palestra, Rio de Janeiro, 1992.

<sup>202</sup> Cf. Elias, N. **Teoria simbólica**. Lisboa, Celta Editora, 1994.

Elias aponta outro fator nessa obra, a flexibilidade que a espécie humana adquiriu no processo de desenvolvimento social. Bisotto e Fontanella (2002) contribuem para entender essa flexibilidade. Para os autores:

A interação de uma espécie que podia, salvo as limitações anatômicas/funcionais dos seus órgãos perceptivos e dos limites impostos pela materialidade do meio, interpretar sob múltiplos enfoques os contatos estabelecidos com o ambiente e que, concomitantemente, não podia prever exatamente os resultados desta interação, a qual exigiu a elaboração de estratégias adaptativas não rígidas, como condição *sine qua non* de sobrevivência.<sup>203</sup>

A aprendizagem da técnica do basquetebol se torna a linguagem para a inserção no meio, entretanto nem todos os atletas terão a mesma condição técnica no curso do seu desenvolvimento, mas a modalidade dá possibilidade de cada atleta desenvolver um aspecto diferente do outro. Um atleta pode ter mais habilidade com o drible, outro com o arremesso, ou ainda dominar os fundamentos de defesa. Essa soma de funções permite formar a equipe, e dá sentido a noção de flexibilidade apresentada por Elias. Complementando, Elias decorre sobre a aprendizagem: “[...] não são fixadas geneticamente, mas sim construídos pelos próprios seres humanos e adquiridos por cada membro individual de uma sociedade ao longo de um extenso processo de aprendizagem<sup>204</sup>”.

Pode-se afirmar que o processo de formação é muito mais que um simples meio de preparar atletas. Argumento este que fica mais forte quando aplicado à formação em categorias de base. A questão genética, que tem origem na evolução biológica do indivíduo, propiciará para o atleta certas vantagens físicas de rendimento, mas seu desenvolvimento geral se dará pela estrutura social, pelos agentes formativos e por sua identificação com os outros indivíduos do grupo que convive.

Assim a aprendizagem técnica dentro de um processo de formação de atletas, talvez seja a de maior importância, pois é nela que se aprende a linguagem do jogo, ou em outras palavras, os fundamentos específicos da modalidade. Designa-se por preparação técnica do atleta o conjunto de ensinamentos que lhe são ministrados acerca do movimento e da ação que constituem o meio adequado à

---

<sup>203</sup> BISOTTO, M. e FONTANELLA, F. **DA DIMENSÃO DA SOBREVIVÊNCIA**: um ensaio sobre a robustez da espécie a partir da teoria do símbolo de Norbert Elias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n.7, p. 179-192, set./dez. 2002.

<sup>204</sup> Elias, N. **Teoria simbólica**. Lisboa, Celta Editora, 1994, p.6



prossecução da competição desportiva ou à execução dos treinos (MATVEEV, 1997).<sup>205</sup>

O movimento, gesto técnico, ou fundamento podem ser considerados como a linguagem do jogo. É a forma que possibilita o indivíduo de interagir com o ambiente, regras, e de inserção a prática do esporte. Entretanto o gesto necessita ser aprendido pelo indivíduo. Para Ferreira e Rose JR. (1987), “os fundamentos representam os movimentos e gestos básicos do basquetebol<sup>206</sup>, e a sua correta execução é condição ímpar para que o aluno/ jogador possa praticar o esporte da forma mais natural e desenvolto.”<sup>207</sup>

A relação entre a estrutura social em que o processo se realiza, com os seus agentes vai determinar o grau de inserção do indivíduo dentro do mesmo. Haja vista que um corpo técnico eficiente, juntamente com uma instituição que dá condições para que o trabalho seja feito, dando subsídios necessários para o atleta aprender e sentir inserido. Oliveira e Paes colocam que:

As inter-relações estabelecidas pelos técnicos com o ambiente no qual interagem poderão ser favoráveis se estes promoverem intervenções positivas no processo ensino-aprendizagem, conscientizando seus atletas a entenderem a complexidade do ambiente desportivo e a buscarem o diálogo constante como todos que fazem parte desse ambiente.  
<sup>208</sup>

No depoimento de alguns atletas encontramos indícios de que este é um dos momentos mais prazerosos para os atletas, principalmente quando os fundamentos de ataque são treinados. O Atleta 3 na sua fala demonstra isso: “O que eu mais gosto normalmente é da parte técnica, dos dribles, arremesso.”<sup>209</sup> Com o que o Atleta 4 concorda: “O que eu mais gosto é treino de habilidade, fundamento.”<sup>210</sup> Assim a preparação técnica pode ser encarada como um desafio para os atletas, já que é o momento em que os mesmos aprendem novos gestos e variações dos fundamentos do jogo.

---

<sup>205</sup> MATVEEV, L. **Treino desportivo**: metodologia e planeamento. Phorte editora, Guarulhos, 1997. P.20

<sup>206</sup> Não é intenção dessa pesquisa descrever os fundamentos do basquetebol. Entretanto cabe citá-los. Ferreira e Rose JR. (1987) relacionam os seguintes fundamentos, sem apresentar suas variações: controle corporal, habilidades com bola, passe, drible, arremesso, fundamentos individuais de defesa e rebote.

<sup>207</sup> FERREIRA, A. e ROSE JR. D. **Basquetebol**: técnicas e táticas: uma abordagem didática-pedagógica. E.P.U., São Paulo, 1987. P.9

<sup>208</sup> Idem.. P.15

<sup>209</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3

<sup>210</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 4

No futebol Damo (2005) percebeu a afinidade dos atletas com o objeto do jogo. “A proximidade com a bola, o contato com ela, exerce um fascínio entre os jogadores, não importa qual dos futebóis o sujeito pratica, tampouco sua idade. [...] o certo é que os atletas, já formados ou em formação, preferem, largamente, os trabalhos com bola.”<sup>211</sup> Essa observação de Damo pode ser vista não só no treinamento do futebol, mas também no treinamento de qualquer modalidade esportiva que tenha algum objeto como instrumento de jogo e que promova algum desafio para o atleta.

Apesar de ser um componente do processo que os atletas gostam de treinar, existe uma preferência por um determinado fundamento, seja devido ao domínio que o atleta tem por determinado fundamento, ou pela posição exercida na equipe. O depoimento do Atleta 8 nos passa essa impressão: “Acho que, pela minha posição, armador, acho que o drible acaba sendo o que eu mais gosto. Porque é o que eu tenho mais facilidade, mais aptidão para fazer. O que eu menos gosto, acho que o mais difícil para mim [...] sei lá, o rebote, alguma coisa assim, mais trabalho de pivô, que pela minha estatura, pela minha função dentro de quadra eu não realizo muito bem.”<sup>212</sup>

Essa preferência acarretada por um dos dois motivos apresentados anteriormente é causada por alguns fatores. Um deles é a especialização precoce numa determinada posição. Essa especialização ocorre muito cedo, prejudicando e tirando oportunidades do desenvolvimento global do indivíduo como atleta. Esse tema será tratado com maior profundidade quando entrarmos na questão das etapas da formação esportiva.

Exemplificando, é comum observar nas categorias de base com idades mais próximas a da categoria adulta, atletas com baixa estatura, que atuam como pivôs<sup>213</sup>, isso por terem sido especializados nessa posição antes da puberdade, quando eram mais altos que os demais. Entretanto nessa faixa etária mais avançada, a sua estatura já é superada por outros atletas, e se o mesmo não teve contato com as outras posições e funções do basquetebol que exigem

---

<sup>211</sup> DAMO, A. **Do dom a Profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

<sup>212</sup> Entrevista concedida em 25/08/2009, por atleta 8

<sup>213</sup> Posição que tradicionalmente é exercida por atletas com uma estatura mais alta que os demais

características diferentes do pivô, acabam tornando esse atleta limitado para o esporte.

Outro fato pode ser relacionado a cultura que predomina no basquetebol brasileiro. A maior parte dos comentaristas observam que a característica tática do basquetebol brasileiro é voltada para o ataque, a qual se privilegiam o conta-ataque e os arremessos de 3 pontos. Essa característica favorece o desenvolvimento de alguns fundamentos de ataque, deixando de trabalhar outros aspectos do jogo no ataque e na defesa. Esses dois fatores estão relacionados com os agentes formadores, os técnicos e dirigentes.

Os técnicos por serem os agentes que trabalham diretamente no processo formativo são os que dão as condições para o atleta desenvolver-se tecnicamente. Esse desenvolvimento dado pelos técnicos aos atletas são influenciados primeiramente, pelo nível de conhecimento que ele tem da modalidade, e das tendências pedagógicas do treinamento e do ensino aprendizagem; segundo pela infra-estrutura oferecida pela instituição formadora; e também pela cobrança dos seus dirigentes.

De outro lado os dirigentes influenciam nesse processo, pois como foi mencionado anteriormente, a cobrança por resultados de sua parte, podem conduzir o trabalho que os técnicos realizam. Muitas vezes a pressão por conquistar vitórias faz com que o técnico precipite algumas etapas em detrimento do resultado. Assim surge a importância do dirigente ter conhecimento na área da educação física, para que a cobrança seja feita de forma coerente.

Na realidade do microcosmo analisado, cada instituição, e cada técnico têm suas próprias tendências quanto à forma de ensino-aprendizagem, que não cabe aqui julgar. Todavia, é pertinente ressaltar as diferenças que existem entre as estruturas, principalmente no que diz respeito à quantidade de profissionais atuando no interior dessas instituições.

Dentro do Círculo Militar do Paraná existem quatro profissionais nas categorias de base, dividindo as categorias que participam dos campeonatos entre os mesmos, cada um com uma ou duas categorias para dirigirem. Na Sociedade Thalia são dois técnicos, cada um com três categorias, no ano de 2009. Enquanto no Tittás Basketball somente um profissional cuida de todas as categorias e uma estagiária acompanha os treinamentos. É claro que a divisão do trabalho por categorias facilita a organização do treinamento de cada equipe, principalmente no

que diz respeito a sempre ter um profissional exclusivo para equipe, diminuindo as chances de deixar de dar um treino por ter um jogo com outra categoria.

Assim dentro da preparação técnica observa-se que ela ocupa uma função de inclusão do indivíduo dentro do grupo, já que esse aspecto facilita a sua inserção no meio. Existem algumas maneiras dela acontecer, já que o basquetebol permite que os indivíduos desenvolvam diferentes fundamentos do jogo, fazendo com que na sua soma, os atletas percebam a importância um do outro. Porém, esse aspecto pode acarretar na especialização do atleta, dificultando seu desenvolvimento técnico para o decorrer da sua carreira. Desse modo a intervenção pedagógica dos agentes é uma condição fundamental para que o processo formativo propicie as oportunidades de desenvolvimento ideais para os atletas.

### 2.2.2 O componente físico no basquetebol

Novamente a questão da motilidade apresentada por Dunning pode ser utilizada para explicar a motivação do indivíduo em se submeter as cargas de treinamento físico existente no processo. Entretanto o ponto pelo qual o indivíduo aceita se submeter a essas cargas não é o prazer pelo movimento, ou exercício em si, mas sim pela necessidade que o basquetebol exige atualmente.

A preparação física é um diferencial muito importante no que se refere ao desenvolvimento do atleta e da obtenção de resultados. A condição física do indivíduo que pratica determinado esporte é fundamental, já que facilita a aprendizagem dos fundamentos, e permita ao atleta uma participação mais efetiva na equipe. Daiuto (1960) ao definir a modalidade descreve que, “o basquetebol é um esporte complexo sendo uma sucessão de esforços intensos e breves realizados em ritmos diversos, é um conjunto de corridas, de saltos e de lançamentos; é, por excelência, um esporte de coordenação de movimentos e de ritmos”<sup>214</sup>. Daí de sua importância nesse processo, pois pode ser uma facilitadora da preparação técnica e tática.

É possível admitir que a preparação física, assim como a preparação técnica, possam ser um meio de inclusão para os atletas que estão dentro do processo, embora elas não pareçam ser uma das preferidas dos atletas. No depoimento dos

---

<sup>214</sup> DAIUTO, MOACIR. **Basquete**: metodologia de ensino. Hemus editora. São Paulo, 1960. P.36

mesmos é percebido a pouca simpatia por esse tipo de preparação: Atleta 3, “O que eu menos gosto é da parte física do treino”<sup>215</sup>; Atleta 4, “O que eu menos gosto é muito físico, assim, correr muito;”<sup>216</sup> e Atleta 5, “o que eu menos gosto é a corrida.”<sup>217</sup>

Entretanto, os atletas reconhecem sua importância, sobretudo porque essa é uma condição impar para sua continuidade no processo, possibilitando sua manutenção na equipe e seu progresso como atleta, como observado no depoimento do Atleta 5: “eu acho que preciso de mais massa muscular [...] eu já joguei no adulto e lá os atletas são muito mais fortes e o jogo é muito mais parado. Então, com massa [muscular] você consegue se desempenhar melhor.”

Acerca desses depoimentos podemos acreditar que a motilidade apresentada por Dunning nesse caso específico da preparação física é voltada num maior grau pelo prazer de se atingir um desempenho melhor dentro do esporte e em menor grau pelo movimento em si, já que nos depoimentos encontramos certa resistência com esse componente físico.

Outro fator notado, é que o treinamento físico contribui para melhorar a sua auto-estima, como no depoimento do Atleta 7: “meu físico está mais [dando a entender que está melhor] quando eu iniciei estava gordo, tinha massa localizada, muita gordura. Hoje já perdi tudo. Já tenho mais músculo. [dando a entender que falta para ele] um pouco do físico, porque eu não consigo, não posso fazer academia<sup>218</sup>.”

Como a exigência da parte física no esporte moderno está cada vez mais elevada, desde as categorias de base, já existe essa preocupação, tanto de técnicos, como dos atletas. A própria ciência do treinamento possui bases científicas de como proceder em cada faixa etária. Nos grandes clubes brasileiro, independente da modalidade, existe um profissional específico para executar essa função, o preparador físico, mesmo nas categorias de base.

Na realidade do basquetebol curitibano, não encontramos nenhum clube que tenha esse profissional exercendo essa função, quem realiza o trabalho é o próprio técnico. Nos clubes Círculo Militar do Paraná e Sociedade Thalia, como a estrutura

---

<sup>215</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3

<sup>216</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 4

<sup>217</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5

<sup>218</sup> Entrevista concedida em 24/08/2009, por atleta 7

desses clubes tem academias de musculação, os atletas podem utilizar em horários extra-treinos, sem ter um ônus financeiro.

É um diferencial que esses clubes possuem perante o Tittãs Basketball, e sobre as escolas. Mas esse diferencial existentes nos clubes não foi originalmente destinado para a utilização direta das equipes de competição, mas sim destinado para os associados usufruírem. Posteriormente esse ambiente foi aberto para a utilização dos atletas que fazem parte das equipes.

A diferença entre o Círculo Militar do Paraná e a Sociedade Thalia, é que no primeiro existe um profissional destinado a trabalhar com os atletas de todas as modalidades na academia, enquanto na Sociedade Thalia os próprios técnicos de quadra realizam esse trabalho. Mas de forma geral, nas três instituições analisadas a preparação física é feita pelos técnicos, principalmente a preparação física específica da modalidade.

Ficou evidenciado que a preparação física no basquetebol das instituições de Curitiba ainda encontra-se no estágio incipiente, necessitando melhorar sua estrutura e o corpo de profissionais. Nesse ponto os clubes possuem vantagens estruturais sobre as demais, e atualmente observamos o Círculo Militar do Paraná com uma pequena, mas importante diferença em relação ao demais, pois já possui um profissional específico para trabalhar com os esportes dos clubes, ainda que não seja destinado a trabalhar na quadra junto com os técnicos e somente na academia de musculação.

### 2.2.3 A representação do jogo: o componente tático

No treinamento tático o atleta de basquetebol deve aprender a jogar de acordo com as regras do jogo. Uma das regras que mais atuam sobre a tática é o tempo de jogo, mais propriamente sobre a regra de 24 segundos. Essa regra determina o tempo que a equipe tem para definir um ataque, se essa equipe não arremessar nesse tempo, ela automaticamente perde a posse de bola. O relógio de 24 segundos atua inevitavelmente nas decisões individuais e coletivas tanto da defesa como no ataque, fazendo que os atletas dentro da quadra necessitem se comunicar através de códigos orais, visuais para executarem da melhor maneira possível as estratégias combinadas.

O relógio de 24 segundos condiciona a preparação do atleta de basquetebol no jogo, semelhante à forma que o tempo move a sociedade moderna. Elias (1998) escreve sobre a questão do tempo estabelecendo um paralelo entre o desenvolvimento da sociedade e o aumento do número de interdependências de atividades exigidas dos indivíduos, em que são de certa forma, pressionados pelo tempo. O autor coloca que: “A pressão dessas coerções é relativamente pouco apreendida, medida, equilibrada e pacificada, porém onipresente e inevitável.”<sup>219</sup>

Os 24 segundos como tempo de ataque é uma forma de “coerção” dentro do jogo já que pressiona o atleta a executar a movimentação de ataque de forma correta e num determinado tempo. Para que isso ocorra é necessário um entrosamento dos cinco jogadores que estão em quadra, bem como a criação de uma linguagem própria entre os atletas, como observado na aprendizagem técnica. A especificidade da linguagem técnica do jogo é parte fundamental na tática esportiva, e nos remete a Elias (1995)<sup>220</sup> quando ele atribui a linguagem, a função de representação por meio da comunicação e regulação.

Os sistemas táticos de uma equipe podem ser entendidos como padrões específicos de um grupo que atua sobre o indivíduo. Assim o desenvolvimento da tática do jogo passa pela criação de um sistema de comunicação, do qual é dependente tanto a formação técnica como a física, e das experiências adquiridas dentro do processo de treinamento e aprendizagem do basquetebol.

A preparação tática no basquetebol é um componente relevante no que diz respeito à formação do atleta. É nesse componente que o atleta executa as ações por ele aprendidas na preparação técnica e responde aos estímulos do jogo no ataque e na defesa. Para Matveev (1986), “uma boa execução do plano tático é pré-condicionado, pela preparação técnica do atleta pela criação de aptidões coordenativas e de orientação no espaço e no tempo”<sup>221</sup>.

Também é na tática que a preparação física se mostra necessária pelo fato de auxiliar na execução das estratégias traçadas durante todo o jogo. Os dados nos mostraram algumas constatações a respeito da preparação tática, como exemplo: Atleta 1: “Ah, de treinar é bom treinar a tática;”<sup>222</sup> do Atleta 5: “que eu mais gosto é o

---

<sup>219</sup> ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.32

<sup>220</sup> Cf. Elias, N. **Teoria simbólica**. Lisboa, Celta Editora, 1994. Capítulo I

<sup>221</sup> MATVEEV, L. **Fundamentos do treino desportivo**. Lisboa, Editora Livros Horizontes, 1986. P.87

<sup>222</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

coletivo, porque é o que mais se aproxima do jogo;”<sup>223</sup> enquanto o Atleta 6 “O que eu mais gosto é quando divide o time e a gente faz um jogo;”<sup>224</sup>

As respostas dada pelos atletas sobre os aspectos do treinamento que eles mais gostavam nos que levaram a essa percepção. A preparação tática num primeiro momento confunde-se com a questão dos famosos coletivos<sup>225</sup>. Entretanto a tática já requer uma disciplina e uma consciência no papel de cada atleta no time. É um momento que os atletas particularmente gostam, talvez pela confusão do termo “coletivo”, ou pela proximidade com o jogo.

Essa similaridade com o jogo é um motivador para esse gosto pela preparação tática. Todavia a preparação tática vai além do simples coletivo de final de treino. O basquetebol brasileiro atualmente é criticado<sup>226</sup> justamente pela falta de uma carga tática compatível com as necessidades do basquetebol moderno. A comparação com o modelo argentino é inevitável, já que o Brasil tinha a supremacia em todas as categorias no continente até meados da década de 90. A partir dessa década a Argentina passou a dominar as competições no continente sul americano e a obter resultados expressivos em competições mundiais.

É importante mencionar esse aspecto na preparação tática, pois houve uma padronização de todo o basquetebol argentino no que diz respeito à formação de atletas, não somente a preparação técnica, mas principalmente na questão tática<sup>227</sup>, todas as equipes de base padronizaram seus sistemas de acordo com o sistema tático defensivo e ofensivo utilizado pela seleção principal.<sup>228</sup>

Justifica-se essa comparação, pois o atleta brasileiro não é considerado “disciplinado taticamente”, como fica evidente no depoimento de ex-integrantes da comissão técnica da seleção brasileira de basquetebol, Guerrinha e Lula respectivamente: “O jogador é pouco disciplinado, apesar de hoje ter evoluído bastante taticamente, mas tecnicamente ele é de um potencial muito grande, o

<sup>223</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5.

<sup>224</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6

<sup>225</sup> Os coletivos, na linguagem dos atletas, é o jogo propriamente dito de 5 contra 5, entretanto não existe uma preocupação tática na durante esse jogo.

<sup>226</sup> Ponto de vista de Fábio Balassiano: Descontrole. <http://www.databasket.com/descricao.asp?NOME=Ponto%20de%20vista&IDMATERIA=10143>. Acesso em 09/09/09

<sup>227</sup> Basquete Brasil. <http://blog.paulomurilo.com/2009/06/03/dos-15-aos-19-anos/>. Acesso em 16/08/2009,

<sup>228</sup> Esse comentário acerca do basquetebol Argentino foi necessário para mostrar a importância da questão tática dentro um processo formativo. Entretanto outras ações contribuíram para o crescimento do basquetebol argentino como a organização de uma Liga nacional, o intercambio com treinadores europeus e reuniões constantes entre os técnicos e dirigentes.



biótipo favorece pelas várias raças que tem o país, mas taticamente não tem disciplina e ele confunde a técnica com a parte tática.<sup>229</sup> “O brasileiro joga muito na pressão, gosta de jogar muito no contra-ataque, no um contra um, não valorizando a parte tática do jogo.”<sup>230</sup>

Nessa área observa-se que a preparação tática na formação possui algumas falhas, não somente por responsabilidade do atleta, mas também por parte dos técnicos e também dos dirigentes. Não existe uma política da CBB que determine uma forma de jogar padronizada no país inteiro, assim como uma associação de técnicos que trabalhe em busca dessa padronização. Desse modo esse também é um dos problemas da formação do atleta de basquetebol em Curitiba, do qual o depoimento de Fabíola dos Santos compactua:

A gente não tem uma escola de técnicos, nós não temos um a unificação. Eu não quero que todo mundo pense igual a mim, mas eu quero que exista uma filosofia do basquete dentro do estado, dentro da cidade, e acredito que muitas coisas aconteçam mais por interesses pessoais do que por interesses coletivos da modalidade. Por diversos motivos, , não é por que a pessoa é má, mas por que a pessoa tem que dar treino para três idades juntas, tem que dar treino para sete categorias, tem que dar treino para masculino e feminino junto. E além disso ele tem que trabalhar numa outra escola, tem que tentar estudar. Quer dizer, é muita coisa.[existe] falta de reciclagem de atualização, que possam fazer com que a gente evolua mais. Muitas escolas diferentes, também. Mas eu acredito que, dentro de todas as dificuldades, ainda os técnicos tem tentado se comunicar, manter uma relação de amizade, mas de forma muito superficial, por conta das dificuldades, do tempo e do dinheiro.<sup>231</sup>

Não se observa essa padronização no basquetebol curitibano, sendo opção de cada técnico utilizar o sistema tanto ofensivo como defensivo que lhe seja adequado. Nas competições promovidas pelas FPrB, as categorias com a faixa etária mais novas (até a sub-14) existe a obrigatoriedade de se utilizar um sistema defensivo, o da defesa individual. É uma intervenção da estrutura institucional que afeta diretamente as estruturas formativas, seus agentes e atletas. Mesmo sendo uma regra imposta pela FPrB, essa decisão foi aceita em arbitral por todos os filiados, por entenderem que esse fato permitiria um melhor desenvolvimento dos atletas. Entretanto a partir da categoria sub-15 se rompe com essa padronização defensiva deixando a cargo dos seus agentes o sistema a ser utilizado.

---

<sup>229</sup> Trecho da entrevista retirada dos anexos da dissertação de FERREIRA JR, R. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. UFPR, 2008

<sup>230</sup> Idem.

<sup>231</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

A importância do sistema defensivo é observado pelos atletas, a defesa é um dos pressupostos fundamentais para o basquetebol atual, o diálogo com o Atleta 1 demonstra isso:

Pergunta - E do que você menos gostava naquela época [o atleta iniciou aos 10 anos]?

Resposta - Menos gostava? De marcação.

Pergunta - E o que te levou a mudar esse pensamento?

Resposta - Eu fui aprendendo que com marcação, marcando bem o jogo, você joga bem. Então, me incentivou a desenvolver esse aspecto.<sup>232</sup>

Só é possível mudar o retrato do jogador de basquetebol brasileiro por meio da padronização de uma filosofia de jogo. O depoimento do Atletas 1 demonstra isso, a mudança no seu comportamento só foi internalizada, quando passou a fazer disso um hábito, porém esse depoimento é uma opinião pessoal do mesmo, não sendo possível afirmar que o mesmo tem a habilidade defensiva adequada ao basquetebol da forma que se pratica atualmente.

Dessa forma considerando que tática do jogo é uma forma de linguagem específica do esporte, é possível que por meio das instituições organizadoras das competições, com a FPrB, sejam feitas ações que ao menos exija dos filiados alguns pressupostos em comum da parte delas. Como o exemplo dos campeonatos promovidos pela FPrB que exigem que até a categoria sub-14 se utilize a defesa individual. Entretanto essas ações são de difícil implementação, pois nem todos os filiados são a favor dessa determinação, já que vai contra filosofias de jogo que os técnicos consideram como adequadas, ou contra uma política de resultados que algum filiado possui como forma de demonstrar qualificação perante as demais.

#### 2.2.4 Os componente auxiliares na formação do atleta de basquetebol

Ao descrever a preparação técnica, tática e física poderia parecer simples que essas dariam conta de envolver o processo de formação de atletas numa totalidade, sendo elas as únicas responsáveis por influenciar na formação educacional, social e da personalidade. O esporte moderno abrange muitas áreas além da educação física, sendo comum uma equipe multidisciplinar em comissões técnicas de seleções nacionais, e em equipes de grande estrutura. A principal razão em citar esses demais componentes que veremos a seguir, é a de mostrar como as instituições

---

<sup>232</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

analisadas no trabalho são estruturadas em seu corpo de trabalho e de infra-estruturas, assim torna-se relevante ao menos relatá-la, pois pode servir de incentivo para melhor estruturar a formação num futuro.

Na literatura voltada para o treinamento desportivo encontram referências a alguns tipos de preparação e de disciplinas complementares na formação de atletas. A preparação psicológica (BOMPA, 2002), a preparação moral, teórica e volitiva (MATVEEV, 1997). E ainda, como complemento, a nutrição esportiva e a fisioterapia são componentes importantes no processo de formação de atletas.

Ao adentrarmos na preparação psicológica no processo de formação de atletas necessitamos de algum conceito para contextualizá-lo. Uma vez que essa preparação se confunde somente com área motivacional. O treinamento psicológico é necessário para assegurar um desempenho físico elevado, melhorando a disciplina, a perseverança, a força de vontade, a confiança e a coragem, sendo a preparação psicológica um componente para auxiliar o desenvolvimento das preparações técnica, tática e física. (BOMPA, 2002)<sup>233</sup>

Samulski (2002), quando relata os objetivos do treinamento psicológico nos remete a algumas funções já relatada no que se refere a formação integral do indivíduo participante do processo, entre as quais o autocontrole emocional, liderança e comunicação. Os objetivos que o autor coloca são os seguintes: desenvolver e melhorar as capacidades cognitivas, emocionais, motivacionais e sociais de atletas e técnicos; estabilizar o comportamento emocional durante a competição acelerar e otimizar o processo de reabilitação e recuperação e melhorar os processos de comunicação.<sup>234</sup> Korsakas e Marques (2005) apontam quatro áreas em que a preparação psicológica atua sobre o atleta: a esfera cognitiva, que são habilidades que trabalham com o pensamento, atenção e percepção; a esfera afetivo-emocional, que este relacionado a motivação com as tarefas e com os objetivos; a esfera psicossocial, que trata dos relacionamentos interpessoais do ambiente esportivo; e a esfera atitudinal que representa as transformar aquilo que foi desenvolvido no treino em ações dentro do jogo.<sup>235</sup>

<sup>233</sup> Cf. BOMPA, Tudor. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo. Phorte, 2002

<sup>234</sup> SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: manual para educação física, psicologia e fisioterapia**. São Paulo: Manole, 2002.

<sup>235</sup> FERREIRA, MARKUNAS e NASCIMENTO. A prática na formação de atletas no basquetebol feminino. In. ROSE JR e TRICOLLI; **Basquetebol - uma visão integrada entre ciência e prática**. Editora Manole, Barueri 2005. P.54

<sup>235</sup> MATVEEV, L. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997. P.22

Dentre os clubes analisados de Curitiba, somente o Círculo Militar do Paraná tem um profissional que trabalha nessa área específica, mas não é exclusivo da modalidade, e ele é vinculado ao convênio que o clube tem com a Faculdade Dom Bosco. Nos outros dois clubes não existe um profissional que faz esse trabalho. Todavia os técnicos são agentes importantes nesse treinamento, com a existência ou não desse profissional dentro da instituição, já que os mesmos têm um contato direto quase que diário com o atleta, e pode direcionar o atleta a tomar decisões não só dentro da quadra como fora dela. Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) apontam que “no caso de modalidades coletivas como o basquetebol, além de saber conviver em grupo, é fundamental ter uma comunicação clara e eficaz com colegas e profissionais da comissão técnica.”<sup>236</sup>

Matveev (1997) apresenta outros tipos de preparação para os atletas que atuam no processo. “A preparação moral e volitiva do atleta é um processo ético e em particular, volitiva, de educação, que se objetiva aplicando-o às condições da atividade desportiva concreta, consiste, basicamente na motivação correta da atividade, desenvolvendo o gosto pelo esporte, vontade de vencer e o caráter desportivo.”<sup>237</sup>

Essa denominação que o autor nos passa é relacionado com elementos norteadores que o indivíduo deve ter ao participar de um processo, a força de vontade, espírito de luta e união. Esses elementos foram mencionados nas entrevistas pelos atletas. Como exemplo: Atleta 3: “a parte de garra, espírito de luta, essas coisas assim.”<sup>238</sup> Atleta 8: “Uma coisa que eu aprendi aqui, [na instituição] foi que se eu quero alguma coisa, se eu tenho vontade de ter alguma coisa, eu tenho que correr atrás disso, Eu tenho que batalhar, tenho que pagar o preço. E aprendi também a não desistir. Se eu quero, eu vou atrás e vou conseguir.”<sup>239</sup>

Os elementos caracterizados pelos atletas relacionam-se com a preparação psicológica, moral e volitiva. Entretanto devem ser trabalhadas ao longo de todo o processo e não de forma eventual, antes ou durante algum jogo. Outro tipo de

---

<sup>236</sup> KORSAKAS, PAULA e MARQUES, JOSÉ A. A preparação psicológica como componente do treinamento esportivo no basquetebol. In. ROSE JR e TRICOLLI; **Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e prática**. Editora Manole, Barueri 2005. P.195

<sup>237</sup>MATVEEV, LEV P. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997. P.26

<sup>238</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 3.

<sup>239</sup> Entrevista concedida em 26/08/2009, por atleta 8.

preparação mencionada por Matveev e que também é um complemento aos demais componentes do treinamento é a preparação teórica. O autor coloca que:

a preparação teórica do atleta realiza-se preferencialmente sob formas características de formação intelectual e de autoformação, aparece no treino vinculada a preparação técnica, tática, moral e volitiva sendo um processo multifacetado e multilateral, trata-se dos conhecimentos de história e sociologia do desporto, [...] realiza-se sob formas características de formação intelectual e de autoformação.<sup>240</sup>

Nesse sentido, a convergência entre a preparação psicológica, moral, volitiva e teórica é fundamental no papel de formação do atleta, sendo ainda o componente que melhora a aquisição da técnica, tática e físico. Ainda na estrutura multidisciplinar encontramos duas disciplinas que auxiliam a educação física na formação do atleta.

A fisioterapia no esporte é uma delas, para Silva, Dória e Morais (2005) a fisioterapia aplicada à área esportiva dedica-se não somente ao tratamento do atleta lesado, mas, também, à adoção de medidas preventivas, a fim de reduzir a ocorrência de lesões.<sup>241</sup>

Dos clubes analisados nenhum tem um departamento de fisioterapia dedicado ao esporte, os atletas na maior parte dos casos utilizam-se dos planos de saúde particulares, quando o tem. Mas os atletas sem condições financeiras são tratados na maioria das vezes por ajuda dos técnicos e diretores. No Círculo Militar do Paraná esses atletas são tratados na clínica particular do diretor de esportes, enquanto na Sociedade Thalia, os atletas da categoria máster, colaboram com doações para o tratamento desses atletas, assim como no Tittãs Basketball. Nessa área ainda, os clubes tem um médico próprio que pode ser usado pelos atletas, assim como convênio com serviços de atendimento por ambulância.

Por fim a nutrição esportiva é outra área que contribui com o esporte atualmente. O treinamento esportivo necessita da nutrição, uma vez que esta pode ser um fator limitante no desempenho do atleta. Lollo, Tavares e Montagner (2004) afirmam que a nutrição não deve ser só lembrada quando se busca alto rendimento,

---

<sup>240</sup> MATVEEV, LEV P. **Treino desportivo**: metodologia e planejamento. Phorte editora, Guarulhos, 1997. P.28

<sup>241</sup> SILVA, A.; DÓRIA, D.; MORAIS, G; **Fisioterapia Esportiva**: Prevenção e Reabilitação de Lesões Esportivas em Atletas do América Futebol Clube. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., 2005, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

sendo um recurso disponível para melhorar a saúde geral<sup>242</sup>. A figura do nutricionista não é presente em nenhum dos clubes analisados. Em Curitiba, só encontramos essa função nos clubes profissionais de futebol, está é uma área que ainda não é ocupada nos demais esportes.

O desempenho atlético melhora com uma nutrição conveniente e deteriora-se com as deficiências nutricionais (FOX, BOWERS e FOSS, 1991)<sup>243</sup> De fato, o estado nutricional do atleta é um fator que influencia sua performance técnica, tática, e física e ainda deixa o atleta mais vulnerável as lesões, e ainda tem conseqüência na sua vida escolar. Se levamos em consideração que o processo de formação de atletas exige todas essas valências, uma má nutrição pode dificultar o andamento do atleta dentro do processo.

Assim observado, a realidade que o esporte atual cobra em relação aos clubes analisado dentro do processo de formação de atletas, ainda está aquém do que é preconizado, quanto às demais preparações complementares. A falta de uma equipe multidisciplinar ainda é o maior entrave para que ocorra isso. Entre as principais razões para esse cenário está a motivação econômica, pois a manutenção de um corpo técnico geraria custos que os clubes não têm ou não querem arcar.

O que nos leva a outro fator, que relaciona-se aos objetivos dessas instituições, em que Sociedade Thalia e Círculo Militar do Paraná, apesar de serem clubes com a prática esportiva, não são clubes unicamente voltados para o esporte. Da mesma forma com Tittãs Basketball, que tem sua sede junto ao Sest/Senat, uma entidade que não tem nenhum tipo de vínculo com a equipe, a não ser o arrendamento do ginásio.<sup>244</sup>

Esse cenário deixa praticamente toda a preparação dentro do processo a cargos dos técnicos, dificultando seu trabalho, como menciona o técnico Luis Fernando Gonçalves, em seu depoimento: “então o técnico é o roupeiro, seu nutricionista, seu psicólogo”.<sup>245</sup> Ou como Roberto de Souza, que além de técnico do Tittãs Basketball é diretor e proprietário do time.<sup>246</sup> Entretanto essa é uma realidade

---

<sup>242</sup> LOLLO, P; TAVERES. M; MONTAGNER, P. **Educação Física e Nutrição**. Lecturas: Educacion Fisica y Deportes, Out/2004. Disponível em < [www.efdeportes.com/efd79/nutricao.htm](http://www.efdeportes.com/efd79/nutricao.htm) > Acesso em 20 de julho de 2009.

<sup>243</sup> FOX, E.L.; BOWERS, R.W.; FOSS, M.L. **Bases fisiológicas da Educação Física e dos Desportos**. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. P. 374

<sup>244</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza.

<sup>245</sup> Entrevista concedida em 10/09/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

<sup>246</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza.

provavelmente muito comum entre os clubes que possuem o basquetebol competitivo no Brasil.<sup>247</sup>

De toda forma, apesar das estruturas formativas não darem todo o suporte para que a formação seja realizada. A prática cotidiana tanto para os agentes formadores como para os atletas contribuem para que se crie um ambiente de aprendizagem e de educação.

Mesmo com as dificuldades os atletas recebem estímulos tanto para seguirem como atletas, amadores ou profissionais, como cidadãos, recebendo valores que a sociedade pede como requisitos para o seu convívio. Nesse sentido o *habitus* internalizado dentro das instituições formadoras e conjunto com os agentes colaboram na aquisição dos aspectos relativos a educação como a disciplina e autocontrole, da identidade entre os indivíduos e as instituições, além dos componentes que permeiam formação do indivíduo no interior do processo. Assim visto, a partir do próximo tópico daremos ênfase as etapas de formação relacionando com os motivos de aderência a modalidade e com as formas como ele é desenvolvido nas instituições.

---

### **CAPÍTULO 3 AS ETAPAS DE FORMAÇÃO**

Nesse capítulo, iremos contextualizar as etapas de formação existentes no microcosmo analisado, do início até a estagnação. Entretanto, de maneira ilustrativa, faremos uma análise da literatura a respeito dessas etapas para podermos visualizar o que é preconizado dentro de um processo que possui como objetivo formar atletas. Conjuntamente apresentaremos alguns indícios sobre os motivos de aderência e de desistência do processo por parte dos atletas para, finalmente, adentrarmos nas etapas encontradas no microcosmo.

No âmbito das etapas de formação, observamos algumas áreas que estudam o desenvolvimento dos atletas, entre as quais a pedagogia do treinamento desportivo e a aprendizagem motora. Ambas as áreas preconizam o desenvolvimento do atleta num processo de formação a longo prazo, suas especificidades. Oliveira & Paes afirmam que “o processo de formação de atletas deveria seguir um planejamento para que o mesmo fosse alcançar o seu potencial máximo na categoria adulta.”<sup>248</sup>

A preconização dessas etapas surgiu da necessidade de uma formação constante de atletas para as equipes de clubes, escolas e seleções nacionais, formando gerações de atletas com uma antecedência de muitos anos, para competições como olimpíadas, mundiais, e ligas profissionais.

Essas fases têm a função de determinar quais características que devem ser treinadas nos atletas, e qual ênfase deve ser dada na preparação técnica, física, tática, psicológicas em determinada faixa etária, respeitando normas biológicas e pedagógicas do esporte, compreendendo, geralmente, diversos períodos do desenvolvimento do atleta no que se refere a sua idade (MATVEEV, 1997)<sup>249</sup>. Essas fases devem ser planejadas no sentido de buscar o desenvolvimento esportivo da iniciação até o profissionalismo do atleta.

O objetivo do treinamento a longo prazo é formar atletas para alto nível, ou para o profissionalismo. Entretanto percebem-se duas situações quanto a essa perspectiva. A primeira envolve a formação para o âmbito profissional, pois sabe-se

---

<sup>248</sup> OLIVEIRA, V. & PAES, R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização**. Londrina, Midiograf 2004. P.34

<sup>249</sup> MATVEEV, LEV P. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997. P.135



que num processo de formação de atletas, a pirâmide esportiva<sup>250</sup> é um modelo que permeia o processo de formação do seu início até a chegada ao alto rendimento.

Para melhor compreendermos da pirâmide esportiva, rapidamente podemos explicar que na sua base, a quantidade de praticantes é elevada numa comparação com as outras etapas. Com o passar dos anos, e com a aproximação ao topo da pirâmide, existe uma seleção dentro desse processo, com somente alguns atletas chegando ao alto nível, ou profissionalismo. Nesse entendimento outros valores, como mencionados no capítulo II (disciplina, autocontrole, identidades) devem estar inseridos permeando o processo.

A segunda situação envolve o universo observado, o basquetebol de Curitiba, mais propriamente as equipes analisadas, que não possuem times profissionais. Isso faz com que os atletas busquem em outros centros o profissionalismo, ou fiquem estagnados na sua carreira. Analisaremos essa situação com mais profundidade na sequência do capítulo.

Para exemplificar brevemente essas etapas, utilizaremos a conceituação de Matveev, pois a mesma foi pioneira nesse ponto no âmbito da ciência do treinamento desportivo. Para auxiliar nessa contextualização, empregaremos também alguns exemplos das etapas de iniciação e especialização da pesquisa de Oliveira & Paes, devido a proximidade com a realidade do basquetebol de Curitiba.

Pela classificação de Matveev (1997)<sup>251</sup> essas etapas são divididas em quatro: Preparação Desportiva Prévia, Especialização Inicial, Aperfeiçoamento Profundo e Longevidade Desportiva. Oliveira & Paes<sup>252</sup> as divide em duas etapas,

---

<sup>250</sup> Segundo Pila o modelo piramidal, é dividido em cinco níveis, os quais o autor assim divide: nível V talento por condição física, IV iniciação desportiva, III prospecto desportivo em desenvolvimento, II talentos desportivos, I excelência desportiva. O nível V (talento por condição física) constitui a base da pirâmide e é utilizado nas escolas, seria a base desportiva, no Brasil isso não está bem definido, já que clubes e escolas se confundem quanto aos objetivos de cada uma nesse processo. O nível IV (iniciação desportiva), denominado talento na iniciação desportiva, conta com a presença de aptidões para as várias modalidades desportivas. Aqui se insere algumas exigências próximas ao treinamento desportivo em condições mais elevadas. O nível III (prospecto desportivo em desenvolvimento) é classificado como talento na iniciação do processo de treinamento. Possui certo nível de conhecimento teórico e habilidades no esporte, e já visualiza se o indivíduo atende a um nível superior de exigências. O atleta no nível II (talentos desportivos) já possui as características desenvolvidas relativa ao esporte praticado, e o nível de habilidade demonstrado em competições. Isto serve para que o atleta entre nas categorias juvenis e nacionais. Por fim o nível I (excelência desportiva) refere-se ao estágio que o atleta buscou nos seus treinos, ou seja, integrar as seleções nacionais, ou ligas nacionais. PILA, G. **Método y Normas para Evaluar la Preparación Física y Seleccionar Talentos Deportivos**. México, Editorial Supernova. 2000.

<sup>251</sup> Cf. MATVEEV, LEV P. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997.

<sup>252</sup> Cf. OLIVEIRA, V. & PAES, R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização**. Londrina, Midiograf 2004

iniciação e especialização, porém cada uma dessas etapas é subdividida em três fases. O quadro abaixo nos dá um retrato geral destas etapas.

**QUADRO 3 – ETAPAS DE FORMAÇÃO.**<sup>253</sup>

Etapas	Idade e série escolar	Objetivo	Fase	Características
Preparação Desportiva Prévia	7 a 10 (1ª a 4ª)	Desenvolvimento o harmonioso do organismo, construir um rico nível de aptidões motoras e formar as bases iniciais da aptidão desportiva	Iniciação I	Atividades lúdicas e motivadoras. Oportunizar os ensino das técnicas, e estimular o pensamento lúdico; Aprimorar seus padrões de movimento, e construa seu próprio repertório motor.
	11 e 12 (5ª e 6ª)		Iniciação II	Primeiras competições. Diversificação dos conteúdos do basquetebol.
	13 e 14 (7ª e 8ª)		Iniciação III	Refinamento dos conteúdos desenvolvidos nas fases anteriores
Especialização Inicial	15 a 17 (1ª a 3ª ano do Ensino Médio)	Consiste no lançamento de boas bases para os futuros resultados. Enriquecer o conjunto dos hábitos motores e assimilar os fundamentos do aperfeiçoamento desportivo. Busca-se a especialização do Atleta	Especializado I	Exige-se uma maior dedicação do tempo dos atletas.  A exclusividade por parte deles na prática de uma modalidade esportiva.  Busca-se Especialização do atleta no esporte, mas não em determinada posição do esporte.
Aperfeiçoamento Profundo	18 a 20 (universitário)	Aperfeiçoar cada vez maior das habilidades e capacidades do esporte.	Especializado II	Os atletas consolidam as suas posições e funções dentro da quadra. Implementação da tática do jogo
	Dos 21 até o fim da carreira esportiva (profissionalismo)		Especializado III	Fase de alto nível de desempenho e da obtenção de resultados expressivos. Corresponde a entrada do indivíduos para o profissionalismo

<sup>253</sup> Adaptado dos estudos de MATVEEV, LEV P. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Phorte editora, Guarulhos, 1997. E OLIVEIRA, V. & PAES, R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização**. Londrina, Midiograf 2004.

A última etapa proposta por Matveev, a Etapa da Longevidade Desportiva corresponde a uma faixa etária que se inicia entre os 35 e 40 anos e visa manter e prolongar ao máximo as capacidades físicas, técnicas dos indivíduos. Não daremos tanta ênfase a essa fase, pois a mesma não possui relação direta com o objeto da pesquisa. Devemos salientar simultaneamente que essa divisão realizada no quadro acima não é estática, pois há individualidades que perpassam o contexto dessas etapas.

Expostas essas fases percebe-se que a divisão por etapas preconiza uma preparação de muitos anos. Entretanto, quando observamos o objeto de estudo da pesquisa, o microcosmo do basquetebol de Curitiba, essas etapas se encerram numa fase anterior a chegada ao alto rendimento, estagnando a continuidade da formação esportiva.

Diante dos fatos apresentados, todas as etapas de formação que os autores preconizam estão sujeitas a fatores que impedem o desenvolvimento. Há fatores que vão desde a falta de estrutura física das instituições formadoras até a política esportiva praticada pelas federações, clubes e órgãos públicos, fazendo com que essas etapas fiquem a mercê de vontades pessoais de dirigentes, técnicos, e atletas, além de circunstâncias sociais, como a classe social, condição financeira, e objetivos escolares e profissionais.

Mesmo que as etapas de formação forneçam subsídios para planejar o desenvolvimento esportivo do indivíduo, durante o percurso alguns fatores interferem no desenrolar do processo. Assim sendo, apesar da possibilidade de planejamento das etapas de formação do indivíduo, há indícios que o processo é “cego”.

Para Elias o processo cego<sup>254</sup> nos remete a ações não planejadas, de longa

---

<sup>254</sup> Gebara auxilia no entendimento do processo cego a qual Norbert Elias faz referência em suas obras: O ponto central no qual se apóia a teoria do processo civilizador é a existência de um processo “cego” (não planejado) e empiricamente evidente. Trata-se do processo de “cortenização” e/ou parlamentarização dos guerreiros medievais; isso equivale a dizer em termos práticos: a violência imbricada no cotidiano dos guerreiros cede lugar ao debate e ao refinamento das atitudes dos cortesãos. A solução dos conflitos e o controle da violência passam a ser encaminhados de formas distintivas em relação ao uso imediato e explícito da força/violência. Longe de constituírem uma antítese, violência e civilização são processos complementares, são formas específicas de interdependência. A civilização dependerá do estágio de controle da violência, do monopólio dos impostos que permitem constituir uma força suficientemente efetiva para impor a pacificação interna. Ou seja, o crescimento da economia e o estabelecimento do Estado jogam um papel fundamental nesse processo. GEBARA, A. **História do esporte: novas abordagens.** p. 20-21. In Proni, M. W. & Lucena, R. F. (orgs.) **Esporte: história e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2002.

duração e são condicionadas pelos indivíduos que encontram-se em interdependência. Oliveira Jr. (2005)<sup>255</sup> contribui dando a entender que este processo se dá pela estrutura social das configurações e também é transformado por ela. A tal ponto que se acredita num caráter “cego ou não planejado”. Esta noção é fruto de relações não intencionais entre indivíduos e grupos.

No depoimento de Danilo Schier<sup>256</sup> surge uma constatação acerca do caráter cego do processo: “Hoje o cara quer estar no shopping com as meninas. Ele quer tomar uma cerveja, ele quer fumar, ele quer ficar na pracinha. Então nesse aspecto está muito mais complicado. Difícil é o cara que se dedica ao esporte e abdica do resto.”

Esse exemplo demonstra uma interferência vinda de fora do ambiente de treinamento que age sobre o processo de formação. De qualquer modo, a configuração existente é dependente tanto das ações quanto do comprometimento dos indivíduos e das instituições, tornando o processo estável ao longo do contexto histórico da modalidade. Contudo, quando relações além do ambiente do basquetebol agem no processo provocam uma instabilidade na planificação do mesmo. Atletas que são grandes destaques em categorias iniciais e que precocemente interrompem o treinamento por darem prioridades a outras atividades, como cursos de língua estrangeira, cursinhos preparatórios para vestibulares, além de opções de lazer como ir a shoppings e cinemas. Esses exemplos demonstram como é tênue a linha existente na dinâmica entre os indivíduos da configuração com esses aspectos da sociedade moderna.

Aqui cabe um adendo sobre o processo cego, já afirmamos que este atua paralelamente ao planejamento do processo formador. Porém, há certos momentos que as relações não intencionais podem atuar de forma a impulsionar o indivíduo a iniciar a prática do basquetebol. Graças a um exemplo retirado do depoimento de Fabíola dos Santos observamos essa questão:

Olha, eu só posso acreditar que é um golpe de sorte o cara aparecer aqui, ver a faixa da peneirada e entrar aqui, porque o esporte está tão impopular, você não vê basquete na TV. Se você não vê o resto o mundo também não vê. Só vê em canal fechado. Então é muito mais fácil, o menino querer jogar vôlei e tênis do que querer jogar basquete. Eu acredito

---

<sup>255</sup> OLIVEIRA JR, C. **Processo civilizador e a construção de grupos. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, 2005. Disponível em <[http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simpósio/artigos/mesa\\_debates/art6.pdf](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simpósio/artigos/mesa_debates/art6.pdf)>** Acesso em 16/09/2009.

<sup>256</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

que a gente está trabalhando com um número bem abaixo do que poderia trabalhar se o basquete estivesse mais na mídia e fosse mais popular como era dez anos atrás.<sup>257</sup>

A relevância desse exemplo se deve ao fato que mesmo com o esporte passando por um momento de reconstrução do seu prestígio junto ao público e “a mídia; ainda há atletas, cuja motivação advém não se sabe exatamente daonde, que se interessam pela prática do basquetebol. Mesmo o processo sendo cego, é possível levantarmos algumas razões de inserção dentro da formação de atletas.

Assim sendo, adentramos no âmbito dos motivos de aderência ao treinamento. Como vimos no capítulo II, o esporte pode ser um facilitador na formação de amizades, de identidade entre os indivíduos e com as instituições. Paralelamente, podemos entender que esses meios facilitadores também são agentes motivadores da aderência ao treinamento.

Entretanto os praticantes de esporte buscam nele, a quebra da rotina e a busca de emoções, Dunning (1999) aponta que o esporte pode ser:

Uma atividade voluntária em vez de atividade compulsória, porque esta é sua forma dominante hoje em dia - nós presumimos que o esporte envolve uma procura por prazer e por não tornar rotineira o aumento da excitação emocional por meio do que nós chamamos capacidade de movimento (motilidade), sociabilidade, capacidade de imitação ou alguma combinação de todos três. Isto é, o esporte voluntário parece tratar principalmente da obtenção de satisfação ao se engajar em movimentos físicos, dos contatos sociais que são feitos em esportes, e do aumento dos sentimentos que têm uma semelhança brincalhona e prazerosa com as emoções que são geradas em situações seriamente críticas.<sup>258</sup>

Conforme já citado no capítulo anterior, a motilidade, termo que Dunning utiliza para designar o prazer pelo movimento existentes no esporte, está inserida diretamente nessa questão de aderência ao esporte, pois o basquetebol depende do movimento para sua prática, seja na parte técnica, física ou tática.

A sociabilidade é outro elemento fundamental citado por Dunning, ela corresponde ao “aproveitamento e o despertar de prazer emocional em estar na companhia dos outros sem nenhuma obrigação além daquelas que são empreendidas totalmente voluntariamente.”<sup>259</sup> Nesse sentido, o que leva o indivíduo a engajar-se no processo de treinamento, por diversas vezes, não é a questão da

---

<sup>257</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos.

<sup>258</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas:** Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

<sup>259</sup> Idem.

aprendizagem do movimento, mas a principalmente, a formação de amizades com os demais integrantes e a chance de fazer algo por motivação própria.

Por fim as atividades miméticas, ou seja, a busca do indivíduo por emoções, pela quebra da rotina diária, sempre procurando se liberar dos comportamentos impostos pela sociedade. Dunning aponta que:

O termo “mimético” tem a intenção de expressar este relacionamento especial entre aspectos não miméticos da vida e esta classe específica de atividades de lazer. Com ele nós não quisemos dizer “imitativa” num sentido direto. Esportes como rúgbi, futebol e cricket, por exemplo, embora possam ser tipos de jogos de guerra, não são literalmente formas de combate militar. <sup>260</sup>

Podemos entender que o esporte aflora nos indivíduos praticantes formas miméticas, de alegria, orgulho, triunfo, luta, arrependimento, medo, amor ou ódio. Pastre (2005) ao estudar os praticantes de basquetebol na categoria máster constatou que “a prática do basquetebol pode gerar emoções que chamamos de miméticas, as quais exercem certa representação social nos praticantes, permitindo que extravasem as emoções e remetam os veteranos à sensação de desestresse/liberdade”. <sup>261</sup>

Na análise do depoimento Atleta 3 encontramos um dado relevante: “[o basquetebol] serve, além de dar uma expectativa [de jogar], assim, serve para relaxar, para poder se divertir, sair da área escolar, assim, para fazer uma coisa que você gosta, para jogar” <sup>262</sup>; tanto com a vitória quanto com a derrota, podemos simular a alegria ou decepção; ou ainda, algum movimento aprendido ou executado num jogo pode remeter ao indivíduo a imagem de algum ídolo do esporte no contexto mimético à noção do sucesso ou do triunfo.

Mesmo diferindo da configuração estudada por Pastre, do grupo máster para o grupo que está em formação no basquetebol, podemos encarar que a prática para esses indivíduos também gera emoções e a quebra da rotina. Assim vejamos, o fato do indivíduo fazer uma atividade que sai da sua rotina escolar representa uma forma de desestresse para o mesmo, como visto no depoimento do Atleta 3.

---

<sup>260</sup> DUNNING, E. **Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer.** História Questões & Debates, América do Sul, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2723/2260>> Acesso em 19 de set de 2009

<sup>261</sup> PASTRE, T. **O basquetebol veterano no Paraná:** a formação de grupos e instituições sociais. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

<sup>262</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3

Elias e Dunning (1992) apontam que por meio da representação mimética é possível lidar com uma variedade de sentimentos, segundo os autores:

Pode-se experimentar ódio e o desejo de matar, derrotar adversários e humilhar inimigos. [...] Em resumo, pode tolerar-se, até certo ponto, o despertar de fortes sentimentos de grande variedade de tipos em sociedades que, de outra forma, impõem às pessoas uma vida de rotinas relativamente harmoniosa e sem emoção, e que exige um nível elevado e grande regularidade de controles emocionais em todas as relações humanas.<sup>263</sup>

Até esse ponto, colocamos os fatores que auxiliam a permanência do indivíduo no treinamento do basquetebol. Entretanto, apesar das etapas de formação propostas pela literatura da pedagogia do esporte, vimos que o planejamento está sujeito a um processo cego. Da mesma forma que leva os indivíduos a se inserirem no treinamento, pode levar “a desistência. Assim sendo, as etapas de treinamento estão sujeitas a essas manifestações de fora da configuração que podem desviar o indivíduo da prática do basquetebol e fazê-lo desistir da prática.

Uma destas manifestações foi citada no depoimento do Atleta 3: “[...] Pressão que eu tenho é que eu mesmo me cobro sempre o melhor de mim. Não importa se eu faço trinta, quarenta pontos por jogo, eu tenho que fazer mais porque não é o suficiente. Só vai ser o suficiente a hora que eu parar.”<sup>264</sup> A cobrança pessoal para se obter êxito na prática no basquetebol, seja individual ou coletiva, é uma destas manifestações. Ela pode aparecer sob a forma de obtenção de reconhecimento, seja pelas vitórias em jogos e campeonatos ou por algum prêmio individual, como por exemplo, uma convocação para a seleção municipal ou estadual.

Porém há outras manifestações que interferem no transcórre do processo. Os atletas devem seguir determinadas obrigações quando inseridos no mesmo, como a obrigação com horários de treinamento, jogos e viagens, além da cobrança de técnicos pela melhora da performance, pelos erros cometidos em treinos e jogos pelos técnicos. Assim, se por um lado a prática do basquetebol pode servir para a quebra da rotina das obrigações diárias do jovem dentro do treinamento, com o passar do tempo, ela pode se tornar uma rotina para o mesmo.

---

<sup>263</sup> ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.184

<sup>264</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3

Sobre fatores motivantes para o início da prática do basquetebol o Diretor de basquetebol do Círculo Militar do Paraná, Edson Lopes da Silva, da sua impressão sobre o tema:

Eu acredito que geralmente o atleta ele se direciona a uma modalidade, no caso o basquete, é por influencia de colegas, no âmbito no meio que ele convive, se teve alguém próximo da família que já praticou o basquete ou não ou então meios de divulgação da própria imprensa vamos citar um exemplo; se você pegar a época que o Brasil foi campeão Pan-americano, teve uma explosão muito grande de adolescente e crianças querendo jogar basquetebol. Eu acredito que uma das coisas que influenciam muito hoje num jovem a querer praticar determinada modalidade, no caso o basquetebol, tem muito haver também com os resultados, locais de equipes, de profissionais locais, e também em relação à seleção brasileira. Então se está na mídia, com certeza você atrai vários outros adolescentes e crianças que queiram praticar o esporte.<sup>265</sup>

Esses fatores apresentado acima, colocados como motivos que fazem a criança se interessar por algum determinado esporte são relevantes, pois a realidade curitibana não apresenta uma equipe profissional de basquetebol, assim como a mídia atualmente não dá muito espaço para a modalidade, comparando com o futebol e voleibol. Desse modo a influência da família e dos amigos são motivos mais plausíveis de serem os aspectos que a criança se interesse pelo basquetebol em Curitiba. Porém o presidente da FPrB, Amarildo Rosa, ainda considera a mídia com um fator preponderante para causar o interesse do basquetebol na criança:

com certeza, minha visão é quem nasceu nessa época está feliz da vida, pode se considerar privilegiado, porque se você olhar lá atrás, não tínhamos televisão, ou tínhamos preto e branco e poucos canais. Hoje tem TV a cabo, que o atleta, o adolescente pode assistir. Uma partida da NBA você só tinha conhecimento pelos jornais. Hoje você pode assistir. Há uma dinâmica maior. E a internet? [...] A época é agora.<sup>266</sup>

De todo modo é preciso analisar com cuidado a questão da mídia influenciando a prática do basquetebol atualmente. Obviamente, existem mais opções para se repercutir a modalidade, entretanto a divulgação ainda é segmentada, ou seja está disponível em TV a cabo, que não é acessível a uma parcela considerável da população, e na internet, está disponível para quem gosta da modalidade, mas ainda assim a mídia tem uma papel importante no incentivo a prática da modalidade. Francisco Faigle, coordenador de esportes do colégio Nossa

---

<sup>265</sup> Entrevista concedida em 16/08/2009, por Edson Lopes da Silva

<sup>266</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.



Senhora Medianeira da sua opinião sobre os motivos de desistência dos atletas dentro do processo de formação:

Com relação à desistência o que mais o aluno cancela as inscrições é com relação a sua vida acadêmica, estudo, notas, recuperação, inglês é uma vida muito grande acadêmica e que faz muitas vezes o esporte, no caso o agora o basquetebol a pagar este ônus da desistência, problemas financeiros também é uma causa, pois envolve mensalidades, vale transporte uma série de coisas, e quando a família passa por certa dificuldade o supérfluo no caso o esporte, é que paga o ônus disto tudo.<sup>267</sup>

Danilo Schier, coordenador de esporte do Colégio Dom Bosco, ainda adiciona sobre as causas de abandono a prática do basquetebol em Curitiba. “A dificuldade financeira de se estar se deslocando para o local de treino e voltando para casa. A alimentação, [...] o cara sai da escola meio dia e meia e tem que estar às duas horas treinando. São pontos que atrapalham um pouco esse pessoal”.<sup>268</sup>

O atleta necessita abrir mão de certos prazeres, como ida aos shoppings, sair com os amigos, entre outros, e ainda dividir seu tempo com as obrigações escolares para se adequar ao treinamento. Bara Filho e Garcia (2008) colocam que o abandono da prática esportiva entre jovens é freqüente devido a uma maior instabilidade física, psicológica e social. Na sua pesquisa, os autores encontraram alguns motivos que contribuíram para o abandono da prática esportiva, entre os quais: os estudos, a falta de tempo para amigos/namoro/lazer, outros interesses fora do esporte, a monotonia dos treinos, problemas com o treinador, lesões/ problemas de saúde, falta de resultados/ pouca participação e a desmotivação esportiva.<sup>269</sup>

Essa constatação dos autores sobre os motivos do abandono a prática esportiva reforça a ação do processo cego sobre as etapas de treinamento a longo prazo. Não é possível controlar totalmente o rumo que o indivíduo terá durante as etapas de treinamento, com a experiência acumulada ao longo do tempo na configuração estudada encontramos inúmeros casos de atletas promissores que abandonaram a prática da modalidade devido a dedicação aos estudos, aulas de língua estrangeira, falta de perspectiva profissional dentro da modalidade, problemas

<sup>267</sup> Entrevista concedida em 17/08/2009, por Francisco Faigle.

<sup>268</sup> Entrevista concedida em 21/09/2009, por Danilo Schier da Cruz.

<sup>269</sup> BARA FILHO, M; GARCIA, F. **Motivos do abandono no esporte competitivo**: um estudo retrospectivo. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 4, p. 293-300, Out. /Dez. 2008. Disponível em: <[http://www.usp.br/ef/rbefe/v\\_22n42008vf/pdf/6\\_RBvol22n4p293300.pdf](http://www.usp.br/ef/rbefe/v_22n42008vf/pdf/6_RBvol22n4p293300.pdf)> Acesso em 22 de set de 2009

com droga ou ainda a necessidade de iniciar no mercado de trabalho compactuando com alguns dos motivos apresentado por Bara Filho e Garcia.

Foi apresentado um quadro sobre os motivos de aderência e desistência, pois entendemos que estes atuam sobre as etapas do treinamento a longo prazo, influenciando o direcionamento do indivíduos ao longo do processo. Diante disso iremos contextualizar esse quadro com o microcosmo do basquetebol masculino de Curitiba, formatando quatro fases, que delimitamos empiricamente: a pré-iniciação, dos 8 aos 10 anos; a iniciação esportiva, dos 11 aos 13; a etapa das competições, dos 14 aos 17; e a estagnação que vai após os 17 anos. Assim a partir desse ponto daremos ênfase a cada uma dessas fases.

### 3.1 A PRÉ-INICIAÇÃO

Denominamos essa fase pré-iniciação pelo fato dela não apresentar objetivos voltados a competição e sim pelo fato, na nossa compreensão, de ter o objetivo de inserir o *habitus* da prática nessas crianças. Na cidade de Curitiba a oferta da prática do basquetebol acontece por volta dos oito anos de idade. Pela pesquisa realizada, constatamos que os clubes e escolas envolvidos no processo formativo já oferecem a prática da modalidade a partir dessa idade, quando os alunos estão geralmente na 3° ou 4° série do ensino fundamental.

Entendemos que os clubes e escolas oferecem a prática da modalidade com objetivos diferentes. Nos clubes a oferta da modalidade para crianças nessa idade, se por um lado busca atender ao associado, também já tem o objetivo da busca de jovens atletas e de futuros talentos. Francisco Faigle, Coordenador de esportes do Colégio Nossa Senhora Medianeira nos dá a seguinte opinião sobre o trabalho realizado em escolas e clubes:

Eu acho que a cabeça da escola é de uma formação integral do aluno, se ele vai sair, para futuramente tendo condições técnicas de representar o Paraná, representar Curitiba ou então um grande clube [...] como o colégio trabalha com os alunos até certo nível, após este nível não tem mais condição, a não ser que o colégio tenha um clube dentro do próprio colégio para dar seqüência a isso, assim o aluno que se destaca, ele tem que procurar sim uma estrutura melhor e mais evoluída, assim continuar dentro daquele esporte que é o melhor<sup>270</sup>.

---

<sup>270</sup> Entrevista concedida em 17/08/2009, por Francisco Faigle.

Esse ponto de vista mostra as dimensões diferentes sobre a maneira como são desenvolvidos os trabalhos em escolas e clubes. O clube tem mais condições de desenvolvimento do atleta, pois consideramos ser uma vitrine maior que a escola, devido a quantidade de horas que o clube destina para o treinamento, as competições e as estrutura física que mesmo não sendo a adequada, da maior suporte para o atleta, como por exemplo as academias de musculação.

Retomando o ponto sobre a pré-iniciação no basquetebol nas escolas, nas instituições particulares, foi constatado que o basquetebol nessa faixa etária é oferecido, em conjunto com as demais modalidades esportivas, como uma atividade extracurricular que estas proporcionam a seus alunos. A modalidade é oferecida por essas escolas de Curitiba<sup>271</sup> com o objetivo de ser um diferencial perante as demais, ou para minimamente, se equipararem entre elas, demonstrando de certa forma uma competitividade comercial entre elas. Na maior parte das escolas, horário em que o basquetebol é oferecido, é após o término das aulas do período da tarde, duas vezes por semana durante uma hora. Não temos conhecimento que escolas públicas ofereçam o basquetebol nessa fase.

Apesar dessa divergência quanto à perspectiva da oferta da modalidade entre clubes e escola, os objetivos do iniciante ao ingressar na prática do basquetebol são similares. Dos oito atletas entrevistados três começaram no basquetebol nessa fase, dois deles na escola e um deles no clube, com mais de seis anos de prática dentro da modalidade, possibilitando identificar algumas razões para os mesmos iniciar a prática nessa idade.

Diferente do clube, a escola, não oferece a iniciação à prática esportiva com o intuito de formar atletas e equipes numa perspectiva de longo prazo. Entretanto essa fase que denominamos de pré-iniciação é fundamental para criar nas crianças um *habitus* que poderá se manifestar pelo restante da infância e adolescência. Acreditamos que o surgimento do *habitus* nos atletas se dá na escola. Como visto no capítulo 1, no depoimento Fabíola Villa dos Santos onde ela atenta para o fato de que a maioria dos atletas iniciam a prática esportiva dentro da escola sendo posteriormente encaminhados ao clube<sup>272</sup>.

---

<sup>271</sup> Dentre as principais escolas que oferecem o basquetebol nessa faixa etária, e que participam de alguma competição, podemos citar os Colégios: Bom Jesus, Dom Bosco, Positivo, Marista Paranaense, Marista Santa Maria, Padre João Bagozzi, Ciesc.

<sup>272</sup> “Acho que num primeiro momento a criança procura o esporte dentro da escola, pelo menos aqui em Curitiba [...]” Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos.

Nos depoimentos a seguir foi possível levantar diferentes motivos para as crianças iniciarem no esporte, o Atleta 1 e o Atleta 3 colocam a influência do meio familiar para terem iniciado no basquetebol nessa idade conforme seus depoimentos respectivamente: “[...] eu ia acompanhar minha irmã, que jogava, então acabei gostando de jogar.”<sup>273</sup> “Meu pai era técnico de basquetebol do colégio e foi ele que me levou para jogar.”<sup>274</sup> Já o Atleta 6 mostra outro fator importante: “Quando eu comecei, eu queria ser jogador profissional, mas aqui no Brasil é muito difícil.”<sup>275</sup>

A influência da família quanto ao início da prática de algum determinado esporte é comum quanto a escolha do esporte pelas crianças, esse fato nos remete a sociogênese, termo utilizado por Elias para demonstrar que as alterações que surgem nos indivíduos são ocasionadas pelas interdependências com as instituições e outros indivíduos. No caso dos atletas analisados a relação com a irmã do Atleta 1, e do Atleta 3 com o pai, produziram alterações na personalidade dos mesmos, inculcando o *habitus* da prática do basquetebol. O depoimento de Luis Fernando Gonçalves, técnico, mostra a importância da família como fator determinante para que as crianças iniciem na prática do basquetebol:

Por parte dos pequenos é a família. A família, devido a nossa modernidade agora, e as facilidades que o garoto tem em computação, problemas de segurança em casa, com os meios de comunicação que antigamente não tinha. A facilidade dele brincar mais, hoje não tem mais, então a família busca uma alternativa. E a família sempre acha que o esporte é um meio desenvolvedor disso.<sup>276</sup>

Algumas vezes a influência dos pais age de outra forma no que diz respeito ao filho iniciar no esporte: como o horário das escolinhas nessa fase geralmente começa em horários logo após o término das aulas e os mesmos não tem condições de pegar os filhos nesse horário, eles acabam matriculando os filhos nessas atividades extracurriculares para o filho ficar ocupado durante o período, assim mesmo indiretamente eles contribuem para o início na prática do filho no basquetebol.

De fato essa influência indireta dos pais no que diz respeito a iniciação do seu filho no basquetebol é causada por um problema estrutural da sociedade, as ligações dos pais com suas responsabilidades profissionais, e problemas de ordem

<sup>273</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

<sup>274</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3

<sup>275</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6

<sup>276</sup> Entrevista concedida em 10/09/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

urbana, como a dificuldade de locomoção, causada pelo aumento do número de carros. São sucessões de fatos desencadeados no contexto da sociedade que levam a criança a iniciar no basquete, não sendo possível administrar essa situação.

A pressão exercida pela organização da sociedade permite observar como as interdependências controlam as relações entre os indivíduos e com o meio. Conforme Dunning atenta:

Nem também as sociedades modernas são estruturalmente diferentes simplesmente entre os controladores e os controlados. Pessoas que são controladas num contexto são, freqüentemente, controladoras em outro. Assim, trabalhadores de fabricas podem ser controlados por administradores, mas eles são (ou tentam ser!) controladores em relação a suas crianças.<sup>277</sup>

Dessa citação de Dunning, percebe-se o entrelaçamento de funções existentes na sociedade, que podem indiretamente influenciar na trajetória individual da criança que está iniciando na prática esportiva, favorecendo o surgimento do *habitus* indivíduos mais diferenciadas e complexas profundamente organizadas, com alto grau de interdependência, as pressões e as formas de controle. Outro fator é o sonho de se tornar atleta profissional de basquetebol, muitas vezes esse desejo vem da visualização de grandes atletas obtendo grandes feitos dentro modalidade. Assim a questão da imaginação da criança remete ao caráter mimético apresentado por Dunning, o sonho vem da imaginação de ser tornar um grande atleta e de realizar grandes lances. O sucesso que os atletas profissionais possuem e repassado pela mídia age sobre o imaginário do iniciante e contribui para despertar o interesse das crianças iniciarem no basquetebol nessa fase. Na opinião de Francisco Faigle os seguintes fatores contribuem para a criança iniciar na prática do basquetebol. “eu acho que isto seria o primeiro motivo, criar uma relação de amizade entre os companheiros, as competições, as viagens isto tudo estimula a procura do atleta ao basquetebol.”

Outro fator que embora não mencionado pelos atletas entrevistados é a questão da estatura. Essa característica morfológica é um fator que chama a atenção não só de professores e técnicos, mas também de pessoas que não são ligadas ao esporte diretamente que acabam induzindo as crianças com uma estatura

---

<sup>277</sup> DUNNING E. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas:** Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização. 1999

acima da média da idade em que se encontram, a praticar esportes onde essa característica é importante, como no caso o basquetebol.

Pelo menos nessa idade não existem competições nem escolares e nem promovidas pela FPrB, somente alguns jogos amistosos são realizados com o objetivo maior de despertar o gosto nos iniciantes do que com o resultado em si.

Nessa fase dos 8 aos 10 anos na qual estamos analisando, Almeida (2005) afirma que a criança já tem condições para a aprendizagem inicial dos esportes, contudo, ainda não está apta para o esporte coletivo de competição. De todo modo pelo entendimento de Almeida o prazer pela atividade atrai mais as crianças do que a competitividade que o esporte coletivo possui.<sup>278</sup>

Esse viés apresentado por Almeida de que nessa fase a criança se interessa mais pela aprendizagem técnica, ou pelo movimento em si, é outro fator motivante para o início da prática no basquetebol, e como visto no capítulo II relaciona-se ao prazer pelo movimento e da assimilação de novos gestos o qual relacionamos com a motilidade, termo que Dunning usou para demonstrar justamente a emoção pelo movimento ou prazer em realizar alguma atividade.

Essa fase inicial, no nosso entendimento, caracteriza-se mais pela formação do gosto pelo esporte, ou ainda, a da formação do *habitus* da prática do basquetebol nos indivíduos que estão se interessando pela prática, do que pela formação de direta de atletas para equipes, haja vista que ainda não são promovidas competições para essa faixa etária. Assim com esse quadro é possível adentrar a fase seguinte a iniciação esportiva, as quais surgirão outros aspectos importantes, entre as quais as primeiras competições, que contribuem para que a criança se insira no processo de formação.

### 3.2 INICIAÇÃO ESPORTIVA

A iniciação ao basquetebol em Curitiba começa de forma mais específica quando a criança entra no ensino fundamental II. A idade entre 11 e 13 anos é quando os alunos estão entre a 5ª e 7ª séries, e na sua maioria passam a estudar no turno da manhã, e treinando na parte da tarde. Nessa faixa etária os treinamentos acontecem entre duas e três vezes por semana, tanto em escolas como nos clubes.

---

<sup>278</sup> ALMEIDA, L. **Iniciação Esportiva na escola – a aprendizagem dos esportes coletivos**. Disponível em: < <http://www.boletimef.org/biblioteca/172/Almeida-Artigo>> Acesso em: 25 out. 2009.

As escolas nessa fase ainda tem um papel importante no que diz respeito a formação do atleta, pois como mencionado anteriormente, mesmo que ela não tenha na sua essência o objetivo da revelação de atletas e da montagem de equipes de competição, dentro dela pode surgir o *habitus* da prática do basquetebol.

Nessa fase começam as primeiras competições escolares, promovidas pela LEB<sup>279</sup> e pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL). Pela LEB a primeira categoria a ter competições é para a categoria sub-12, já pela SMEL é a sub-13. A diferença entre elas é que o campeonato da LEB tem duração anual, e o da SMEL ocorre durante um período de quinze dias, geralmente no mês de outubro ou novembro. As principais escolas que atuam nessa faixa etária são os colégios: Bom Jesus, Padre João Bagozzi, Marista Paranaense, Dom Bosco, Positivo, Santa Maria, ressaltando que são todas escolas particulares. No ano de 2009 escolas publicas federais como o Colégio Militar de Curitiba e estaduais, como Teotônio Villela, Santo Agostinho e Roberto Langer Júnior já participaram de campeonatos promovidos por essas instituições.

É nessa idade que os clubes começam a estruturar suas equipes, pois a idade inicial em que a FPrB promove a primeira categoria competitiva a sub-12. Em sua maior parte tanto as equipes da Sociedade Thalia como do Círculo Militar do Paraná têm como sua base na montagem da equipe as escolas em que seus técnicos atuam profissionalmente. Na Sociedade Thalia o Colégio Marista Paranaense, e no Círculo Militar Paraná, os Colégios Dom Bosco, Militar e Padre João Bagozzi.

Na equipe do Tittãs Basketball a escola tem papel importante na montagem da equipe, pois o seu técnico dá aulas de basquetebol, voluntariamente, em algumas escolas publicas próximas a sua sede. Os clubes com o objetivo de aumentar o número de iniciantes e de atingir uma abrangência além das escolas que seus profissionais atuam, começam a promover testes seletivos para os indivíduos dessa idade.

Como visto na fase anterior a escola não oferece o esporte na perspectiva de longo prazo, o esporte é visto como uma atividade extracurricular com o objetivo

---

<sup>279</sup> A Liga Escolar de basquetebol é uma instituição privada, que num primeiro momento surgiu para realizar competições somente entre instituições de ensino e que todos os atletas estivessem matriculados nas suas respectivas escolas. Entretanto, a partir do ano de 2007, a Liga Escolar passou a permitir que instituições não-escolares participassem de suas competições. Essa abertura pode ser devido a diminuição de escolas inscritas nos últimos anos, e também pelo fato da LEB ser uma instituição privada que visa lucro.

pedagógico de complementar a educação do aluno, como observa Francisco Faigle, Coordenador de esportes do Colégio Nossa Medianeira: “no nosso colégio a gente encara o esporte, especificamente no caso o basquetebol como uma complementação para a formação integral do aluno da instituição.”<sup>280</sup>

No nosso modo de ver essa constatação é comum na maioria das escolas que oferecem o basquetebol como atividade. Em cima disso ainda existe a questão comercial da escola passar a imagem de ser uma instituição com várias opções de atividades, assim o esporte nessas escolas além de ser um complemento para a educação dos alunos, serve como instrumento de marketing para angariar alunos.

Especificamente o colégio Dom Bosco por ter uma parceria firmada com Círculo Militar atua de forma diferenciada nesse segmento, muitas vezes utilizando-se dos testes seletivos que o clube promove para levar alguns alunos para o colégio por meio de bolsas de estudo. Mas o esporte praticado dentro da escola em si, tem similaridades com as demais escolas particulares de Curitiba.

Contudo nessa fase surgem diferenças na maneira como o basquetebol é ofertado entre clubes e escolas, mesmo com a similaridade na quantidade de horários disponíveis para o treinamento. As diferenças iniciam pelo ônus financeiro, enquanto nas escolas, os esportes, como todas as atividades extracurriculares são pagos, nos clubes os atletas torna-se sócios-atletas e não pagam para treinar. Essa diferença acaba levando a outro ponto, que é o nível do treinamento, enquanto nas escolas somente os alunos podem treinar, nos clubes os atletas muitas vezes são escolhidos em testes seletivos, ou simplesmente procuram esses locais por terem alguma qualidade específica que se adéqua ao basquetebol.

Dos oito atletas que colhemos depoimentos, cinco iniciaram sua vivência no basquetebol nessa fase. Um fato interessante quanto ao local da iniciação desses atletas foi que dois deles tiveram seu primeiro contato com o basquetebol na Praça Oswaldo Cruz<sup>281</sup> participando de aulas que o local oferece. Esse fato demonstra a importância de projetos de política pública para a formação de atletas. Quanto aos outros três atletas, dois iniciaram em clube e o outro numa escola.

Entre os interesses no início da prática por eles aparece no depoimento do Atleta 2 a diversão: “Meu objetivo era brincar. Depois, com o tempo fui pegando

---

<sup>280</sup> Entrevista concedida em 17/08/2009, por Francisco Faigle

<sup>281</sup> A Praça Oswaldo Cruz oferece algumas atividades esportivas para os habitantes, é um local aberto ao público praticar atividade física e esportes, sendo administrada pela SMEL.



amor pelo esporte e comecei a lutar por um objetivo”.<sup>282</sup> Atleta 4 “Quando eu comecei estava meio perdido, não sabia o que eu queria direito, mas depois do primeiro ano já fui tendo algumas ambições, como ganhar o campeonato estadual e alguns torneios internos ali no clube mesmo.”<sup>283</sup> Atleta 5 “No começo era só para divertir, só para não ficar parado. Agora virou tipo uma profissão mesmo.”<sup>284</sup> Atleta 6 “Quando eu comecei não pensava mesmo em ser algum jogador, ser alguém importante no basquete um dia. Jogava mais por jogar mesmo, só por diversão.”<sup>285</sup> Atleta 7: “Quando eu comecei era só uma brincadeira, era só uma curtição.”<sup>286</sup>

Alguns pontos em conflitantes podem ser percebidos nesses depoimentos. Primeiramente termos como “brincar”, “diversão”, e “curtição”. Em contraponto no depoimento dos mesmos atletas o basquetebol passa a ter outro significado para os mesmos como “lutar por um objetivo”, “ambição de vencer”, “profissão”. É interessante perceber que o pensamento dos atletas vai mudando durante o decorrer do processo de formação. Não é possível identificar o momento específico dessa mudança de mentalidade, muito provavelmente isso começa na fase seguinte a que vamos analisar.

Assim daremos mais importância nessa fase aos termos como “brincar”, “diversão”, e “curtição”. Esses termos têm uma conotação de prazer para os atletas, e que se levados ao contexto da teoria configuracional, vão de encontro a colocação de Dunning em relação ao esporte, na qual o autor afirma que o esporte deve ser uma atividade espontânea que envolva uma procura pelo bem estar e aumento da excitação emocional por meio motilidade, sociabilidade e capacidade de imaginação. Nesse caso os treinamentos com seus componentes técnicos, físicos e táticos aliados a capacidade da formação de amizades fazem a relação dos termos utilizados pelos atletas, “brincar”, “diversão”, e “curtição” com os aspectos mencionados por Dunning.

Como mencionado anteriormente nessa fase surgem as primeiras competições para os indivíduos que estão inseridos nessa fase. Muito se fala sobre as competições nessa idade serem prejudiciais as crianças, entretanto se ela for

---

<sup>282</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 2

<sup>283</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 4

<sup>284</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5.

<sup>285</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6

<sup>286</sup> Entrevista concedida em 24/08/2009, por atleta 7

tratada de forma adequada pode servir como um instrumento formativo importante. Sobre isso Beneli e Montagner (2005) colocam que:

A competição se utilizada de forma competente, pode ser um excelente meio de educação e formação social, pois nela estão presentes diversas situações/problemas que contrastam com a vida cotidiana. O esporte competitivo necessita de um tratamento pedagógico que permita educar a criança e o adolescente através da prática da modalidade.<sup>287</sup>

Assim podemos entender que as competições quando utilizada como um meio e não um fim auxiliam na formação da criança. Fazendo um exercício de aproximação entre as competições e a teoria figuracionista, podemos relacionar que as competições, se vistas com o olhar do caráter mimético apontado por Elias e Dunning, podem representar algumas características da vida cotidiana como a felicidade, a alegria, sensação de dever cumprido, respeito ao adversário, aprender a lidar com as frustrações, e a obedecer regras.

Os atletas consideram as competições importantes, haja vista em seus depoimentos, comentários acerca do tema. Como exemplo o Atleta 5, que em seu comentário, reforça a importância das competições. Para ele “A federação [FPrB], poderia ter mais jogos, porque isso melhoraria muito os atletas e os clubes.”<sup>288</sup> Em Curitiba todas as competições realizadas nessa idade, escolares ou federativas, obrigam todos os jogadores a jogarem pelo menos um quarto do jogo, o que pode permitir desenvolver as qualidades miméticas, assim como dar mais oportunidades para crianças evoluírem nos aspectos técnicos, físicos e coletivos do jogo. Essa constatação reforça a relação que observamos entre as competições e os conceitos miméticos de Elias e Dunning anteriormente.

Os dados encontrados nos dão a entender que essa fase tem importância pelo aparecimento das primeiras competições, o que a diferencia da fase anterior. Ao mesmo tempo demonstra que por influência do meio social, as crianças criavam gosto pelo basquetebol, o que contribuía pelo *habitus* da prática, já nessa fase entendemos que essas primeiras competições são outro meio que contribuem para a formação do *habitus* da prática do basquetebol. Mas diferentemente do que observaremos na fase seguinte, ainda se percebe que os indivíduos inseridos no

---

<sup>287</sup>BENELI, L; MONTAGNER, P . **Intervenções pedagógicas no processo de evasão do basquetebol: possibilidades e consequências.** Lecturas Educación Física y Deportes, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd86/evasao.htm>> Acesso em 27 set de 2009

<sup>288</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5.

processo, apesar de darem importância aos treinamentos, ainda o encaravam como algo divertido e “sem responsabilidade”. A partir desse ponto encaminharemos para a próxima fase, a qual denominamos de Etapas das Competições.

### 3.3. ETAPA DAS COMPETIÇÕES

Delimitamos essa faixa entre os 14 e 17 anos por ser a fase em que o basquetebol de Curitiba possui a maior parte das competições e que ocorre o maior desenvolvimento técnico e físico dos atletas. Importante ressaltar que existem competições tanto na etapa anterior, como posterior a essa, todavia como já salientamos, essa é a etapa de maior fomento no que diz respeito as competições, por isso a designamos com esse nome. Também é uma fase de transição, pois o clube passa a ocupar um papel mais relevante no que diz respeito a formação de atletas.

Essa transição ocorre por alguns fatores, o primeiro diz respeito a quantidade de sessões de treino que os clubes e escolas oferecem. Enquanto nas escolas a carga semanal permanece a mesma a fase anterior (11 a 13 anos), os clubes já passam treinar entre quatro a cinco dias na semana, por duas horas. Outro fator que favorece os clubes diz respeito a divisão das faixas etárias, nos clubes é comum ter horários específicos para no máximo duas categorias etárias treinarem, já nas escolas os horários são os mesmo para alunos entre a 7ª série do ensino fundamental e 3ª ano do ensino médio, dificultando o desenvolvimento tanto dos atletas mais novos como dos mais velhos. Também os atletas com maior destaque nas fases iniciais são atraídos pelos clubes, devido ao nível dos treinamentos e das competições serem mais elevados, e pela chance de serem observados e convocados para as seleções estaduais da FPrB.

Mesmo com o foco mais voltado para as competições promovidas pela FPrB, ainda existem competições escolares, da LEB, SMEL e nessa fase a Paraná Esportes desenvolve em duas faixas etárias, a sub-14 e sub-17, os Jocops, classificatória para as Olimpíadas Escolares Brasileiras. Os Jocops seriam um atrativo para um maior investimento das escolas no que diz respeito à formação de equipes competitivas. Entretanto observamos na etapa classificatória de Curitiba um maior equilíbrio na categoria sub-14, que ainda é uma idade em que se inicia a transição da escola para o clube. Na categoria sub-17 praticamente não existe

competitividade, já que o Colégio Dom Bosco por ter a parceria com o clube leva vantagem sobre as demais escolas.

Outra competição importante é os JOJUPS<sup>289</sup> que até o ano de 2008 era disputada na categoria sub-17, e que a partir de 2009 mudou para a categoria sub-18. O JOJUPS também tem uma conotação escolar, já que os atletas devem ter vínculo com alguma escola da cidade para estar apto a participar do torneio, mas em Curitiba mesmo com o vínculo escolar, a equipe masculina é composta na sua totalidade por atletas que estão federados em alguns dos clubes da cidade. Assim entendemos que nessa etapa em Curitiba já ocorre uma predominância dos clubes em relação as escolas, já que estes dão maiores condições para o desenvolvimento do atleta, e é reforçada pelos argumentos anteriores.

No âmbito dos clubes além da disputa dos jogos pela FPrB, as equipes têm a disponibilidade de participar competições em outros estados e países e , como o Círculo Militar do Paraná, que disputa competições na Argentina. E ainda promover competições como o Torneio Sul-americano, do Círculo Militar do Paraná, ou competições de menor porte com equipes da região. Assim existe mais atrativos para os atletas se inserirem nos clubes. Não constatamos escolas realizando fazendo esse mesmo tipo de intercambio que os clubes.

Como essa fase se caracteriza pelo grande número de competições cada idade possui uma especificidade. A categoria sub-14, que corresponde a 8ª série do ensino fundamental, talvez seja a última categoria que receba grande atenção por parte das escolas devido ao Jocops, e por ainda não existir uma grande diferença no que se refere a quantidade de sessões de treinos entre escolas e clubes permitindo uma maior equilíbrio entre as equipes. Outro fator que contribui para isso, é o fato dos alunos ainda na estarem numa série que ainda não exige tanto em termos de carga horária por parte dos alunos, diferente da categoria sub-17 quando disputa o Jocops, já que é comum nas escolas particulares de Curitiba, aulas aos sábados e em algumas tardes durante a semana, visando uma preparação para o vestibular. Essa categoria ainda disputa as competições promovida pela FPrB, representando um salto no número jogos que os atletas disputam em comparação com a categoria sub-13, já demonstrando uma conotação diferente em relação a fase anterior.

---

<sup>289</sup> Jogos promovidos pelo governo estadual, em que as seleções das cidades jogam entre elas, numa espécie de olimpíadas. Disponível em: <<http://www.jogosedajuventude.pr.gov.br/jojups/>>. Acesso em 23 de março de 2009.

As competições a partir desse ponto passam a ter maior importância para atletas, técnicos, dirigentes e para as instituições. No depoimento do Atleta 1 foi possível evidenciar a importância que é dada as competições: “Depois de treinar bastante, bastante, você quer ver o resultado. Então, acho que num campeonato é a melhor forma de você mostrar isso. E também que é legal e bacana você jogar com a equipe. Fortalece seu lado espiritual caso você ganhe alguns outros títulos, fortalece e dá mais vontade de você jogar”.<sup>290</sup>

A motivação vem sob a forma de se comparar com os outros, além da chance de reconhecimento, com a chance de conquistar títulos. Dunning (1992) escreve sobre o significado que a competição possui no esporte moderno afirmando que: “A tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para resultados, observada em todos os níveis de participação, mas principalmente, no desporto de alto nível.”<sup>291</sup> Mesmo na realidade observada, o qual no basquetebol curitibano não existem equipes de alto nível, a imagem que é passada por equipes de rendimento, muitas vezes são adaptadas nas equipes de base, principalmente no que diz respeito as competições.

Os próprios atletas percebem esse ponto: “Os treinos são mais pesados, não é brincadeira. Todo mundo leva a sério. A gente treina agora por um objetivo, que é ganhar o campeonato, chegar longe, se destacar. Treina para ser um time de boa qualidade, de uma boa técnica. Antigamente eu treinava mais só por passatempo”<sup>292</sup>.

Essa tendência iniciada a partir da categoria sub-14, permanece na próxima categoria, a sub-15, e aqui já dá mostras que a partir dessa categoria os clubes prevalecem sobre as escolas em todos os sentidos. Desde o tempo dedicado a treinar as equipes, de 4 a 5 sessões de treinamento durante a semana, até a quantidade de competições promovidas para essa idade. No âmbito escolar existe somente os jogos da PMC, promovido pela SMEL, e que tem a duração de quinze dias. Enquanto que no âmbito federativo, a competição é disputada em seis meses, sendo que as duas melhores classificadas disputam a fase final do campeonato estadual. A categoria sub-15 ainda possui outro agente motivante para os atletas

---

<sup>290</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

<sup>291</sup> ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.299

<sup>292</sup> Entrevista concedida em 19/08/2009, por atleta 2.

continuarem sua prática, que é a chance de ser convocado para seleção paranaense que disputa o Campeonato Brasileiro de seleções.

Entre 2008 e 2009 houve uma modificação nas categorias promovida pela FPrB, sendo extinta a categoria sub-16. Essa mudança foi para se adequar as categorias em que a CBB tem competições nacionais entre as seleções estaduais, no caso sub-15 e sub-17. Entretanto cabe mencionar novamente o desequilíbrio entre clubes e escolas nessa faixa etária. Comparando a quantidade de equipes com atletas nascidos no ano de 1992, que em 2008 eram da categoria sub-16, passando para a sub-17 em 2009, todos os colégios que participaram dessa categoria da FPrB em 2008, não se inscreveram no ano de 2009, demonstrando a centralização do basquetebol nessa faixa etária pelos três principais equipes: Círculo Militar do Paraná, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball. Esse fato também influencia na diminuição do número de atletas participando desse processo, já que a consequência da diminuição do número de equipes, acarreta em menos espaços para se praticar o basquetebol. A técnica da equipe do Círculo Militar do Paraná, Fabíola dos Santos, atenta para esse fato, e ainda levanta outros aspectos que fazem atletas pararem de treinar nessa idade:

Eu acho que ele desiste quando se aproxima do fim da puberdade, quando ele tem várias opções a fazer. Muitos desistem porque querem estudar um pouco mais e passar numa universidade pública. Outros desistem porque encontram outros interesses. Eu acredito que isso aconteça entre os 15 e 16 anos, é o momento em que a gente mais perde atleta aqui. Eles começam a namorar, a ter uma vida social mais intensa, inclusive uma vida social noturna mais intensa. Outro motivo também que faz muitos deles desistirem é que, pelo menos aqui no clube, entre os 15 e os 16 a carga horária de treino aumenta, quase 200%, mais que 200%. Ou seja, ele tem que ficar mais tempo dentro do clube treinando e menos tempo fazendo as outras coisas que ele fazia. E é esse o momento que também tem bastante desistência. Mas eu vinculo isso como a pirâmide esportiva. A base começa com muitos e o topo é a grande minoria, dos privilegiados, dos que são talentosos, dos que realmente nasceram para ser atletas e que tem qualidades mentais para isso.<sup>293</sup>

A última categoria dessa etapa, a sub-17, muitas vezes é considerada pelos técnicos e atletas como a mais importante, pois geralmente eles não dão continuidade no basquetebol competitivo adiante. Os atletas nessa idade além das competições da FPrB, disputam como mencionamos anteriormente o Jocops<sup>294</sup>, e o

<sup>293</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

<sup>294</sup> Nesse caso, somente os atletas que estudam em escolas que participam de jogos competem nos Jocops. Em Curitiba somente o Colégio Dom Bosco, que mantém uma parceria com Círculo Militar do Paraná, tem uma equipe específica para a disputa desse campeonato. Os atletas das equipes da Sociedade Thalia e do Tittãs Basketball, ou não participam, ou jogam nas suas respectivas escolas, mas muitas vezes, somente com o objetivo da participação.

JOJUPS<sup>295</sup>, e ainda a seleção Paranaense sub-17 da FPrB, assim desse modo é uma categoria bastante movimentada, mas que já decide as atenções dos atletas com os estudos. Somente Círculo Militar do Paraná, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball participam dessa categoria nas competições da FPrB, as demais equipes no ano de 2009 são da região metropolitana de Curitiba e de Ponta Grossa.

Assim como ficou constatado existe a diminuição das equipes e de praticantes nessa categoria, mas como ficou evidenciado no depoimento de Fabíola dos Santos, nem sempre pela ausência de equipes e de espaços para prática competitiva. Além dos argumentos já citados que fazem com que alguns atletas desistam de treinar, como aumento na carga horária de treinamento, e a exigência por resultados, outros motivos são citados: sair com amigos, namorar, freqüentar shoppings e casas noturnas, o que nos remete a dependência que o indivíduo tem com o ambiente social e com os demais indivíduos que não fazem parte da configuração do basquetebol.

Outra componente que interfere na continuidade são os estudos, essa idade corresponde ao último ano do ensino médio e como consequência o início dos vestibulares e a entrada na vida acadêmica. Esse componente é citado pelo Atleta 2: “Esse ano, é ano de vestibular, tempo corrido, e temos que enfiar a cara no caderno” [sic] <sup>296</sup> Assim existe a dificuldade em se basear nas etapas de treinamento a longo prazo propostas pela pedagogia do treinamento desportivo, pois planificação este sujeita a uma série de interferências de fora do treinamento, como citada anteriormente, que algumas vezes impedem a continuidade dos indivíduos no processo. Diante disso as interdependências existentes fora do âmbito do basquetebol nos remetem ao processo cego, existindo um conflito entre o que se é preconizado e o que muitas vezes acontece, conforme Dunning explica: “[o processo cego] não constitui o resultado de ações intencionais de qualquer indivíduo único ou grupo, mas antes, o resultado inesperado do entrelaçar de ações intencionais dos membros de vários grupos interdependentes, ao longo de várias gerações.” <sup>297</sup>

---

<sup>295</sup> Mesmo com a mudança na faixa etária (da sub-17 para sub-18) ocorrida no ano de 2009, os atletas dessa categoria estão participando regularmente dessa competição no ano corrente, haja vista que a seleção de Curitiba para a disputa dessa competição em 2009, foi composta exclusiva por atletas sub-17. E ainda, os que não foram chamados para jogar por Curitiba, são convidados por outras cidades, já que o regulamento prevê dois atletas convidados que não são matriculados na cidade em que os mesmos residem..

<sup>296</sup> Entrevista concedida em 19/08/2009, por atleta 2.

<sup>297</sup> ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.301

Contudo cabe entender os motivos que fazem com que mesmo com esses pontos que levam a desistência de alguns atletas, façam com que outros permaneçam ainda dentro do processo. Observamos na etapa anterior (Iniciação esportiva, dos 11 aos 13 anos) alguns termos como “brincar”, “diversão”, e “curtição”, entretanto no depoimentos dos atletas que começaram a prática naquela fase, já encontramos diferenças entre o que os motivos que fizeram eles iniciarem no basquetebol, como os motivos atuais. Termos como “lutar por um objetivo”, “ambição de vencer”, e “profissão” permearam os depoimentos daqueles atletas.

Através desses termos encontrados poderemos determinar alguns motivos da permanência desses atletas dentro do processo. Cabe ressaltar que todos atletas entrevistados estavam inseridos nessa faixa etária (sub-17) quando foram colhidos os depoimentos sendo possível observar alguns pontos relativos quanto aos seus objetivos no basquetebol.

Do depoimento dos atletas sobre seus objetivos, poderemos encontrar indícios sobre as motivações que fazem com que eles permaneçam inseridos no processo:

- Atleta 1: “[...] Caso apareça uma oportunidade, seria legal, para jogar, [Curitiba] mas por enquanto é mais um hobby mesmo. Uma oportunidade de jogar mais sério.<sup>298</sup>
- Atleta 2: O motivo principal é que eu quero mostrar para todo mundo que eu sou capaz de alguma coisa. E quero contar mais para frente que eu cheguei longe no basquete. Posso até não ser profissional, mas cheguei bem perto, assim, de ser um.<sup>299</sup>
- Atleta 3: Eu continuo treinando porque eu quero sempre melhorar e porque eu quero tentar uma bolsa numa universidade [nos Estados Unidos] para jogar basquete.<sup>300</sup>
- Atleta 4: Meu objetivo principal agora é continuar no time, terminar esse ano aí bem, ganhar próximos campeonatos e continuar mantendo a bolsa para poder continuar a estudar no ano que vem.<sup>301</sup>
- Atleta 5: Meu objetivo atual é ganhar o campeonato brasileiro pelo Estado do Paraná. Desde o início, sempre eu mudo os objetivos. [...] Agora virou tipo

---

<sup>298</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

<sup>299</sup> Entrevista concedida em 19/08/2009, por atleta 2.

<sup>300</sup> Entrevista concedida em 20/08/2009, por atleta 3.

<sup>301</sup> Entrevista concedida em 21/08/2009, por atleta 4.



uma profissão mesmo [o esporte] de ser só um lazer para ser uma responsabilidade agora.<sup>302</sup>

- Atleta 6: “Então eu jogo mais porque eu gosto e pela saúde.”<sup>303</sup>
- Atleta 7: “O meu objetivo é jogar num time do Brasil ou no exterior. Eu percebi isso quando não tinha mais sentido pra eu vir treinar sem objetivo. Só brincar não valia a pena.”<sup>304</sup>
- Atleta 8: “eu percebi que posso conseguir alguma coisa mais com o basquete. E com isso eu comecei a treinar mais forte, a querer melhorar cada vez mais mesmo, para quem sabe um dia conseguir ser um jogador profissional.”<sup>305</sup>

Observamos que o sonho de se tornar atleta profissional é uma dos objetivos presente nos depoimentos. Pois vejamos, os Atletas “2, 5, 7 e 8” mencionaram direta, ou indiretamente a vontade de seguir carreira. Este é um sonho presente nos indivíduos que iniciam em qualquer esporte, mas como já mencionado no depoimento de Fabíola dos Santos, durante o percurso do processo de formação muitos ficam pelo caminho, permanecendo somente os que possuem qualidades técnicas, físicas, e psicológicas para isso.

Gebara quando analisa o pensamento de Elias coloca que, “o homem [...] vive em cadeias de interdependência, isto é, aproximando-se de outros homens e articulando-se com os mesmos de maneira diversificada”<sup>306</sup>. Assim, durante o processo de formação, as relações que os atletas possuem com membros de fora do grupo do basquetebol, seja com os amigos, a família, a mídia, entre outros agentes, podem interferir no sonho de se tornar atleta profissional. Desse modo, além de possuir as qualidades técnicas, físicas, e psicológicas para se tornarem atletas profissionais, as ações não intencionais entre o processo formativo e o processo cego, são fatores que atuam na psicogênese do indivíduos e alterando a estrutura dos objetivos que os mesmo possuem.

Os atletas em formação esportiva são indivíduos como qualquer outros, empenhados na realização de seus objetivos, mas conforme Damo (2005) adiciona:

---

<sup>302</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5.

<sup>303</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6.

<sup>304</sup> Entrevista concedida em 24/08/2009, por atleta 7.

<sup>305</sup> Entrevista concedida em 25/08/2009, por atleta 8

<sup>306</sup> GEBARA, A. **Anotações para a teoria do processo civilizador**: proposições para a história da educação. Revista Comunicações, Piracicaba, a. 6, n. 2, nov.1999.

“A formação é um período de incertezas ou de convicções passageiras, em que o “sonho” por vezes parece ao alcance, por vezes inatingível.”<sup>307</sup> Provavelmente a maioria deles tem consciência da dificuldade em se tornar atleta profissional de basquetebol, mas esse “sonho” é ainda o que faz com que eles permaneçam na prática do basquetebol. Receber um convite para jogar em um centro fora de Curitiba é um desejo para esses atletas, mesmo que não seja, para se tornar profissional, como visto no depoimento do Atleta 1.

Essa constatação é reforçada pelo depoimento do Atleta 6, indo na direção que as poucas chances desse sonho ser atingido, acaba sendo um fator de desistência dentro do basquetebol curitibano: “Eu acho que pela falta de interesse aqui no Paraná mesmo vai perdendo a vontade porque se vê várias pessoas que são boas e não conseguem [se tornar profissional] e você também vai perdendo a motivação.”<sup>308</sup>

Outro objetivo, que fica próximo ao de se tornar atleta profissional, é o de conseguir bolsa de estudo por meio do esporte. Foi constatado esse motivo em dois depoimentos, dos atletas “3” e “4”. O depoimento do Atleta 3 se aproxima de maneira mais direta com o objetivo de se tornar atleta profissional, já que o mesmo tem o objetivo de jogar na Liga Universitária Americana (NCAA). Dessa liga já surgiram vários atletas para NBA e outras ligas européias. Muitos atletas entram nessa liga com o objetivo de serem atletas profissionais. Não é possível afirmar que o atleta tem o objetivo único de ir para a NCAA como um meio para se tornar atleta ou a de usar o basquetebol como meio para estudar. Embora, para o Atleta 3, seja uma possibilidade de utilizar o basquetebol como meio para os estudos, para o Atleta 4, essa constatação fica evidente, no momento da entrevista, a sua preocupação era continuar tendo um desempenho bom nos treinos e jogos para manter a bolsa de estudos que ele recebe da instituição.

Outros atletas apresentam objetivos diferentes para permanecerem em treinando, a ambição por vitórias é uma delas, como visto no depoimento do Atleta 5. Segundo o mesmo, conquistar títulos, e colocar objetivos maiores devem estar presentes na personalidade desse atleta, fazendo com que o mesmo se motive em continuar treinando cada vez mais, para ir busca desses objetivos, haja vista que ele

---

<sup>307</sup> DAMO, A. **Do dom a Profissão. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** Porto Alegre, 2005.

<sup>308</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6.

encara o esporte como uma profissão. Já o Atleta 6 apresenta uma perspectiva diferente dos demais, na qual ele considera que o basquetebol é uma atividade física que auxilia a manter sua saúde.”<sup>309</sup> De todo modo esses motivos são importantes para entendermos os motivos de permanência dentro do processo, porém, ao que parece após essa categoria é uma espécie de encerramento para os mesmos. Muitos começam a dar prioridades para estudos e trabalhos, os que continuam treinando abaixam as cargas de treinamentos, assim como de jogos.

Talvez a mudança de categoria do JOJUPS, de sub-17 para sub-18, possa influenciar na permanência desses atletas por mais um período de tempo aderindo aos treinos. Já que nos parece, que esses atletas que continuaram treinando nessa categoria sub-17, devido a inúmeros atrativos como as seleções estaduais, municipais e competições federativas e escolares dos clubes e escolas, procuram atingir o máximo de suas carreiras nessa categoria.

Essa constatação é conflituosa com a planificação do treinamento de longo de prazo, pois os estudos sobre o tema pela ciência do treinamento desportivo, colocam que as zonas etárias de grandes êxitos como atletas<sup>310</sup> (quando se atinge resultados de expressão nacional e internacional) seria entre os 22 e 26 anos. Diferente dos atletas de Curitiba que procuram atingir esses êxitos aos 17 anos seja por opção deles, do meio em que treinam ou dos seus técnicos ou dirigente; e ainda devido a fatores exteriores, como o trabalho, estudos, e a falta do esporte universitário atraente.

Com essa constatação podemos adentrar a última fase que identificamos dentro do processo formativo de atletas de basquetebol em Curitiba, o qual nos remete a uma estagnação no processo tanto por parte das estruturas institucionais, como também das instituições formadoras, assim como de atletas, técnicos e dirigentes.

### 3.4 A ESTAGNAÇÃO

Após a categoria a sub-17 os atletas de basquetebol em Curitiba possuem poucas opções para continuarem na pratica do basquetebol. A maioria desses

---

<sup>309</sup> Entrevista concedida em 23/08/2009, por atleta 6.

<sup>310</sup> ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Editora Grupo Palestra, Rio de Janeiro, 1992.

atletas já adentrou na universidade. O basquetebol assim resume-se aos clubes e ao basquetebol universitário, este último que se encontra de forma incipiente.

O basquetebol universitário resume-se a algumas ações que as faculdades e universidades realizam para participar dos Jogos Universitários e suas fases municipal, estadual e nacional. Não existe nenhuma universidade com equipes treinando durante o ano todo, os treinamentos são realizados em épocas próximas aos jogos, e parece existir pouco interesse da parte delas em promover ações que incentivem a prática esportiva para esse objetivo.

Entretanto existe a exceção da Faculdade Dom Bosco, que é ligado ao colégio Dom Bosco, e por conseqüência ao clube Círculo Militar do Paraná, atualmente devido a essa parceria com o clube, a Faculdade Dom Bosco começa a dar importância aos Jogos Universitários, pois já são dadas bolsas de estudo para os atletas seguirem na prática esportiva enquanto estão na vida acadêmica.

As competições de base promovidas pela FPrB nessa idade se resumem atualmente a categoria sub-19, entretanto é a categoria com menos equipes de Curitiba inscritas, somente Círculo Militar do Paraná e Tittãs Basketball participam dessa competição. Como já vimos conforme as categorias vão chegando as faixas etárias mais velhas, a quantidade de equipes e de atletas vai diminuindo. Algumas causas podem ser levantadas. O técnico Luis Fernando Gonçalves mostra alguns fatores em relação aos atletas dessa categoria: “Com relação aos maiores, ele desiste por outros problemas. Ou tem que trabalhar, ou a família está deixando ele pouco à vontade para poder estudar e ele precisa ganhar a vida.”<sup>311</sup>

Essa constatação nos remete a falta de perspectiva que os atletas de base em Curitiba tem em relação a continuidade como atleta. Sem essa perspectiva de se tornar atleta, a opção existente é seguir nos estudos ou se inserir no mercado de trabalho. Outra opção é tentar ingressar numa equipe de outro estado, onde as opções de continuidade são maiores.

Dos oito atletas entrevistados, seis deles mencionaram que gostariam de se tornarem atletas profissionais, entretanto em alguns deles existe certo temor em abandonar família, amigos e a escola em troca do sonho de se tornar atleta profissional. Outro fato constatado de forma unânime, mostra que todos os atletas entrevistados concordam que para se tornar profissional eles devem sair de Curitiba,

---

<sup>311</sup> Entrevista concedida em 10/09/2009, por Luis Fernando Gonçalves.

primeiro pelo fato de não existir equipe profissional na cidade, e depois por considerarem o nível técnico e físico, assim como das competições realizadas em outros centros, mais desenvolvidos que em Curitiba.

A falta de uma equipe adulta de rendimento é considerada pelos atletas e pela comunidade em geral do basquetebol em Curitiba como um dos pilares dessa falta de continuidade. O Atleta 2 atesta isso: “É que em Curitiba não existe time profissional. O único lugar que tem time profissional é Londrina. E mesmo assim não é aquelas coisas. O negócio é mais para São Paulo e Rio de Janeiro”<sup>312</sup>. Em depoimento transcrito no capítulo I o presidente da FPrB, Amarildo Rosa também menciona esse fato como um dos problemas a falta de continuidade dos atletas no basquetebol em Curitiba<sup>313</sup>. Esse fato é rechaçado no depoimento de Fabíola dos Santos, quando perguntada se a falta de uma equipe adulta seria responsável pela desistência dos atletas:

Não acredito nisso. Não é que eu não veja benefícios. Eu acredito que se tiver uma equipe adulta, muito bem, muito legal. Mas eu não acho porque, desiste um grande número entre os 15 e 16 anos, mas, eu digo isso por experiência própria, se esses meninos continuarem jogando aos 15, 16, 17, 18 anos, bastante, eles não largam. Eles só largam a partir do momento em que eles percebem que treinar não vale mais a pena porque eles não jogam mais. E isso tem acontecido entre 17 e 18 anos aqui dentro do clube, quando eles saem de um ritmo de treinamento muito forte e vão para um treinamento muito light. Quando eles, ao invés de jogar sessenta jogos por anos, passam a jogar trinta, vinte. E a maioria desses jogos num nível muito fraco. Ou quando eles começam a ficar mais velhos e não tem equipe pra eles jogarem. Então eles jogam quatro vezes por ano. Eles desistem porque é aquele o momento em que o basquete está definitivamente acabando. Se nós tivéssemos a possibilidade de ir até os 18 anos, conseguir que eles jogassem o mesmo número e treinassem a mesma quantidade, talvez a gente conseguisse ficar mais tempo com eles e direcioná-los para uma equipe adulta, ou talvez até formar uma equipe adulta dentro do clube, mas a gente não consegue formar porque não tem continuidade.<sup>314</sup>

Como já observamos anteriormente, Curitiba faz parte de uma regularidade encontrada no basquetebol brasileiro, na qual poucas cidades possuem equipes de rendimento na categoria adulta. Desse modo podemos concordar com o depoimento de Fabíola dos Santos, pois como vimos na fase a qual denominamos de Etapa das Competições, a quantidade de jogos e competições diminui ao adentrar na categoria sub-19 da FPrB.

Uma competição que pode contribuir na permanência desses atletas em processo de treinamento, é o Campeonato Metropolitano Adulto Masculino. Essa

---

<sup>312</sup> Entrevista concedida em 19/08/2009, por atleta 2.

<sup>313</sup> Ver nota de rodapé 35.

<sup>314</sup> Entrevista concedida em 16/02/2009, por Fabíola Villa dos Santos

competição promovida pela FPrB é aberta a entidades que não são filiadas a FPrB. Participam dessa competição desde os clubes tradicionais, como Círculo Militar do Paraná, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball, universidades, empresas e equipes formadas por simpatizantes da modalidade.

No ano de 2008 tivemos 12 equipes inscritas, em 2009 esse número aumentou para 15. Apesar do nível técnico não ser dos mais elevados, e de existir uma supremacia dos clubes, esse campeonato já permite que o contato com a prática do basquetebol permaneça entre os indivíduos, mesmo de forma descompromissada para a maior parte das equipes. Mas já é possível observar que Círculo Militar do Paraná, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball já estão utilizando em suas equipes que participam dessa competição, vários atletas que estão saindo das categorias sub-17 e sub-19.

De todo modo, mesmo com o Campeonato metropolitano Adulto da FPrB, e tentativa de retomada do JUPS e JUBS, e com a mudança de idade no JOJUPS não podemos afirmar que vai desencadear uma continuidade mais efetiva no interior do processo por parte dos atletas e instituições. Como vimos, mesmo com o interesse de sair de Curitiba para dar prosseguimento a carreira dentro do basquetebol, os atletas demonstram insegurança em fazer essa migração para outros centros do basquetebol.

Até por que, a realidade brasileira do basquetebol, não é das mais estáveis. Constantemente equipes se formam e acabam após um determinado período.<sup>315</sup> Os próprios atletas tem consciência desse fato. O Atleta 1 diz em seu depoimento: “eu tenho muita vontade de jogar às vezes, mas às vezes tenho medo de sair de casa e deixar a família, deixar tudo, arriscar”<sup>316</sup>. Já o Atleta 5 menciona em seu depoimento: “Sim, depende da cidade, depende do local, porque tem gente que sai de Curitiba, sai do clube que joga e vai para um outro clube que não faz muita diferença. Se, por exemplo, você for para São Paulo, lá tem muito mais estrutura, muito mais jogos.”<sup>317</sup> Entretanto mesmo em São Paulo como Beneli<sup>318</sup> constatou em

---

<sup>315</sup> O último caso de uma equipe de ponta do basquetebol brasileiro a encerrar as atividades, foi a equipe de Limeira, campeã Paulista de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u589297.shtml>> Acesso em 30 set 2009

<sup>316</sup> Entrevista concedida em 18/08/2009, por atleta 1.

<sup>317</sup> Entrevista concedida em 22/08/2009, por atleta 5.

<sup>318</sup> BENELI, L. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. UNICAMP,2007.

sua pesquisa, existe a diminuição de equipes de rendimento, que poderiam ser o local em que os atletas de Curitiba almejam chegar.

Todos os atletas entrevistados afirmam que a formação esportiva que recebem nos seus respectivos clubes dão suporte para eles se tornarem atletas profissionais, mas, simultaneamente, concordam que a falta de estrutura dos clubes e da FPrB e de competições de nível mais elevado a partir desse ponto dificultam a continuidade deles dentro do processo. Mas em contraponto com os mesmos, os técnicos e dirigentes observam que há mais dificuldades atualmente em realizar esse trabalho do que havia em relação a gerações anteriores.

Alguns depoimentos demonstram isso. Anderson Ikenaga técnico da Sociedade Thalia diz: “antigamente os atletas se dedicavam mais ao esporte, se doavam mais a ele, nos dias atuais as crianças se preocupam mais com a tecnologia e aulas de língua estrangeira que com o esporte e a qualidade de vida.”<sup>319</sup> Roberto de Souza técnico do Tittãs Basketball observa:

Os meninos têm que fazer curso de inglês, curso de informática, curso de uma terceira língua. Eles têm que fazer reforço escolar e a escola hoje exige muito mais dos meninos. Tá quase impossível. Até o perfil do jovem na sociedade hoje está diferente. Você não consegue que eles se doem como antigamente, então eu acho que isso é um problema.<sup>320</sup>

Francisco Faigle, coordenador do Colégio Nossa Senhora Medianeira, tem a mesma visão:

Antigamente era mais fácil, o aluno era mais focado no esporte. Hoje existe uma gama de coisas que compete não só com o basquete mais com os outros esportes, é cinema, shopping, internet, jogos eletrônicos é a própria vida acadêmica dele, então hoje é mais difícil o atleta estar voltado para determinada modalidade e ele permanecer nesta modalidade, antigamente era bem mais fácil<sup>321</sup>

Essa comparação com gerações anteriores é constante, e o depoimento de Fabíola dos Santos demonstra isso:

[...] o fato é que hoje os interesses são diversos, ? Hoje as informações também são diversas. E é mais fácil o adolescente seguir por caminhos que não necessariamente sejam os caminhos socialmente mais aceitos. Educação, respeito pelo mais velho, respeito pelo espaço, respeito pela sua instituição, pelo seu clube, pela sua camisa do que era antigamente. Antigamente eu acho que eles eram mais disciplinados. A impressão que me dá é que antigamente eles eram mais disciplinados, por mais que eles tivessem a sua opinião própria. Hoje eu vejo que eles deixam de ser a opinião deles pra ter a opinião do

<sup>319</sup> Entrevista concedida em 11/08/2009, por Anderson Ikenaga

<sup>320</sup> Entrevista concedida em 14/09/2009, por Roberto Antonio de Souza

<sup>321</sup> Entrevista concedida em 17/08/2009, por Francisco Faigle

amigo, ou para ter opinião da internet, ou para ter a opinião do basquete dos Estados Unidos, ou para ter a opinião de uma celebridade que falou uma besteira gigantesca na TV. Então a gente às vezes tem se batido muito mais com os processos educativos do que com os processos dentro de quadra, em si. Não que a gente nunca tivesse feito isso. A gente sempre fez isso, mas parece que chegar até esse ponto sempre foi mais fácil. Hoje parece que eles não dão valor para aquilo. Eu sempre falo pros meus atletas: puxa, vocês estão numa das melhores instituições, que vocês ganham bolsa de estudo, que vocês tem quadra para treinar, [...] e raramente pagam para ir para uma viagem e, quando vão, estão fazendo um intercâmbio e ainda acham que é demais treinar num sábado de manhã? Então eu acho que está bem mais complicado lidar com essas gerações.

O conflito no (in) consciente dos técnicos envolve diretamente a frustração em observar a estagnação que ocorre não somente com os atletas formados, mas também a sua estagnação. A estagnação é observada quando se chega a um limite, e não se visualiza chances de expansão, ou até a perda da motivação.

A estagnação dessa maneira relaciona-se com o processo cego. Do ponto de vista dos técnicos, o que é oferecido aos atletas já seria o motivo para uma dedicação maior da parte dos atletas. Entretanto os atletas podem pensar que o que lhes é oferecido não é o mais adequado, já que a imagem que lhes é passada pela mídia, é a das grandes ligas, a do topo da pirâmide, uma imagem irreal, já que poucos chegam nesse ponto. Essa interdependência se configura pela relação técnico e atleta, mas é tensionada por elementos vindos de forças externas.

Desse modo a estagnação representa o fim das possibilidades dos indivíduos continuarem em processo de formação que visa, mesmo que inconscientemente, desenvolver atletas. Entretanto a prática do basquetebol pode se internalizar nos indivíduos que tiveram contato com esse processo. Uma vez que, no interior desses indivíduos essa prática tem uma importância muito grande, conforme o depoimento do Atleta 8: “para mim, atualmente e acredito que vá continuar pelo resto da vida, é a melhor coisa que existe. É onde eu me sinto eu mesmo de verdade, eu não preciso me esconder, não preciso mentir para ninguém. É o que eu quero continuar fazendo pelo resto da minha vida.”<sup>322</sup>

Por meio das informações conseguidas junto aos atletas pesquisados, fica evidenciado a vontade de continuar a prática, mesmo que não seja a de alto nível. Essa tendência é reforçada ainda, graças a nossa inserção na configuração, pois observamos que vários atletas que passaram pelo processo formativo encontraram alguma forma de se manterem na prática do basquetebol.

---

<sup>322</sup> Entrevista concedida em 25/08/2009, por atleta 8



Alguns destes atletas atualmente participam do Campeonato Metropolitano Adulto da FPrB, em equipes que se formam com o intuito principal da participação, deixando de lado como objetivo principal a competição em si. Haja visto que muitas dessas equipes não possuem nem sede própria, nem quadra para mandar jogos e, menos ainda, tempo para treinarem.

A prática do basquetebol pode ser tornar descompromissada totalmente de competição oficial, com as populares “peladas” das praças públicas, fato corriqueiro em praças de Curitiba, vários ex-atletas costumam nos finais de semana participarem desses jogos. Por fim, o basquetebol máster, disponibilizado em alguns clubes, entre os quais Círculo Militar do Paraná e Sociedade Thalia, é outra forma que encontra vários adeptos em retomarem a prática do basquetebol. Todavia os clubes que possuem em seus quadros de atividades, o basquetebol máster, limita a faixa etária dessa prática, para atletas com mais de 35 anos, casos de Círculo Militar do Paraná e Sociedade Thalia. Pela Associação Paranaense de Basquetebol Máster a idade inicial é de 25 anos. De qualquer forma existe um espaço de tempo para que esses indivíduos possam adequar a idade mínima e iniciar no grupo máster.

Essas formas dos indivíduos manterem a prática do basquetebol por outros meios, além do basquetebol competitivo em que tiveram contato durante uma parte da vida, se refere a um *habitus* adquirido na sua formação como atletas, e que permanece de forma durável na personalidade desses indivíduos.

Assim esse *habitus* individual, em grande parte, só surge devido a passagem por todas ou por algumas dessas fases de formação do basquetebol de Curitiba. Essas etapas ou fases a quais descrevemos servem para visualizar a trajetória pela qual se forma o *habitus*.

Retomando o contexto inicial desse capítulo, destinado a demonstrar como é preconizada pela literatura específica do treinamento desportivo, observamos que a planificação dessas etapas se dá num processo de longo prazo. Se compararmos estas etapas do treinamento esportivo com as etapas que identificamos na nossa pesquisa, teremos um quadro que se encerra na metade do ciclo, ou seja, antes da chegada do que seria a obtenção do conhecimento técnico, tático e da performance física e psicológica do esporte na faixa dos 22 aos 26 anos.

Entretanto seria ingênuo de nossa parte acreditar que todos os indivíduos que passaram pelo processo formativo de basquetebol em Curitiba se tornariam atletas caso existisse uma hipotética equipe de rendimento na cidade. Assim é fundamental

que o processo formativo ocupe-se de outras variáveis além dos aspectos inerentes a parte motora e competitiva do jogo e possa ser formador do caráter, da personalidade e de uma *habitus* agradável a esses indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada em razão do meu envolvimento com o tema. Minha relação profissional com o objeto de estudo me motivou a pesquisá-lo sob a ótica acadêmica. Foi uma das formas que encontrei, além da minha vida profissional, de trazer contribuições para entender o processo de formação de atletas no basquetebol.

Durante a pesquisa, os depoimentos dos atletas confirmaram algumas percepções que visualizei na minha experiência dentro do basquetebol. Muitas vezes observará nos indivíduos que iniciaram na prática do basquetebol a motivação pelas quais eles eram levados a essa atividade. A influência do meio em que conviviam seja o familiar, dos amigos nos clube ou escola, em conjunto ainda com a mídia que promove o basquetebol, mesmo que de maneira inferior a de outros esportes como o futebol ou o convite de algum professor. Em conjuntamente a esses fatores, em alguns indivíduos, afloram sentimentos como, o sonho de se tornar um atleta profissional ou de obter sucesso como atleta.

No entanto, em concorrência com o sonho do sucesso surgem alguns motivos que irão despertar os indivíduos para dificuldades de se atingir os objetivos pessoais. Os motivos vão desde a obrigação de se dedicar aos estudos, de se inserirem no mercado de trabalho, a falta de um estímulo para continuar, - e em Curitiba os atletas entrevistados citaram a falta de uma equipe adulta, ou o encaminhamento para outro centro – além de frustrações com a estrutura do esporte.

Com esses dados e a percepção dos fatos que surgiram ao longo da minha trajetória dentro da modalidade, que foi elaborada essa pesquisa. Acerca disso buscamos entender como se dá a formação de atletas nesse microcosmo e apontar alguns pontos que poderão contribuir na melhora do processo, porém não daremos soluções para resolver todas as dificuldades encontradas no interior do processo.

No tocante a análise do microcosmo do basquetebol masculino de Curitiba, as referências e apontamentos teóricos de alguns conceitos da Teoria Configuracionista expandiu o foco da pesquisa, permitindo alcançar um dos objetivos específicos do estudo. A utilização do conceito de microcosmo utilizado por Elias<sup>323</sup> contribuiu para

---

<sup>323</sup> Elias, N. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.22

encontrarmos a regularidade que visualizamos no basquetebol brasileiro no que diz respeito ao que ocorre na formação de atletas de maneira geral. Acreditamos que os dados encontrados nessa pesquisa possuem similaridades com outras cidades que possuem a prática do basquetebol.

Como visto, dentro da configuração estudada, o Basquetebol de Curitiba, encontramos estruturas institucionais e formativas, além dos indivíduos que fazem parte de cada uma delas: dirigentes, técnicos e atletas. As ações realizadas pelos indivíduos de cada estrutura acabam interferindo nas relações dos demais. São as redes de interdependência, que segundo a Teoria Configuracionista direciona os indivíduos nas suas relações com outros indivíduos e com a sociedade.

Essas ações e relações podem influenciar no *habitus* que se internalizará nos indivíduos, já que a prática do basquetebol depende das ações das estruturas institucionais, como CBB, FPrB, e os órgãos estatais. As ações das estruturas formativas, como os clubes e escolas, são determinantes no que diz respeito à manutenção da prática do basquetebol.

Dentro dos clubes estudados, a prática do basquetebol por estar internalizada em seu ambiente ao longo dos anos, nos remeteu a um *habitus* que se encontra enraizado devido ao aspecto tradição, uma vez que a prática da modalidade nas duas instituições pesquisadas – Círculo Militar do Paraná e Sociedade Thalia – a mais de cinquenta anos.

Já nas escolas, na nossa visão, o *habitus* da prática do basquetebol recebe menos influencia do aspecto tradição, sendo que a prática esportiva se encontra internalizada devido à necessidade destas, principalmente nas instituições particulares de ensino, de utilizar o esporte como instrumento de *marketing*.

A utilização do esporte como *marketing* dessas escolas pode surgir tanto sob a forma de demonstrar uma escola vencedora, por meio de títulos em competições escolares, como sob a forma de mostrar que a escola se preocupa não só o ensino dos alunos, mas com a formação integral dos mesmos, e o esporte acaba ocupando esse espaço dentro do contexto escolar.

Desse modo é possível afirmar que as escolas, dentro do contexto das estruturas formativas de Curitiba não têm o objetivo direto de formar atletas. Assim por outros meios, existe o trabalho de formação dentro das escolas. Não fazendo parte do planejamento das escolas o objetivo de formar atletas, é fato encontrar nas nessas instituições, que o interesse maior na formação vem por iniciativa dos

técnicos em geral. As escolas com convênio com algum clube também se beneficiam no que diz respeito a formação, pois a estrutura clubística fomenta e capacita as equipes escolares dessas instituições.

Ainda no âmbito escolar, os dados na pesquisa nos mostraram que mesmo a escola não demonstrando claramente o objetivo de formar atletas, ela tem um papel fundamental dentro do processo, já que os depoimentos demonstraram que muitas vezes o primeiro contato que os atletas têm com o basquetebol se dá no ambiente escolar. Seja por intermédio do basquetebol pela educação formal, que são as aulas de educação física, ou pela educação não-formal, quando o basquetebol é representado pelas atividades extracurriculares, com os treinamentos propriamente dito fora do horário de aula.

No entanto, em Curitiba, o basquetebol como atividade extracurricular é encontrado na sua maior parte em escolas particulares. Os dados nos mostraram que a escola não oferece aos atletas condições de evolução no que diz respeito a preparação técnica, tática e física. Isso se deve a alguns fatores: o primeiro, já citado, é que o esporte dentro dessas escolas é oferecido como uma atividade extracurricular para ser um instrumento auxiliar na educação dos indivíduos, além de ser um instrumento de *marketing* na questão da oferta de atividades, não sendo o esporte dessa maneira tratado como um fim, e sim como um meio de promoção da formação integral que as escolas propagam.

Outro fator são as condições estruturais; a carga de treinamento é de duas a três vezes por semana, com duração entre 1 e 2 horas. Essa condição após a etapa<sup>324</sup> da pré-iniciação torna-se defasada quando comparada com a carga de treinamento dos clubes e desfavorece o desenvolvimento do atleta. O fator das competições escolares também impedem um desenvolvimento maior dos atletas, pois vejamos: a maneira como essas competições são organizadas, por parte das prefeituras e do governo do estado, utilizam um formato de competição pouco adequado ao desenvolvimento do atleta que estão no processo de ensino-aprendizagem. As competições promovidas pela PMC, nas diversas categorias, possuem um período de realização de quinze a vinte dias, com poucos jogos sendo realizados, sendo que as equipes eliminadas nas primeiras fases de disputa realizam de 2 a 3 jogos, e as finalistas até 7 jogos num curto período de tempo.

---

<sup>324</sup> Na nossa percepção consideramos no basquetebol de Curitiba que o indivíduo passa pelas seguintes etapas que valem ressaltar. Pré-Iniciação, Iniciação Esportiva, Etapa Das Competições, e Estagnação.

O Jocops promovido pelo Governo do estado tem um formato similar aos jogos da PMC, tendo como diferença o fato de existir fases regionais e classificatórias para o evento que é realizado entre as escolas de todo estado. A LEB também passa por problemas quanto a seus objetivos, pois a mesma já está aceitando a participação de equipes de instituições não escolares, como prefeituras e clubes, tornando de seu formato quanto a inscrição das equipes, similar as da FPrB em termos de competitividade.

Portanto, em parte as escolas observam atrativos em participar dessas competições, pois é uma forma de divulgar o nome da escola. Entretanto não existe o investimento na busca de resultados e sim na participação, que além de divulgar o nome das escolas visa incentivar a permanência dos atletas nos treinamentos e auxiliar na formação dos mesmos. A predominância da participação em detrimento da busca de resultados é levada pela questão financeira, conforme os dados que a pesquisa revelou no depoimento de Danilo Schier<sup>325</sup>. Em seu depoimento ele cita o aspecto financeiro como uma forma que reduz os investimentos no esporte, pois já existe um gasto com o salário de técnicos, manutenção de quadras e material esportivo. Além de transporte para jogos.

Para as escolas particulares é um ônus financeiro a mais, pois vêem as escolinhas como forma de lucro, uma vez que, os alunos na sua grande maioria pagam pelas aulas extracurriculares. No caso das escolas não há grande incentivo para participar de torneios federados, os gastos não compensam a propaganda e o fim, não corresponde aos objetivos da escola. Já nas escolas públicas, o pouco investimento, e as ações das secretarias de educação, não têm uma perspectiva voltada de formar atletas, uma vez que a própria aula de educação física não atende mais a tradicional linha do ensino dos quatro esportes (basquetebol, futebol, handebol e voleibol).

Assim a exceção entre as escolas de Curitiba é o Colégio Dom Bosco, pois é único que possui uma parceria formalizada com um clube - Circulo Militar do Paraná – e que tem a política da oferta de bolsas de estudos para atletas. Podemos entender que seu *marketing* vai além da participação em competições, sendo o esporte competitivo uma forma de divulgação e fortalecimento da marca. Isso foi

---

<sup>325</sup> Ver depoimento na nota de rodapé 147.

observado pela participação de escolas nos torneios promovido pela FPrB, com apenas três instituições, (VER QUADRO 1) inscritas em uma categoria.

De modo geral em Curitiba, as escolas ainda investem no esporte, e aqui o caso específico do basquetebol, por contingência do mercado, já que é um diferencial entre as escolas a sua oferta. No entanto, a formação esportiva dentro da escola é um meio para formação integral dos indivíduos e não um fim.

Esse pode ser uma das diferenças do trabalho realizado entre escola e clube. Os dados nos mostram que essas duas formações caminham paralelamente nos clubes, já que é dada maior ênfase na formação esportiva nos clubes do que nas escolas. Assim podemos dar ênfase aos clubes que fazem parte do processo de formação de atletas de basquetebol masculino em Curitiba.

Os dados da pesquisa nos mostraram apenas três instituições que participaram de pelo menos três categorias promovidas pela FPrB em 2008: Circulo Militar do Paraná, Sociedade Thalia e Tittãs Basketball. Destes os dois primeiros são clubes e o último uma instituição privada.

Sobre Circulo Militar do Paraná e Sociedade Thalia podemos afirmar que o basquetebol se encontra internalizado dentro do seu ambiente, ou seja, já existe um *habitus* da prática da modalidade, desde as escolinhas até a categoria máster. Comparada ao trabalho que as escolas realizam, podemos afirmar que o envolvimento que esses clubes possuem com o processo é mais enfático a formação de atletas.

Algumas circunstâncias favorecem a formação dos atletas nos clubes em relação às escolas: a quantidade de horas de treinamento, a divisão dos treinos por categoria, a estrutura física do clube, como exemplo, a possibilidade da utilização da sala de musculação por parte dos atletas, as competições com nível mais elevado, no caso da FPrB, além da possibilidade de intercâmbios com outros centros, e o fato se serem uma “vitrine” de exposição para convocações para seleções municipais, estaduais e do recebimento de convites para jogarem em outros centros.

A estrutura, e o objetivo dos clubes permitem um trabalho mais aprofundado em relação às escolas. Entretanto ainda esbarra em alguns pontos estruturais. Os clubes ainda não têm um corpo técnico multidisciplinar, como exemplo preparador físico, nutricionista, psicólogo. Dentro disso o Circulo Militar do Paraná possui uma vantagem em relação à Sociedade Thalia pelo fato da parceria com o colégio Dom Bosco. Existe um técnico para cada categoria, enquanto na Sociedade Thalia são

dois. Além disso, o convênio com o Colégio Dom Bosco permite ao clube ter um controle maior sobre notas, horários de treinamento e faltas em aulas por motivos de viagem.

No caso do Tittãs Basketball, por ser uma instituição recentemente formada, conta com outras dificuldades, como a falta de uma sede própria, somente um técnico para todas as categorias – que, além disso, é seu dirigente – e ainda os recursos sendo provenientes da mensalidade que os atletas pagam.

De tal modo, baseado na discussão em torno dos clubes como estruturas formadoras algumas percepções devem ser mencionadas. Por um lado, consideramos ter poucos clubes de Curitiba filiados a FPrB – pelo menos que disputam mais três de categorias – essas três equipes possuem suas diferenças em questões estruturais, mas se mantêm em atividade graças ao *habitus* internalizado dentro dos dois clubes, também por iniciativa de diretores e técnicos abnegados.

De outro lado observamos ao longo dos últimos quinze anos, clubes tradicionais de Curitiba, como Clube Curitibano, AABB, Santa Mônica Clube de Campo, Sociedade União Juventus, que não participam mais de competições promovidas pela FPrB, por motivos que vão desde aumento das exigências e de recursos financeiros para a manutenção do corpo técnico e de custos com a FPrB, até a pressão do associados para extinção de equipes competitivas, e da entrada de sócios atletas.

Os clubes de Curitiba, de maneira geral, não têm como linha de ação, no que diz respeito aos esportes, formar atletas, pois necessita atender ao anseio dos associados, relegando o esporte competitivo ao segundo plano, como alguns depoimentos nos deram a entender. Assim parece que em Curitiba o que move a formação de atletas no basquetebol masculino é a emoção, o *habitus* adquirido pelos atletas, técnicos e dirigentes que fazem parte do processo, que se opõe ao padrão de mercantilização do esporte da atualidade.

Em conjunto com isso, algumas escolas tradicionais filiadas a FPrB, como Cefet, Colégio Estadual do Paraná, se desfilaram. A desigualdade técnica em relação a outras equipes com mais recursos, além da falta de recursos financeiros para a manutenção de equipes competitivas estão entre os possíveis motivos dessa desistência. Outras escolas como Colégio Marista Paranaense, Colégio Padre João Bagozzi e Colégio Madalena Sofia são instituições que se afastaram da FPrB devido



à falta de recursos e também pelo fato de seus técnicos trabalharem em clubes, o que facilita o trânsito dos atletas no sentido escola-clubes.

Assim o reduzido número de filiados de Curitiba na FPrB pode ser encarado como um problema ao processo de formação de atletas em Curitiba, já que os espaços formativos foram reduzindo-se ao longo do tempo. No contexto das estruturas formativas, o processo de formação de atletas tem como objetivo atender especificamente suas equipes, ou seja, não existe uma política no basquetebol de Curitiba que trate da formação como um todo, seja por parte da FPrB ou do poder público, que permitisse maiores possibilidades de desenvolvimento tanto do clube como da escola.

Assim temos a escola e clube formando o atleta de acordo com os objetivos intrínsecos. A escola, na maioria dos casos, como atividade extracurricular, e o clube, para formar suas equipes. Isso surge em decorrência da falta de uma política relativa à formação de atletas das estruturas institucionais, que incentive estruturas formadoras. Como nessa pesquisa o foco sobre as estruturas institucionais recaiu em maior parte na FPrB, seria importante que administrativamente a FPrB buscasse alguma forma de aumentar o número de filiados, encontrando meios para incentivar a volta desses ou de novos filiados.

Todavia os estímulos de mudança dentro do basquetebol de Curitiba podem surgir não somente de ações dos indivíduos e estruturas locais. Durante o transcorrer da pesquisa, o basquetebol brasileiro passou algumas transformações que poderão afetar o processo de formação de atletas. Em 2009 houve a mudança de presidente na CBB, com a posse de Carlos Nunes. Nessa mudança de comando a CBB poderia aproximar seus projetos com as Federações. Desde então, já ocorreram algumas mudanças que podem beneficiar a formação de atletas no contexto nacional.

A mais importante diz respeito aos Campeonatos Brasileiros de base, que a partir de agora contam com três divisões, com acesso e descenso, e que irão oportunizar um maior intercâmbio entre os estados, já que haverá um maior número de jogos e entre as federações filiadas<sup>326</sup>. Outro fato que poderá contribuir para

---

<sup>326</sup> Os campeonatos brasileiros de base eram disputados somente com 8 estados sendo representados. Quatro estados estavam automaticamente classificados para o campeonato do ano seguinte. As demais vagas eram disputadas em 4 chaves classificatórias. O campeão de chave disputaria o torneio. As equipes que não se classificavam para a fase final do campeonato brasileiro, os demais 19 estados, chegavam a fazer somente entre 2 a 4 jogos num ano.

fomentar a formação de atletas como um todo foi o fato da escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede das olimpíadas de 2016.

Além desses fatos apresentados, que ainda não são possíveis de mensurar alguma transformação evidente dentro do processo, outras ações pontuais poderiam ser realizadas. Retomando a questão das escolas como estruturas formativas, mas num contexto geral, observa-se cada vez mais um distanciamento da escola em relação à formação esportiva, assim como da universidade. Falta uma política e a tradição para que essas instituições se envolvam de forma mais efetiva. Não entendemos que ações como Jogos Colegiais e Jogos Universitários, tanto no âmbito estadual ou nacional, sejam uma política efetiva para que ambas invistam na formação de atletas. A pesquisa também nos deu indícios que a trajetória da modalidade de forma geral possuiu raízes nos clubes, que atualmente encontram dificuldade de gerenciamento das equipes devido à complexidade que o esporte contemporâneo está estruturado, com a presença de elementos do esporte profissional. (BENELI, 2007)

Enfim, as estruturas institucionais e formativas, acabam determinando a história do indivíduo em processo de formação. Os indivíduos, conforme seus *habitus*, são integrantes da sociedade ou meio que convivem, modelando-se ao relacionar com ela. Desse modo percebemos que enquanto clubes, escolas e FPrB de Curitiba mantiverem a organização atual, as etapas que descrevemos no capítulo III continuarão a ser repetir de forma cíclica.

O processo de formação de atletas de basquetebol em Curitiba pode se modificar pela ação dos indivíduos. No entanto para atingir essas mudanças é fundamental a compreensão das entidades responsáveis pela organização do basquetebol, primeiro no âmbito nacional, e aqui inserimos a CBB, e o COB, e em paralelo as federações e secretarias estaduais e municipais de esporte, estabelecessem metas e diretrizes que guiassem o processo. Entretanto seria necessária a integração entre os indivíduos, técnicos e dirigentes, para uma organização administrativa e operacional.

Entre as ações que poderia ser realizadas na integração entre as entidades podemos colocar exemplo: a formação permanente dos profissionais ligados ao basquetebol, com a oferta de clínicas de aperfeiçoamento, o intercâmbio com outros centros do basquetebol nacional e internacional, para que exista um aprofundamento e padronização no que diz respeito à formação. Ao mesmo tempo

incluir a escola pública dentro do processo, por meio de parcerias com os essas entidades, seja sob a forma de criar pólos dentro dessas .

Para que ocorra o desenvolvimento do processo de formação de atletas é fundamental aumentar o número de praticantes, que poderia ser feito com a promoção de campeonatos paralelos ou festivais além dos que são promovidos pela FPrB. Esses torneios poderiam ter tanto a função de trazer equipes de bom nível técnico, que promovessem o desenvolvimento técnico dos atletas de Curitiba com atletas de outros centros mais desenvolvido – como exemplo o Torneio Sul-Americano realizado pelo Círculo Militar do Paraná – ou torneios com atletas não federados, que buscassem adicionar outras instituições que não têm um desenvolvimento técnico apurado para disputarem competições promovidas pela FPrB.

A discussão sobre o processo de formação de atletas de basquetebol em Curitiba, foco central desse estudo não é definitiva. Entendemos que é necessário ampliar esse debate estabelecido, utilizando o conhecimento de áreas que se relacionam com o objeto de estudo, entre as quais podemos citar a Pedagogia do Esporte, o Treinamento desportivo, a Psicologia do Esporte, dentre outras. Surgirá discussão acerca do tema com opiniões contrárias aos dados obtidos durante a pesquisa, seja sob a ótica do referencial teórico, ou pela opinião dos indivíduos envolvidos ou não na pesquisa.

Esperamos que se ocorressem tais discussões, e que delas surjam outras pesquisas utilizando de outras metodologias, e que sirvam para abrir o debate dentro do meio acadêmico; da mesma forma que os indivíduos envolvidos com o tema de alguma forma, sejam dirigentes, técnicos, árbitros, atletas, pais ou simples aficionado pela temática consigam compreender as transformações.

De todo modo, mesmo com as estruturas formativas não tendo na sua essência a característica de formar atletas, observamos que Curitiba tem possibilidades de num primeiro momento, de quantificar e qualificar o processo de formação, com o aumento do números de entidades, técnicos e principalmente de atletas. E posteriormente oferecer um estímulo maior a continuidade dos atletas, como exemplo, que esses clubes formassem equipes adultas com maiores mais estruturadas.

Por fim uma tendência que temos ao discutir sobre o objeto de estudo do trabalho, é que a formação de atletas tem entre seus objetivos a descoberta de

grandes atletas, a inserção ao esporte de alto nível, os grandes feitos esportivos, ou seja, a vitória. Entretanto, no decorrer do percurso, não se deve apegar somente a esse viés, já que os indícios nos mostram que a quantidade de atletas que irão atingir esse ponto é ínfimo, assim as categorias de base devem possuir outros elementos que os indivíduos devem adquirir além da técnica, físico, tático e motores como a aquisição de valores sociais, afetivos e cognitivos para a prática da cidadania.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Tadeu Paes de. **Iniciação Esportiva na escola** – a aprendizagem dos esportes coletivos. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/172/Almeida-Artigo> > Acesso em: 25 out. 2009.

AMADO, Janaina P. Amado Baptista de Figueiredo; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BÁFERO, Francisco Augusto. **Da Educação Física Escolar para a Educação Física informal**: O Clube e a prática esportiva. Piracicaba, 1991.

Balassiano, Fabio. **Ponto de vista: “Contra o establishment”**. Disponível em: <<http://www.databasket.com.br/descricao.asp?NOME=Ponto%20de%20vista&IDMATERIA=9603>

BARA FILHO, Maurício Gattás; GARCIA, Felix. **Motivos do abandono no esporte competitivo**: um estudo retrospectivo. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 4, p. 293-300, Out. /Dez. 2008. Disponível em: <[http://www.usp.br/eef/rbefe/v\\_22n42008vf/pdf/6\\_RBvol22n4p293300.pdf](http://www.usp.br/eef/rbefe/v_22n42008vf/pdf/6_RBvol22n4p293300.pdf)> Acesso em 22 de set de 2009

BASSANI, Jailson José; TORRI, Daniele; VAZ, Alexandre Fernandes. **Sobre a presença do esporte na escola**: paradoxos e ambigüidades. Revista Movimento v. 09, n. 2, p. 89-112, Porto Alegre, maio/agosto de 2003

BENELI, Leandro. **Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base**. Dissertação de mestrado em Educação física, UNICAMP, 2007.

BENELI, Leandro; MONTAGNER, Paulo Cezar. **Intervenções pedagógicas no processo de evasão do basquetebol: possibilidades e conseqüências**. Lecturas

Educación Física y Deportes, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd86/evasao.htm>> Acesso em 27 set de 2009

BISOTTO, Maria Luiza; FONTANELLA, Francisco Cock. **Da dimensão da sobrevivência**: um ensaio sobre a robustez da espécie a partir da teoria do símbolo de Norbert Elias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n.7, p. 179-192, set./dez. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOMPA, Tudor. **A periodização no treinamento desportivo**. Ed. Manole, 2001

BOMPA, Tudor. **Periodização**: teoria e metodologia do treinamento. São Paulo. Phorte, 2002

BRANDÃO, Carlos da Fonseca.. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias**: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese. Tese de Doutorado: Universidade Estadual Paulista, Marília, SP 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodriguez. **O que é Educação**. 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANAN, Felipe. **A ação do setor público municipal na constituição da estrutura do basquetebol de base curitibano**. Dissertação de mestrado em Educação física, UFPR, 2008

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens do lazer no Brasil**: um olhar processual. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004.

CARNEIRO, Deivy Ferreira. **Interacionismo e Interdependência**: uma breve análise das contribuições de Norbert Elias para a história social. Anais do I Colóquio do LAHES. Juiz de Fora, 2005.

DAIUTO, Moacir. **Basquete: metodologia de ensino**. Hemus editora. São Paulo, 1960.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado em antropologia da UFRG. Porto Alegre, 2005.

DUNNING, Eric. **Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer**. História Questões & Debates, América do Sul, 2005. Disponível em: <  
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2723/2260> > Acesso em 19 de set de 2009

DUNNING Eric. **Sport Matters. Assuntos – Tópicos – Questões Esportivas: Estudos sociológicos sobre esporte, violência e civilização**. 1999

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 1999.

ELIAS, Norbert. **Mozart - sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Volume II.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. **Os Seres Humanos e suas Emoções**: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. Londres, 1991. Tradução: BISOTTO, Maria Luiza; FONTANELLA, Francisco Cock. Não publicado. 2000. Original inglês.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Lisboa, Celta Editora, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA JR., Rolando. **NBA,CBB E NLB**: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2008.

FERREIRA, Aluisio Elias Xavier; ROSE JR. Dante. **Basquetebol**: técnicas e táticas: uma abordagem didática-pedagógica. E.P.U., São Paulo, 1987.

FERREIRA Maria do Carmo; MARKUNAS, Marisa; NASCIMENTO, Paulo Rogério. **A prática na formação de atletas no basquetebol feminino**. In. ROSE JR, Dante; TRICOLLI, Valmor. Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e prática. Editora Manole. Barueri 2005.

FOX, Edward L.; BOWERS, Richard W.; FOSS, Merle L. **Bases fisiológicas da Educação Física e dos Desportos**. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

GALVAO, Zenaide; RODRIGUEZ, Luis Henrique; MOTTA E SILVA, Eduardo Vinicius. **Esportes**. IN. DARIDO, S.; RANGEL. I. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GEBARA, Ademir. **Anotações para a teoria do processo civilizador**: proposições para a história da educação. Revista Comunicações, Piracicaba, a. 6, n. 2, nov.1999



GEBARA, Ademir. **História do esporte**: novas abordagens. In Proni, Marcelo. W; LUCENA, Ricardo. (orgs.) Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

GERMANO, Andre. Palestra apresentada no III Campeonato Sul americano de clubes. Curitiba, Junho de 2009.

HIRATA, Edson. **Análise do potencial mercantil do basquete brasileiro**. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>> Acesso em 21 de fevereiro de 2009.

HONORATO, Tony. **Contribuições do conceito de individualização para o estudo da história e lazer**. Faculdade Guairacá – UFPR

KORSAKAS, Paula; MARQUES, José Aníbal Azevedo. **A preparação psicológica como componente do treinamento esportivo no basquetebol**. In. ROSE JR, Dante; TRICOLLI, Valmor. Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e pratica. Editora Manole, Barueri 2005.

LOLLO, Pablo Christiano B.; TAVERES Maria da Consolação G. Cunha F.; MONTAGNER, Paulo Cezar. **Educação Física e Nutrição**. Lecturas: Educacion Fisica y Deportes, Out/2004.

MASTENBROEK. Willem. **Norbert Elias como Sociólogo Organizacional**. Holland Consulting Group, Amsterdam. Department of Economics, Free University, Amsterdam 2000

MACHADO, Heriberto. **O basquetebol no Paraná**. Curitiba, 2002

MARCHI JR, Wanderley. **Como é possível ser esportivo e sociológico**. In: GEBARA, Ademir e PILATTI, Luis Alberto. Ensaios sobre sociologia nos Esportes. Jundiaí: editora Fontoura, 2006.

MARCHI JR, Wanderley. **"Sacando" o voleibol:** do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). Campinas, 2001

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

MATVEEV, Lev P. **Treino desportivo: metodologia e planejamento.** Phorte editora, Guarulhos, 1997

MESQUITA, Roberto Maluf. **Educação por meio do esporte:** investigando o caso do basquetebol no Brasil. Tese de Doutorado Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008

MEZZADRI Fernando. **Políticas públicas para o esporte e lazer nas cidades do Estado do Paraná.** In MEZZADRI Fernando, CAVICHIOILLI. Fernando e SOUZA, Doralice. Esporte e Lazer. Subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas publicas. Curitiba: editora Fontoura, 2006.

MEZZADRI, Fernando. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná:** da formação dos clubes esportivos. Unicamp. 2000.

MONTAGNER, Paulo Cezar. **Esporte de competição x educação? O caso do basquetebol.** Piracicaba, 1993

OLIVEIRA JR, Constantino Ribeiro de. **Processo civilizador e a construção de grupos.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, 2005.  
Disponível em <  
[http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simposio/artigos/mesa\\_debates/art6.pdf](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa_debates/art6.pdf)>

OLIVEIRA, Valdomiro. & PAES, Roberto. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação `a especialização.** Londrina, Midiograf 2004.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu.** São Paulo: Ática, 1994, 2ª ed.

PAES, Roberto, BALBINO, Hermes Ferreira. **Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas**. In. ROSE JR, Dante; TRICOLLI, Valmor; Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e pratica. Editora Manole, Barueri 2005.

PASTRE, Thais. **O basquetebol veterano no Paraná: a formação de grupos e instituições sociais**. Dissertação de mestrado em educação física, UFPR, 2006.

PILA, García Genoveva. **Método y Normas para Evaluar la Preparación Física y Seleccionar Talentos Deportivos**. México, Editorial Supernova. 2000.

PILLATI, Luis Alberto. **O efeito trava de um habitus: anotações sobre o papel da lei da nacionalização no esvaecer do habitus esportivo do imigrante alemão no Estado do Paraná**. In: GEBARA, A e PILATTI, L. Ensaio sobre sociologia nos Esportes. Jundiaí: editora Fontoura, 2006.

PRONI, Marcelo. **Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte espetáculo**. Conexões: Educação Física, esporte, lazer, Campinas, v.1, n.1, 1998

PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. (orgs.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RANGEL, Irene; SANCHEZ NETO, Luiz; DARIDO, Suraya; GASPARI, Telma Cristiane; GALVÃO, Zenaide . **O ensino reflexivo como perspectiva pedagógica**. IN. DARIDO, S.; RANGEL. I. **Educação física na escola**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. **Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, n. 11, Junho 2004. [online] disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&enrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&enrm=iso)>. Acesso em 02/Agosto/ 2009.

ROITMAN, Riva. **A dimensão político-pedagógica da Educação Física**. In: VARGAS, Angelo Luis. Desporto e tramas sociais. Rio de Janeiro: Sprint, 2001

ROSE JR, Dante; TRICOLLI, Valmor. **Basquetebol – uma visão integrada entre ciência e pratica**. Editora Manole, Barueri

Revista BasketBrasil - Revista Oficial da CBB. Ano 5, n.27, abril de 2009.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do esporte**: manual para educação física, psicologia e fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002.

SILVA, Anderson Aurélio; DÓRIA, Dalila; MORAIS, Guilherme; **Fisioterapia Esportiva**: Prevenção e Reabilitação de Lesões Esportivas em Atletas do América Futebol Clube. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., 2005, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Disponível em: <[http://www.ufmg.br/proex/arquivos/8Encontro/Saude\\_26.pdf](http://www.ufmg.br/proex/arquivos/8Encontro/Saude_26.pdf)>. Acesso em: 21 Abr 2008.

SOUZA, Marcel. Editorial Databasket: **O Estrangeiro**. Disponível em: <<http://www.databasket.com.br/descricao.asp?NOME=Editorial&IDMATERIA=12092>> Acesso em 27 de dezembro de 2008.

TUBINO, Manoel. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

WEINECK, Jürgen. **Treinamento Ideal**. 9ª edição, São Paulo: Manole. 1999.

ZAKHAROV, Andrei. **Ciência do treinamento desportivo**. Editora Grupo Palestra, Rio de Janeiro, 1992.

**REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.**

<<http://www.balanacesta.blogspot.com>>  
<<http://www.basketrio.com.br/>>  
<<http://blog.paulomurilo.com/>>  
<<http://www.cbb.com.br>>  
<<http://www.databasket.com.br>>  
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>  
<<http://www.draftbrasil.net/>>  
<<http://www.fiba.com>>  
<<http://www.folha.com.br>>  
<<http://www.fpb.com.br/>>  
<<http://www.fprb.com.br> >  
<<http://www.futsalparana.com.br>>.  
<<http://www.inep.gov.br/>>  
<<http://www.jogosdajuventude.pr.gov.br/>>  
<<http://www.lancenet.com.br>>  
<<http://www.maquinadoesportecom.br>>.  
<<http://www.onu-brasil.org.br>>  
<<http://rebote.blogspot.com>>  
<<http://www.sestsenat.org.br/>>  
<<http://www.scielo.br/>>  
<<http://www.uol.com.br>>.  
<<http://www.voleiparana.com.br>>

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1

### TERMO DE CONSENTIMENTO ATLETAS

Este é um convite para seu filho participar voluntariamente do estudo “O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DE BASQUETEBOL MASCULINO EM CURITIBA”. A presente pesquisa será realizada como trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Educação Física, área de concentração Ciência do Esporte, linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, na Universidade Federal do Paraná, pelo mestrando Fabio Antonio Pellanda, com orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Fernando Cavichioli.

Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento.

- O senhor permitirá que o pesquisador utilize o depoimento do seu filho, como dados de pesquisa, que será publicado e apresentado, em forma de dissertação de mestrado e artigos em eventos acadêmicos.
- O senhor também tem o direito em recusar a participação do seu filho na pesquisa, sem qualquer prejuízo para o senhor e seu filho. Caso não queira que seu filho participe do estudo o senhor pode reaver o esse termo mesmo após assinado.
- Sempre que o senhor quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone ou do endereço eletrônico do pesquisador, ou do orientador.
- Durante a pesquisa estarão disponíveis, ao senhor, toda e qualquer informação antes, durante e depois do estudo
- As entrevistas serão gravadas e transcritas, entretanto serão utilizados somente os trechos com maior relevância para o trabalho.
- Garantimos o sigilo da identificação do seu filho, assim, quando citado, a identidade do seu filho será mantida em anônimo.
- Garantimos o seu direito de retirar seu filho da pesquisa no momento que quiser sem qualquer constrangimento.
- Deixaremos com o senhor uma cópia desse termo conforme resolução do Comitê de Ética em Pesquisa. (CONEP).
- Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte ao pesquisador.

#### • OBJETIVO DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivo geral investigar como ocorre o processo de formação de atletas em Curitiba segundo a perspectiva de técnicos, dirigentes e atletas.

#### • PROCEDIMENTOS

A sua contribuição será através da realização de uma entrevista, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Para esse registro será utilizado um gravador de voz.

- DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Os participantes da pesquisa não terão que arcar nenhum custo financeiro durante a pesquisa. Assim como não receberão nenhuma compensação financeira pela participação.

- PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A participação do seu filho neste estudo é *voluntária*, podendo encerrar-se por sua vontade.

Diante do exposto acima, eu \_\_\_\_\_ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo e autorizo meu filho a participar da pesquisa, sabendo que a identidade do meu filho será mantida em sigilo. Concedo meu acordo de participação de livre e espontânea vontade do meu filho. Declaro também, que tanto eu, como meu filho, não possuímos nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto, não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar. Ciente de que os resultados serão tornados públicos em pesquisa científica dessa instituição.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

\_\_\_\_\_  
nome e assinatura do responsável

RG

- Contatos para maiores esclarecimentos:

Pesquisador: Fabio Antonio Pellanda

Fones: (41)3246-8764 e (41)-9921-5847

Endereço eletrônico: [fbasq23@gmail.com](mailto:fbasq23@gmail.com)

O pesquisador pode ser contactado das 8h00 as 12h00, de segunda a sexta, no Departamento de Educação Física, situado na R. Coração de Maria, 92 - BR 116 km 95 Jardim Botânico. Curitiba/PR.

Orientador: Fernando Renato Cavichioli

Fone: (41)-3360-3125

Endereço eletrônico: [fbasq23@gmail.com](mailto:fbasq23@gmail.com)

\_\_\_\_\_  
Fabio Antonio Pellanda

RG 6129614-0

Fone 41- 3246-8764 – 9921-5847



## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TÉCNICOS E DIRIGENTES

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DE BASQUETEBOL MASCULINO EM CURITIBA”. A presente pesquisa será realizada como trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Educação Física, área de concentração Ciência do Esporte, linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, na Universidade Federal do Paraná, pelo mestrando Fabio Antonio Pellanda, com orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Fernando Cavichioli.

Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento.

- O senhor permitirá que o pesquisador utilize seu depoimento como dados de pesquisa, que será publicado e apresentado, em forma de dissertação de mestrado e artigos em eventos acadêmicos.
- O senhor também tem o direito em recusar a participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo para sua pessoa.
- Caso não queira mais participar do estudo o senhor pode reaver o esse termo mesmo após assinado.
- Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone ou do endereço eletrônico do pesquisador, ou do orientador.
- Durante a pesquisa estarão disponíveis, ao senhor, toda e qualquer informação antes, durante e depois do estudo
- As entrevistas serão gravadas e transcritas, entretanto serão utilizados somente os trechos com maior relevância para o trabalho.
- Se o senhor optar, manteremos em sigilo a sua identificação.
- Garantimos o seu direito de se retirar da pesquisa no momento que quiser sem qualquer constrangimento.
- Deixaremos com o senhor uma cópia desse termo conforme resolução do Comitê de Ética em Pesquisa. (CONEP).
- Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte ao pesquisador.

#### • OBJETIVO DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivo geral Investigar como acontece o processo de formação de atletas em Curitiba segundo a perspectiva de técnicos, dirigentes e atletas.

#### • PROCEDIMENTOS

A sua contribuição será através da realização de uma entrevista, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Para esse registro será utilizado um gravador de voz.

- DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Os participantes da pesquisa não terão que arcar nenhum custo financeiro durante a pesquisa. Assim como não receberão nenhuma compensação financeira pela participação.

- PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária*, podendo encerrar-se por sua vontade.

Diante do exposto acima, eu \_\_\_\_\_ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo.

Concedo meu acordo de participação de livre e espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto, não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar. Ciente de que os resultados serão tornados públicos em pesquisa científica dessa instituição.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

\_\_\_\_\_  
nome e assinatura do participante

RG

\_\_\_\_\_  
Fabio Antonio Pellanda

RG 6129614-0

- Contatos para maiores esclarecimentos:

Pesquisador: Fabio Antonio Pellanda

Fones: (41)3246-8764 e (41)-9921-5847

Endereço eletrônico: [fbasq23@gmail.com](mailto:fbasq23@gmail.com)

O pesquisador pode ser contactado das 8h00 as 12h00, de segunda a sexta, no Departamento de Educação Física, situado na R. Coração de Maria, 92 - BR 116 km 95 Jardim Botânico. Curitiba/PR.

Orientador: Fernando Renato Cavichioli

Fone: (41)-3360-3125

Endereço eletrônico: [fbasq23@gmail.com](mailto:fbasq23@gmail.com)

**ANEXOS**

## **ANEXO 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS**

### **Entrevistas para técnicos e dirigentes de clubes**

1. Qual seu nome, idade, função dentro da sua instituição?
2. Fale de sua trajetória dentro do basquetebol
3. Como você posiciona o basquetebol dentro da sua instituição? Existem algumas ações que são feitas para promover a modalidade?
4. Como você posiciona a sua instituição no processo de formação de atletas em Curitiba?
5. Você enxerga uma função social na formação de atletas, além da formação do mesmo como competidor?
6. Fale sobre alguns motivos que fazem o aluno procurar o basquetebol e sobre os motivos que fazem desistir de participar dos treinamentos?
7. Qual o retorno para sua instituição de participar desse processo de formação de atletas (seja de natureza econômica, social ou esportiva)?
8. Qual a importância de dar oportunidade para não sócios participarem das equipes da sua instituição? O sócio atleta é importante? Por que?
9. Em termos técnicos, como podemos posicionar a sua instituição no que se refere à formação de atletas no âmbito estadual?
10. E da posição do basquetebol paranaense no cenário nacional?
11. Qual a importância da participação em competições promovidas por instituições oficiais (FPrB)?
12. No recorte atual, o processo de formação de atletas esta mais fácil de ser realizado em relação a gerações passadas? Por que?
13. Como você posiciona o nível dos atletas formados em Curitiba com o restante do estado e perante aos centros mais evoluídos como SP?
14. Como você descreve o nível de conhecimento técnico dos treinadores que fazem parte desse processo?
15. Como você descreve o nível de conhecimento técnico e administrativo dos dirigentes que fazem parte desse processo?
16. Existem semelhanças entre o trabalho da escola e clube no processo de formação de atletas? E as diferenças? Quais são?

17. Tendo em vista os objetivos da minha pesquisa, que são do processo de formação de atleta em Curitiba, você teria alguma informação relevante sobre algum aspecto organizacional, estrutural ou técnico que você queira mencionar?

### **Entrevista para os dirigentes da FPrB. (Federação Paranaense de Basketball)**

1. Qual seu nome, idade, função.
2. Fale de sua trajetória dentro do basquetebol
3. Existe alguma ação feita para facilitar a formação de atletas por parte dos seus filiados?
4. Existe um plano de ação da instituição para facilitar esse processo?
5. Você enxerga uma função social na formação de atletas, além da formação do mesmo como competidor?
6. Qual o retorno que a FPrB pode apresentar para seus filiados de participar desse processo de formação de atletas (seja de natureza econômica, social ou esportiva)?
7. Como podemos posicionar o basquetebol paranaense no cenário nacional?
8. No recorte atual, o processo de formação de atletas esta mais fácil de ser realizado em relação a gerações passadas?
9. Qual retorno que FPrB oferece aos clubes para participar dos seus campeonatos?
10. Como você posiciona o nível dos atletas formados em Curitiba com o restante do estado e perante aos centros mais evoluídos como SP?
11. Como você descreve o nível de conhecimento técnico dos treinadores que fazem parte desse processo?
12. Como você descreve o nível de conhecimento técnico e administrativo dos dirigentes que fazem parte desse processo?
13. Tendo em vista os objetivos da minha pesquisa, que são do processo de formação de atleta em Curitiba, você teria alguma informação relevante sobre algum aspecto organizacional, estrutural ou técnico que você queira mencionar?

**Entrevistas para atletas.**

1. Qual seu nome, idade e clube atual?
2. Onde você iniciou na prática do basquete?
3. Qual era sua idade? Quantos anos de prática?
4. Qual seu objetivo dentro da modalidade? Mudaram seus objetivos e os motivos desde que começou a treinar? por que?
5. Em termos técnicos que aspectos do treinamento você mais gosta? E o que menos gosta?
6. Em relação as suas qualidades físicas e técnicas, você se considera em condições de ser um atleta profissional?
7. Que outros aspectos, além dos técnicos, físicos, você adquiriu durante seu tempo de treinamento. Dê um exemplo.
8. Que diferença você vê em relação aos treinos da sua iniciação, com os atuais. Dê um exemplo.
9. Você prefere jogar pelo clube ou pela escola. Que diferenças você observa entre elas?
10. Em relação aos clubes existentes em Curitiba, você considera que eles te darão condição de ser um atleta profissional?
11. Você tem intenção de sair de Curitiba para jogar basquetebol?
12. Você considera organizados os campeonatos que você disputa?
13. Você considera que os técnicos, seja o atual ou outro, que já foi seu professor em algum momento diferente da sua carreira, têm conhecimento suficiente para fazer você melhorar seu nível técnico e físico?
14. Você tem pressão do clube, técnico, pais e companheiros para se tornar um atleta profissional?
15. Como é sua relação com seus companheiros de time?
16. Qual a importância de praticar o basquetebol? O que você observa de importante praticando sendo atleta?